



Revista da Sociedade Brasileira de
Atividade Motora Adaptada - SOBAMA

Volume 8 • Número 1 • Suplemento • Dezembro, 2003

Editor-chefe

Eliane Mauerberg-deCastro

Editor-associado

Verena Junghänel Pedrinelli

A revista da SOBAMA é um órgão de divulgação da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada (SOBAMA) .

© Copyright 2003 Revista da SOBAMA

Revista da SOBAMA

Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada

Volume 8 • Número 1 • Suplemento • Dezembro, 2003

Pedro Américo de Souza Sobrinho
Presidente da SOBAMA

Marco Túlio de Mello
Vice-Presidente da SOBAMA

Mey de Abreu van Munster
Secretária Geral da SOBAMA

Joslei Viana de Souza
1a. Secretária

Daniela Sanches Machado
Tesoureira

Silvio Soares Santos
1a. Tesoureira

Conselho Fiscal

Presidente

Francisco Camargo Netto

Membros

Jane Gonzalez
Elisabeth de Mattos

Suplentes

Sonia Maria Ribeiro
Carla Dantés Macedo
Manoel da Cunha Costa

Conselho Consultivo

Kathya Augusta Thomé Lopes
Katia Euclides de Lima e Borges
Sidney de Carvalho Rosadas
José Júlio Gavião de Almeida
Valéria Manna Oliveira

Revista da SOBAMA

Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada

Volume 8 • Número 1 • Suplemento • Dezembro, 2003

A revista da SOBAMA

publica trabalhos de profissionais e pesquisadores de diferentes áreas como educação física e esportes, fisioterapia, educação especial, psicologia e outras cujos manuscritos tenham perfis direcionados à atividade motora adaptada ou pertinentes aos interesses dos leitores da revista da SOBAMA.

Direitos Autorais

A revista da SOBAMA reserva os direitos autorais dos artigos aqui publicados. Qualquer reprodução parcial ou total destes está condicionada à autorização escrita do editor da revista da SOBAMA.

Indexador

A revista da SOBAMA está indexada na SIBRADID

Colaboração

Adriana Inês de Paula

Editoração

Eliane Mauerberg-deCastro, Doutora em Ciências
Debra F. Campbell, Jornalista e Doutoranda em Comunicação

Apoio:

UNESP/IB, Rio Claro, SP
UFMG, Belo Horizonte, MG

Encaminhamento de Manuscritos

A remessa de manuscritos para publicação, bem como toda e qualquer correspondência deverá ser feita para:

Secretaria Geral:

a/c Mey de Abreu van Munster

Secretária Geral da Sobama

Rua Guilherme Orlando Sabino, 111

Residencial Samambaia, São Carlos, SP CEP: 13565-555

e-mail: sobama@terra.com.br

ou diretamente com o

Editor-chefe da Revista da SOBAMA

Profa. Dra. Eliane Mauerberg-deCastro

Departamento de Educação Física, UNESP

Av. 24-A, 1515, Bela Vista

Rio Claro, SP 13506-900

Fone: (x19) 3526-4333

Fax: (x19) 3534-0009

e-mail: mauerber@rc.unesp.br

visite:

<http://www.sobama.br>

Periodicidade

Anual

Revista da SOBAMA

Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada

Volume 8 • Número 1 • Suplemento • Dezembro, 2003

V Congresso Brasileiro da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada

Consultores Ad-hoc especialmente convidados

Adriana Inês de Paula - UNESP, Presidente Prudente

Alberto Martins da Costa - UFU, Uberlândia

Carolina Paioli - UNESP, Rio Claro

Edison Duarte - UNICAMP, Campinas

Eliane Mauerberg-deCastro - UNESP, Rio Claro

Elisabeth de Mattos - USP, São Paulo

Marcia V. Cozzani - UNESP, Rio Claro

Marli Nabeiro - UNESP, Bauru

Mey van Munster - UFSC, São Carlos

Neiza F. Fumes - UFAL, Maceio

Ruth Eugênia Cidade e Souza, UFPR, Curitiba

Sonia Maria Toyoshima Lima - UEM, Maringá

Verena Junghähnel Pedrinelli - UCB, São Paulo

Revista da SOBAMA

Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada

Volume 8 • Número 1 • Suplemento • Dezembro, 2003

V Congresso Brasileiro da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada

Palavras do presidente

No ano em que o próprio Presidente da República adiou o programa Fome Zero em função da escassez de recursos financeiros, nos coube a honra e o desafio de realizar o V Congresso Brasileiro de Inclusão.

Uma exposição sobre Antônio Francisco Lisboa, o "Aleijadinho," nos remete ao Brasil colônia pelos caminhos das Minas Gerais e nos encanta com sua obra maravilhosa.

A programação apresenta artistas com necessidades e qualidades especiais, contempla a apresentação de trabalhos científicos e seminário sobre "Educação Física Adaptada e Inclusão." As mesas redondas relativas à educação, lazer, políticas públicas, trabalho e renda, saúde, atividade e participação, esportoterapia e esporte de reabilitação inovam pela temática, mantêm a "qualidade SOBAMA" e UFMG e primam pela participação de pessoas com deficiência em várias delas.

A temática tem como norte a inclusão e se estende de aspectos psicológicos aos odontológicos, dos fisioterápicos aos terapêutico-ocupacionais, da legislação à educação especial, do lazer em academias ao esporte na natureza, das teorias às tecnologias.

Face aos elevados custos e à situação financeira atual, muitas despesas foram suprimidas como para distribuição de pastas, contratação de receptivos, empresas de organização de eventos. Em compensação, os preços de inscrição são acessíveis e, numa parceria com o Comitê Paraolímpico Brasileiro, serão distribuídas centenas de fitas de vídeo sobre esporte adaptado e paraolímpico, de título Campeão, em que Chitãozinho e Xororó nos encantam com sua voz e com uma letra maravilhosa.

O V Congresso Brasileiro de Inclusão SOBAMA/UFMG te espera. Analise a programação, venha ver a diversidade e qualidade de conteúdos e aproveite para exercer sua solidariedade na operacionalização deste evento que é de todos nós.

Que Deus nos abençoe.

Pedro Américo de Souza Sobrinho
Presidente

Revista da SOBAMA

Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada

Volume 8 • Número 1 • Suplemento • Dezembro, 2003

V Congresso Brasileiro da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada

Programação

Período: 24 a 27 de outubro de 2003

Local: Auditório da Reitoria da UFMG

Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 - Pampulha - Belo Horizonte - MG

24 de outubro de 2003 (sexta-feira)

Solenidade de Abertura

20:00 às 22:00 h – Auditório da Reitoria da UFMG

Apresentações Artísticas

- Apresentação de danças de salão pela bailarina Carla Barrio e Companhia
- Apresentação de danças pelo grupo Sarandeiros, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG
- Coral do Ministério de Surdos da Igreja Batista da Lagoinha

Abertura Solene

- Abertura do congresso pela magnífica reitora da UFMG, professora Ana Lúcia Almeida Gazzola e apresentação do tema “A UFMG e a Inclusão”
- Saudação aos congressistas pelo presidente do Congresso Brasileiro de Inclusão e presidente da SOBAMA, Pedro Américo de Souza Sobrinho – professor da UFMG
- Saudação aos congressistas pelo senador Hélio Costa
- Saudação aos congressistas pelo deputado federal Eduardo Barbosa – vice-presidente da Conferência Interamericana de Inclusão Internacional - CILPEDIM

Conferência: “Políticas Públicas Federais de Inclusão no Lazer e no Esporte”

- Ministro do Esporte Agnelo Santos Queiroz Júnior

Revista da SOBAMA

Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada

Volume 8 • Número 1 • Suplemento • Dezembro, 2003

V Congresso Brasileiro da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada

Programação (cont.)

25 de outubro de 2003, sábado

Auditório da Reitoria da UFMG

8:00 às 9:30 h

Mesa Redonda: "Inclusão no Desenvolvimento Social e no Esporte"

- Secretário de Estado João Leite: "Política de Desenvolvimento Social do Estado de Minas Gerais"
- Vital Severino Neto – Presidente do Comitê Paraolímpico Brasileiro: "Brasil Paraolímpico"
- Urbano Marques - Universidade do Porto, Portugal: "Políticas de Inclusão Adotadas na Europa"

Coordenação: Pablo Juan Greco – Diretor da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG

9:30 às 10:00 h

Abertura da Exposição sobre Antônio Francisco Lisboa: "O Aleijadinho"

Curadora: Maria das Graças Ribeiro – UFMG

10:00 às 12:00 h

Inclusão na Educação

- Vanessa Guimarães Pinto - Secretária de Estado da Educação de Minas Gerais: "Inclusão de Estudantes com Necessidades Especiais no Ensino Regular"
- Ana Lúcia Almeida Gazzola – Reitora da UFMG: "Política de Inclusão na UFMG"

Revista da SOBAMA

Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada

Volume 8 • Número 1 • Suplemento • Dezembro, 2003

V Congresso Brasileiro da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada

Programação (cont.)

- Deputado Federal Eduardo Barbosa - Vice-Presidente da Conferência Interamericana de Inclusão Internacional - CILPEDIM: "Relação entre o Profissional Formado e as Qualificações Demandadas"
- Carlos Roberto Jamil Cury - Membro do Conselho Nacional de Educação/Ex-Presidente da CAPES: "Política de Aperfeiçoamento de Docentes e Inclusão"
- Lilliane Camargos - Representante do Corpo Discente na Comissão Permanente de Apoio ao Portador de Necessidades Especiais - UFMG: "Principais Demandas dos Estudantes, com Necessidades Especiais, Relativas à Inclusão"

Coordenação: Eliane Mauerberg-deCastro - SOBAMA - UNESP, Rio Claro, SP

12:00 h

Apresentação artística por jovens com deficiência mental

12:15 h

Instalação da comissão de Sistematização das Propostas de Inclusão

Coordenação: Marco Túlio Mello - SOBAMA - UNIFESP

14:00 às 16:00 h

Auditório da Reitoria da UFMG: "Esporteterapia e Esporte de Reabilitação"

- Pedro Américo de Souza Sobrinho - SOBAMA - UFMG: "A Esporteterapia como Indutora da Neuroplasticidade na Paralisia Cerebral"
- Carlos Eduardo Negrão - Diretor do Departamento de Reabilitação e Fisiologia do INCOR/USP: "O Papel do Exercício na Reabilitação Cardiovascular"
- Kátia Euclides de Lima e Borges - SOBAMA - UFMG: "Atividade Física e Síndromes Psicóticas"

Revista da SOBAMA

Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada

Volume 8 • Número 1 • Suplemento • Dezembro, 2003

V Congresso Brasileiro da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada

Programação (cont.)

- Luzimar Teixeira - SOBAMA - USP - Instituto Inspira: "Atividade Física na Profilaxia e Terapêutica da Asma"

Coordenação: Admilson Santos – SOBAMA - UEFS

16:00 às 16:30 h

"Inclusão na Educação"

- José Rafael Miranda - SOBAMA/SEESP/MEC: "Legislação Educacional e Inclusão"

Coordenação: Manoel da Cunha Costa - SOBAMA - ESEF, PE

16:30 às 17:20 h

"Aspectos Psicológicos da Inclusão"

- Dietmar Martin Samulski - UFMG: "Motivação e Inclusão"
- Daniel Augusto dos Reis – Ministério Público - Ex-titular da Coordenadoria de Apoio e Assistência à Pessoa Portadora de Deficiência do Estado de Minas Gerais: "O Corpo que Cerceia e o Corpo que Viabiliza"

Coordenação: Manoel da Cunha Costa - SOBAMA - ESEF, PE

17:20 às 17:30 h

Intervalo

17:30 às 18:00 h

"Reabilitação e Inclusão"

- Lucí Fuscaldi Salmella - UFMG: "A Utilização de Academias como Alternativa de Reabilitação de Pessoas com Seqüelas de AVC"

Coordenação: Ângela Zuchetto – SOBAMA - UFSC

18:00 às 19:00 h

"Educação Inclusiva"

- Eliane Mauerberg-deCastro – SOBAMA - UNESP, Rio Claro : "Referenciais Teóricos sobre o Comportamento Motor e suas Adequações à Inclusão na Educação Física Adaptada"

Coordenação: Rodolfo Novellino Benda - UFMG

Revista da SOBAMA

Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada

Volume 8 • Número 1 • Suplemento • Dezembro, 2003

V Congresso Brasileiro da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada

Programação (cont.)

26 de outubro de 2003, domingo

Auditório da Reitoria
Sessão científica com apresentação de trabalhos

8:00 às 10:30 h
Comunicação Oral

10:30 às 11:00 h
Intervalo

11:00 às 12:00 h
Sessão de posters

14:00 às 14:30 h
"Educação e Inclusão"

Conferências: "Recursos Odontológicos para o Paciente Especial"
· Dorcas L.C. Assis - SESI - CIRA, MG: "A Odontologia em Pacientes Especiais"
Coordenação: Valéria Manna Oliveira - SOBAMA - UFU

14:30 às 15:00 h
"Educação Inclusiva"
· Paulo Roberto Brancatti - SOBAMA - UNESP, Presidente Prudente: "Adaptações Curriculares"
Coordenação: Sônia Maria Ribeiro - SOBAMA

15:00 às 15:30 h
"Educação Inclusiva"
· Rodolfo Novellino Benda - UFMG: "Teoria da Aprendizagem"
Coordenação: Joslei Viana de Souza - SOBAMA - UFMS

Revista da SOBAMA

Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada

Volume 8 • Número 1 • Suplemento • Dezembro, 2003

V Congresso Brasileiro da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada

Programação (cont.)

15:30 às 16:00 h

"A Formação de Conceitos pelo Aluno com Deficiência Visual"

- João Antônio Menescal Conde – SOBAMA - Instituto Benjamin Constant

Coordenação: Ruth Eugênia Cidade – SOBAMA - UFPR

16:00 às 16:30 h

"Inclusão no Ensino Superior"

- Maria das Graças Ribeiro - UFMG: "Recursos Didáticos para a Inclusão de Educandos com Deficiência Visual"

Coordenação: Sigrid Bitter – SOBAMA - UFU

16:30 às 17:00 h

"Educação Inclusiva"

- Rosana Maria Tristão: "Distúrbios de Aprendizagem"

Coordenação: Priscila Augusta de Lima - UFMG

17:00 às 17:30 h

"Educação Inclusiva"

- Élvio Marcos Boato - SOBAMA - UnB: "Estimulação Psicomotora na Educação Física Adaptada"

Coordenação: Kátia Euclides de Lima e Borges – SOBAMA - UFMG

17:30 às 19:00 h

"Inclusão no Lazer e em Atividades de Academia"

- Anderson Aurélio da Silva - UFMG: "Prevenção de Lesões"
- José Júlio Gavião - SOBAMA - UNICAMP: "Lazer Junto à Natureza para Pessoas com Deficiência Visual"
- Lúcia Sodré - SOBAMA - Sociedade Brasileira de Mergulho Adaptado: "Mergulho Adaptado com Pessoas com Deficiência"
- Jorge Steinhilber – Presidente do Sistema CONFED

Coordenação: Cláudio Augusto Boschi - CREF, MG

Revista da SOBAMA

Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada

Volume 8 • Número 1 • Suplemento • Dezembro, 2003

V Congresso Brasileiro da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada

Programação (cont.)

19:00 às 19:30 h

Apresentação Artística

- Cantor e Compositor José Carlos

19:30 h

Auditório da Reitoria da UFMG: Eleição da Diretoria da SOBAMA no Biênio 2004-2005

Presidência da Comissão Eleitoral: Francisco Camargo Netto

27 de outubro de 2003, segunda-feira

Auditório da Reitoria

Sessão científica com apresentação de trabalhos

8:00 às 10:30 h

Comunicação Oral

10:30 às 11:00 h

Intervalo

11:00 às 12:00 h

Sessão de posters

14:00 às 15:30 h

Mesa Redonda: "Inclusão na Saúde, Atividade e Participação"

- Zoica Bakirtzief – Representante para o Brasil da American Leprosy Missions: "CIF - Classificação Internacional de Funcionalidade, Deficiência e Saúde; bem como Escala de Participação"
- Elisabeth de Mattos – SOBAMA - USP - Representante da IFAPA (International Federation of Adapted Physical Activity)
- Mauro Chrysóstomo Ferreira – Diretor de Redes Assistenciais da Secretaria de Estado da Saúde de Minas Gerais: "A Estrutura e o Papel das Redes Assistenciais no Processo de Inclusão"

Coordenação: Edison José Corrêa – UFMG - Presidente do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras

Revista da SOBAMA

Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada

Volume 8 • Número 1 • Suplemento • Dezembro, 2003

V Congresso Brasileiro da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada

Programação (cont.)

15:30 às 16:00 h

"Tecnologia a Serviço da Inclusão"

- Marco Niquini – Grupo Fiat: "Desenvolvimento de Soluções Tecnológicas Inovadoras (O Projeto Autonomy)"

Coordenação: Sílvio Soares Santos – SOBAMA - UFU

16:00 às 16:30 h

Reunião dos Membros da Comissão de Sistematização das Propostas de Inclusão

Coordenação: Marco Túlio Mello – SOBAMA - UNIFESP

16:30 às 17:00 h

"Inclusão no Trabalho e Renda"

- Carmen Rocha – Secretária de Desenvolvimento Social e Esporte do Estado de Minas Gerais (ex-Diretora do Departamento de Qualificação Profissional do Ministério do Trabalho)
- João José Pinto Reis - Empresa Brasileira de Correios (Diretor dos Correios de MG).

Coordenação: Daniel Augusto dos Reis – Ministério Público

17:00 às 17:30 h

"Saúde Mental e Inclusão"

- Simone Costa de Almeida – UFMG
- Marta Soares - PBH: "A Terapia Ocupacional na Inclusão de Pessoas com Sofrimento Mental"

Coordenação: Kátia Euclides de Lima e Borges - SOBAMA - UFMG

17:30 às 18:00 h

"Terapia Ocupacional e Inclusão Educacional"

- Marisa Cotta Mancini - UFMG: "Fatores Preditivos de Participação de Estudantes com Necessidades Especiais no Ensino Regular"

Coordenação: Elisabeth de Mattos - SOBAMA - IFAPA - USP

Revista da SOBAMA

Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada

Volume 8 • Número 1 • Suplemento • Dezembro, 2003

V Congresso Brasileiro da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada

Programação (cont.)

18:00 às 18:30 h

“Terapia Ocupacional e Educação Inclusiva”

- Livia de Castro Magalhães - UFMG: “A Terapia Ocupacional na Estimulação Psicomotora da Criança com Necessidades Especiais”

Coordenação: Elisabeth de Mattos - SOBAMA - IFAPA - USP

18:30 às 19:00 h

“Terceira Idade e Inclusão”

- Marcella de Assis Tirado - UFMG: “Aspectos Seleccionados da Atividade Física na Terceira Idade”

Coordenação: Jane Gonzalez - SOBAMA - PUCRS

19:00 às 20:00 h

Seminário de “Educação Física Adaptada e Inclusão” (Auditório da Reitoria da UFMG)

Coordenação: Marco Túlio de Mello – SOBAMA - UFSP e José Rafael Miranda - SOBAMA - SEESP - MEC

20:00 h

Encerramento do Congresso Brasileiro de Inclusão UFMG/SOBAMA e do V Congresso Brasileiro da SOBAMA

Qualificação dos Conferencistas

Profissional

Agnelo Santos Queiroz Júnior

Ana Lúcia Almeida Gazzola

Anderson Aurélio da Silva

Carlos Eduardo Negrão

Carlos Roberto Jamil Cury

Carmen Rocha

Qualificação

Ministro do Esporte

Reitora da UFMG

Fisioterapeuta e professor de educação física

Doutorado em Reabilitação Cardíaca

Membro do Conselho Nacional de Educação/Ex-

Presidente da CAPES

Ex-Diretora do Departamento de Qualificação

Profissional do Ministério do Trabalho

Revista da SOBAMA

Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada

Volume 8 • Número 1 • Suplemento • Dezembro, 2003

V Congresso Brasileiro da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada

Programação (cont.)

Qualificação dos Conferencistas

<i>Professional</i>	<i>Qualificação</i>
Daniel Augusto dos Reis	Ministério Público/Psicólogo e ex-Titular da Coordenadoria de Apoio e Assistência à Pessoa com Deficiência de Minas Gerais
Dietmar Martin Samulski	Doutorado pela Deutsche Sporthochschule Köln
Dorcas L.C. Assis	Coordenadora da Clínica Odontológica para Pacientes Especiais do SESI/CIRA
Edison Duarte	Doutorado
Eduardo Barbosa	Vice-Presidente da Conferência Interamericana de Inclusão Internacional - CILPEDIM
Eliane Mauerberg-deCastro	Doutorado
Elisabeth de Mattos	Doutorado
Élvio Marcos Boato	Mestrado
Francisco Camargo Netto	Doutorado
Hélio Costa	Senador da República
João Antônio Menescal Conde	Diretor Técnico do Instituto Benjamin Constant
João Leite	Secretário de Estado de Desenvolvimento Social
José Júlio Gavião	Doutorado
José Rafael Miranda	Representante da Secretaria de Educação Especial do MEC
Jorge Steinhilber	Presidente do Sistema CONFEF
Joslei Viana de Souza	Mestrado
Kátia Euclides de Lima e Borges	Doutoranda pela Universidade do Porto
Liliane Camargos	Representante do Corpo Discente da UFMG em Comissão Especial de Inclusão
Lívia de Castro Magalhães	Doutorado pela Universidade de Chicago
Luci Fuscaldi Salmella	Doutorado pela Queen's University/Canadá
Lúcia Sodré	Diretora Técnica da Sociedade Brasileira de Mergulho Adaptado
Luzimar Teixeira	Doutorado
Manoel da Cunha Costa	Doutorado pela Universidade do Porto

Revista da SOBAMA

Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada

Volume 8 • Número 1 • Suplemento • Dezembro, 2003

V Congresso Brasileiro da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada

Programação (cont.)

Qualificação dos Conferencistas

Profissional

Marcella de Assis Tirado
 Maria das Graças Ribeiro
 Marisa Cotta Mancini
 Paulo Roberto Brancatti
 Pedro Américo de Souza Sobrinho
 Priscila Augusta de Lima
 Rodolfo Novellino Benda
 Rosana Maria Tristão
 Simone Costa de Almeida
 Urbano Marques
 Vanessa Guimarães Pinto

 Vital Severino Neto
 Zoica Bakirtzief

Qualificação

Doutorado
 Diretora do Museu de Morfologia da UFMG
 Doutorado pela Universidade de Boston
 Mestre em Filosofia da Educação pela UNIMEP
 Presidente da SOBAMA
 Doutorado em Psicologia da Educação/ USP
 Doutorado pela USP
 Doutorado
 Fisioterapeuta/Mestranda pela UFMG
 Doutorado pela
 Secretária de Estado de Educação e ex-Reitora da
 UFMG
 Presidente do Comitê Paraolímpico Brasileiro
 Doutorado em Psicologia pela USP/Coordenadora
 Nacional de Programa de Pesquisa Internacional
 Multicêntrica sobre Exclusão Social de Pessoas com
 Deficiências

Revista da SOBAMA

Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada

Volume 8 • Número 1 • Suplemento • Dezembro, 2003

V Congresso Brasileiro da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada

Sumário

Temas Livres	1
Relato de Experiências	27
Programa de Apresentação Oral	55
Programa de Apresentação de Posters	63
Normas para publicação da Revista da Sobama	73
Informações sobre a sociedade.....	79
Índice de autores	83

Revista da SOBAMA

Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada

Volume 8 • Número 1 • Suplemento • Dezembro, 2003

Resumos

Temas Livres

Políticas Educacionais Inclusivas para Criança Deficiente: Concepções e Veiculações no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte 1978-1999

Cristina Borges de Oliveira

E-mail: cristinborges@bol.com.br

Este trabalho é uma síntese da dissertação de mestrado “Políticas educacionais inclusivas para a criança deficiente: concepções e veiculações no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) 1978-1999,” defendida junto ao programa de pós-graduação da FEF/UNICAMP. Seu objetivo é ampliar a sistematização de conhecimentos e contribuir para o avanço das reflexões na EF sobre a criança deficiente. Problema: Quais as incursões teóricas e práticas sobre a educação da criança deficiente têm marcado a produção dos pesquisadores da educação física divulgada no/pelo CBCE 1978-1999. As fontes de coleta de dados foram: Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE) no período 1978-1999; anais do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE), documentos internacionais que fornecem diretrizes para a implantação de políticas inclusivas como o Programa de Ação Mundial para as pessoas deficientes (PAM) de 1982, a Declaração de Jontiem (1990), a Declaração de Salamanca (1994), a legislação brasileira (LDB 9394/96, Constituição/1988), a literatura específica sobre infância-sociedade e educação especial no Brasil. Análise dos dados: Método análise de conteúdo com enfoque dialético. 1º Pré-análise: primeiras leituras e divisão do material em eixos temáticos. 2º Descrição analítica: aprofundamento dos estudos e construção de um quadro que apresenta todas as publicações no/do CBCE sobre deficiência no período recortado. Seleção apenas dos textos completos, ou seja, 17 publicações para interpretação inferencial. 3º Interpretação inferencial: estabelecimento de relações entre a problemática de pesquisa e a realidade sócio-educacional ampla. A interpretação recaiu sobre o campo epistemológico utilizando a matriz referencial de análise. Categorias de análise: nível metodológico: empírico-analítica, fenomenológico-hermenêutica e crítico-dialética; nível técnico: tipo de pesquisa, instrumentos de coleta e metodologia de análise dos dados; nível teórico: temáticas abordadas, objetivos, propostos, autores mais citados, propostas e críticas apresentadas; nível epistemológico: concepções de criança/ infância/deficiência. Conclusões: Identificamos uma visão naturalizada de criança enquanto ser inocente e puro, de

infância como tempo de felicidade, e de deficiência como déficit biológico, negação das diferenças. Hegemonias do jogo, da dança e da natação como conteúdos mais utilizados e atrelados à questão do prazer e socialização; ecletismo conceitual e fragilidade teórica; hegemonia de concepções naturalizantes e a-históricas de criança, infância e deficiência; práticas centradas na experiência direta sem avanço para níveis mais elaborados de consciência; pouca ênfase na transmissão de conhecimento que venha proporcionar a emancipação, autonomia e senso crítico.

Programa de Educação Física Adaptada: Poder Público e Iniciativa Privada em uma Parceria de Incentivo à Inclusão Social da Pessoa com Deficiência

Ivan Teixeira Cardoso¹, Márcia Cristina Aparecida de Oliveira², Fernanda Hipólito Haddad², Murilo Caccioli de Oliveira², Flávio Gomes Fraga¹, Caio Ferraz Cruz^{2,3}

¹ Prefeitura de Santo André; ² Adapta Atividade Física Orientada; ³ UniABC

Santo André - São Paulo - Brasil

E-mail: itcardoso@hotmail.com

O Programa de Educação Física Adaptada (PEFA) é uma realização da Prefeitura de Santo André - SP, Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer, Departamento de Esporte. Em 1993 iniciou-se o atendimento de aproximadamente 90 pessoas com deficiências em uma piscina pública, semi-olímpica, coberta e aquecida, tendo como objetivo o ensino da natação, com prazer, segurança e o máximo de independência, para fins de lazer, manutenção da saúde ou competição esportiva, visando melhora da auto-estima e da autonomia. Com o intuito de melhorar o atendimento, tanto no que diz respeito à qualidade quanto à quantidade, a administração pública, em comum acordo com a população (organizada na Associação pela Cidadania do Deficiente - ACIDE), empenhou-se para a construção de um novo equipamento - o Núcleo de Apoio à Natação Adaptada de Santo André (NANASA), buscando recursos no Orçamento Participativo Municipal. Em paralelo à construção da obra, o Departamento de Esporte e a ACIDE firmaram parceria com o Pólo Petroquímico do Grande ABC, possibilitando a contratação de profissionais de educação

física, aquisição de materiais e realização de eventos, e com a Universidade do Grande ABC (UniABC), que destinou 15 bolsas de estudo para os alunos do curso de educação física estagiarem no PEFA, aumentando de seis para vinte e cinco o número de profissionais e estudantes envolvidos diretamente. O atendimento, que era de 90 pessoas, passou a ser de 218 pessoas, assim distribuídas: 58% do sexo masculino e 42% do sexo feminino; por faixa etária: 6% de 2 a 5 anos, 39% de 6 a 12 anos, 25% de 13 a 18 anos, 17% de 19 a 29 anos, 12% de 30 a 60 anos e 1% com mais de 60 anos; por deficiência: 44% deficiência mental, 31% deficiência física, 3% deficiência visual, 1% deficiência auditiva, 13% deficiências física e mental, 2% deficiências mental e visual, 1% deficiências física e visual, 1% deficiências mental e auditiva, 1% deficiências física, mental e visual, 1% deficiências física, mental e auditiva, 1% deficiências mental, visual e auditiva e 1% deficiências física, mental, visual e auditiva. O PEFA tem como objetivo final incentivar os alunos que aprenderam a nadar ou adaptaram-se ao meio líquido a freqüentar locais públicos ou privados para que continuem a exercitar a competência adquirida como meio de inclusão social.

Interferência da Prática de Atividade Física no Estado de Ânimo de Pessoas da Terceira Idade

Marcelo Jamil Humsi, Adriana Inês de Paula,
Valter Luiz da Silva Felix
UNIRP - São José do Rio Preto - SP - Brasil
E-mail: depaula@rc.unesp.br

Atualmente os programas de atividade física para a terceira idade estão em evidência, principalmente devido à tão propalada alterações na qualidade de vida que eles propiciam. Essas alterações podem ser observadas não apenas no comportamento motor, mas também no comportamento cognitivo, assim como nos aspectos afetivos e sociais (Spirduso, 1995; Géis, 2003). É muito comum verificar um clima de alegria entre os grupos de terceira idade, principalmente quando envolvidos com a prática da atividade física. Sendo assim, objetivo desse trabalho foi comparar o estado de ânimo de idosos antes e após a prática da atividade física. Para tanto, 9 participantes, sendo 7 mulheres e 2 homens, com idade média de 60,5 (\pm 4,5), freqüentadores a mais de um ano do Grupo da Terceira Idade do SESC-Rio Preto, responderam a uma "lista de estado de ânimo reduzida e ilustrada," elaborada por Volp (2000) que consiste de 16 diferentes estados de ânimo. Estes estados variam desde sinto-me feliz/alegre até sinto-me com medo, e permitiu aos participantes graduar a intensidade desses estados em 4 níveis: muito forte, forte, pouco e nunca. Uma lista foi apresentada pré- e outra pós-prática de 30 minutos de alongamento. Os resultados indicaram um aumento nos níveis de estados de ânimo positivos, tais como: sinto-me agradável, cheio de energia, ativo, e uma diminuição nos

níveis daqueles estados negativos, tais como, sinto-me triste, inútil e desagradável. A análise dos dados possibilitou verificar alterações nos aspectos emocionais, indicando que a prática da atividade física pelos idosos melhora seu estado de ânimo, contribuindo assim para a melhora de sua qualidade de vida.

O Estágio em Educação Física Adaptada na Formação do Profissional de Educação Física: Um Juízo Discente

Ivan Teixeira Cardoso¹, Caio Ferraz Cruz^{2,3}, Murilo Caccioli de Oliveira², Flávio Gomes Fraga¹, Márcia Cristina Aparecida de Oliveira², Fernanda Hipólito Haddad²

¹ Prefeitura de Santo André, ² Adapta Atividade Física Orientada, ³ UniABC
Santo André - São Paulo - Brasil
E-mail: itcardoso@hotmail.com

Uma parceria entre a Universidade do Grande ABC (UniABC) e a prefeitura de Santo André, SP possibilita que alunos do curso de licenciatura em educação física da UniABC complementem e enriqueçam sua formação acadêmica, oferecendo-lhes a oportunidade de realizar um estágio extracurricular no Programa de Educação Física Adaptada (PEFA) do Departamento de Esporte da Prefeitura de Santo André. São oferecidas 15 bolsas de 50% da mensalidade do curso para que os alunos selecionados por professores do PEFA e da UniABC cumpram 20 horas semanais no Núcleo de Apoio à Natação Adaptada de Santo André (NANASA), onde são oferecidas aulas de iniciação à natação para pessoas com deficiências. Além dos estagiários da UniABC, há três estagiários selecionados por concurso público da prefeitura. As aulas ocorrem de terça a sexta e às segundas há reuniões para capacitação dos estagiários e avaliação dos alunos do PEFA. O estágio tem como objetivo proporcionar aos estudantes uma experiência em educação física adaptada, preparando o futuro profissional para lidar com situações reais e aplicar seus conhecimentos obtidos no curso. Foi elaborado um questionário com questões fechadas a fim de verificar, sob o ponto de vista dos estagiários, que aspectos são mais importantes no estágio, quais suas maiores dificuldades e se há relação entre o estágio e o conteúdo das disciplinas do curso. Dos 17 estagiários que responderam o questionário, 41% consideram que o mais importante é a aprendizagem na prática, 41% a aquisição de experiência profissional, 12% o convívio com pessoas com deficiência e 6% o trabalho com natação. Ninguém considera a bolsa o aspecto mais importante. 76% colocam em terceiro lugar (numa escala de 1 a 6) o convívio com pessoas com deficiência. Como aspecto menos importante (sexto lugar na escala), 47% consideram o trabalho com natação. Em relação às dificuldades, as respostas foram bem variadas: 29% consideram que o mais

difícil é compreender o aluno e 29% consideram que é conhecer a deficiência e as características de cada aluno. 100% responderam que há relação entre o estágio e as disciplinas do curso. As disciplinas mais citadas foram: natação (15 citações), educação física adaptada (10), biomecânica (7), fisiologia (6), crescimento e desenvolvimento (4), psicologia (4) e aprendizagem motora (3). Conclui-se, portanto, que o estágio tem atendido às expectativas dos estudantes quanto à complementação da formação acadêmica e que a universidade tem desenvolvido nestes estudantes competências, conhecimentos e habilidades que se aplicam diretamente à prática profissional.

O Conhecimento de Tecnologia “Assistiva” pelo Professor de Educação Física Adaptada

Alda Sônia Peres Brasileiro,
Maria da Consolação G. Cunha F. Tavares
UNICAMP – Campinas – SP – Brasil
E-mail: alda.s@uol.com.br

Durante a elaboração de um programa de atividade motora adaptada, é preciso ter em mente que a educação física deva contemplar a todos. Por isso, a atividade deverá ser adaptada de acordo com a necessidade de cada aluno. Para obter melhor desempenho, muitas vezes será necessário adaptar o equipamento à pessoa, bem como o ambiente em que a atividade será desenvolvida. Preenchendo esses aspectos estaremos praticando a tecnologia “assistiva.” Ao considerar a importância da tecnologia “assistiva,” a amplitude de serviços que ela oferece hoje e, ao mesmo tempo, sabendo que os conhecimentos em tecnologia “assistiva” se encontram dispersos e pouco acessíveis na literatura, questionamos: será que os alunos do curso de atividade motora adaptada conhecem e/ou aplicam esse instrumento? O objetivo deste estudo foi verificar o conhecimento e a experiência com a tecnologia “assistiva” entre os alunos do Curso de Especialização de Atividade Motora Adaptada da FEF, UNICAMP. Realizamos uma pesquisa de campo mediante a técnica de aplicação de questionário que incluiu perguntas relacionadas com o local de atuação, tipo de clientela, se atua com atividade motora adaptada, se na clientela há pessoas com deficiência física, se encontra dificuldades para posicioná-lo durante a realização das atividades, se conhece a tecnologia “assistiva,” se utiliza, e se acredita que poderia melhorar a qualidade de suas aulas se a tecnologia “assistiva” estivesse mais integrada à atividade motora adaptada como um todo. Para finalizar, solicitamos descrever e apontar a função da tecnologia “assistiva.” A partir da análise dos questionários, pudemos constatar que, entre os 26 sujeitos pesquisados, dos quais constavam 20 professores de educação física, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais e um pedagogo, onde a maioria atua com a atividade motora adaptada em instituições, escolas e academias, e que sua clientela se

compõe de portadores de deficiência física com dificuldades para se posicionar durante as atividades. Dos alunos que responderam ao questionário, 17 não conhecem a tecnologia “assistiva” e 22 acreditam que poderiam melhorar a qualidade de suas aulas se a tecnologia “assistiva” estivesse mais integrada na atividade motora adaptada como um todo. Nas respostas sobre descrever e apontar a função da tecnologia “assistiva” verificamos que a maioria tem pouco conhecimento sobre ela. Concluímos que a escassez de conhecimento e a relevância da tecnologia “assistiva” em ampliar as possibilidades de experiências motoras apontaram a importância da divulgação desse assunto entre os professores que atuam com a atividade motora adaptada.

O Professor de Educação Física: Opinião das Pessoas com Deficiência

Sonia Maria Toyoshima Lima, Josiane Fujisawa Filus,
Edison Duarte, Ane Beatriz Dalquano, Raphael
Lourenço Lang Dias, Karenn Patrícia Nakada
UEM – UNICAMP – Paraná – Brasil
E-mail: toyolima@wnet.com.br

O trabalho com atividade física para pessoas com deficiência é um campo emergente na área da educação física. A cada dia cresce mais o número de pessoas com deficiência que procuram desenvolver atividades físicas por motivos de lazer, reabilitação, esportiva e desportiva competitiva. Observa-se porém, que a demanda de profissionais na área específica ainda está deficitária, considerando que os egressos de uma universidade não se sentem preparados para trabalhar com essa população. Qual será a visão da pessoa com deficiência que desenvolve a prática de uma atividade física? Desta forma, procuramos desenvolver uma pesquisa para verificar a opinião das pessoas com deficiência a respeito da presença do professor de educação física para o desenvolvimento de uma atividade física. Utilizamos como instrumento de pesquisa a entrevista estruturada, tendo como grupo amostral dez pessoas com deficiência física, sendo seis mulheres e quatro homens que participavam do V Encontro Nacional do Centro de Vida Independente (CVI) realizado em Maringá, Paraná. Os participantes eram representantes de diferentes estados do Brasil. Entre os principais resultados identificamos que, os entrevistados consideram muito importante a presença do profissional de educação física para orientação nas atividades. Eles enfatizam que os professores não são terapeutas ou fisioterapeutas, mas profissionais que buscam orientá-los nas atividades, não apenas para a reabilitação e tratamento. Todos os entrevistados informaram a dificuldade em participar de um programas de atividade física apresentando como fatores principais: a falta de disponibilidade do professor em oferecer um atendimento mais individualizado, e a falta de estrutura dos locais para a prática da atividade física. Identificamos também a preocupação de alguns

entrevistados sobre a formulação de conceitos sobre a pessoa com deficiência. Eles apontam a formação profissional como responsável na desmistificação, comentando que, enquanto profissionais, a dessensibilização é de suma importância, pois os mesmos devem informar sobre a diversidade humana. Ao analisar as opiniões, concluímos que entre os entrevistados fica a percepção de que os professores de educação física, que estão trabalhando com essa população, demonstram apresentar conhecimento sobre o trabalho desenvolvido. Os entrevistados acreditam que os cursos de formação em educação física estejam preparando profissionais para trabalhar com essa população, embora mencionem a responsabilidade sobre a desmistificação social. Outro destaque relatado foi sobre o vínculo afetivo que os mesmos encontram no professor de educação física, comentando que o professor não vê a pessoa com deficiência no modelo médico, ou como uma pessoa que se reabilita, mas como aquele que trabalha o todo no indivíduo.

Interpretação em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) no Curso de Educação Física: O Olhar do Intérprete e do Acadêmico Surdo

Paula Streb Nogueira, Fabrício Mähler Ramos
Universidade Luterana do Brasil - ULBRA – RS – Brasil
E-mail: paula.sn@ig.com.br

O intérprete de LIBRAS exercendo a mediação entre ouvintes (professor universitário) e surdos (alunos), refletindo na formação profissional do acadêmico de educação física surdo. O objetivo deste estudo é descrever e analisar as experiências do uso da LIBRAS nesse contexto sobre o ponto de vista do intérprete e do acadêmico. A metodologia deste estudo é de cunho descritivo através de observação participante do intérprete de LIBRAS, graduada em educação física e nove surdos acadêmicos de educação física, de ambos os sexos na faixa etária de 20 a 35 anos. Foram feitos registros das situações de interpretação no período de dois anos, acompanhando nove acadêmicos; e também as discussões com os mesmos sobre essa mediação, incluindo o depoimento de um acadêmico de terceiro semestre. Assim, o estudo subdividiu-se em duas perspectivas: a percepção do intérprete de LIBRAS abordando a) situações cotidianas nas mediações realizadas em aulas teóricas, b) práticas com ou sem uso de materiais, c) práticas em espaço aberto, e d) aulas com utilização da música e movimento; e a percepção do acadêmico surdo participante dessas situações. Os resultados deste estudo apontam para necessidades específicas para o trabalho do intérprete no curso de educação física. Necessidades que, se atendidas, melhoram a compreensão do surdo. De acordo com o intérprete, há algumas dificuldades no exercício da mediação em aulas teóricas, pela movimentação dos docentes e uso de recursos audiovisuais e, nas aulas práticas, pela distração dos

ambientes adjacentes (quadras poliesportivas) e da dinâmica da atividade física. Constatou-se a necessidade a) a reestruturação dos espaços físicos, b) a importância da presença do intérprete com formação na mesma área acompanhando-os permanentemente facilitando a compreensão da sinalização e conteúdos, c) a criação de um espaço para a aprendizagem da LIBRAS, cultura surda e convivência com outros surdos dentro da estrutura do curso, e d) reuniões semestrais com corpo docente e surdos acadêmicos. Através desse estudo, foi possível perceber que o intérprete LIBRAS inserido no contexto do esporte e da atividade física necessita de condições específicas para exercer a mediação e que é necessário mais estudos nessa área.

Educação Física Escolar para Alunos de Classes Especiais: Deficientes Auditivos e Visuais

Giselle de Arruda Barreiros da Motta, Gracielle Santiago Barbosa, Paulo Roberto Brancatti
UNESP Campus de Presidente Prudente SP
E-mail: paulobrancatti@uol.com.br

O papel da educação física inclusiva vem aumentando sua atuação nas escolas gradativamente, após amplos debates surgidos na área a partir dos anos de 1980. Esta discussão enfatiza a necessidade de se trabalhar com a população deficiente priorizando atividades que envolvam ações corporais. Dentre estes princípios, a disciplina da educação física inclusiva escolar participa plenamente no desenvolvimento corporal do indivíduo, melhorando as habilidades motoras, cognitivas, afetivas e sociais, desempenhando, deste modo, seus objetivos. É através de jogos e brincadeiras, atividades recreacionais, iniciação esportiva e atividades de danças, selecionadas e adaptadas a cada deficiência específica, que nossa atividade de aula é planejada e executada, respeitando os limites e a individualidade do aluno. As atividades são estendidas para duas salas especiais, uma com alunos com deficiência auditiva e outra visual, num total de quinze alunos, crianças e adolescentes. Durante este período de trabalho, março de 2003 até o presente momento, foi possível constatar notáveis mudanças em relação às habilidades motoras, cognitivas e afetivas. As crianças são motivadas a participar das aulas, revelando seus interesses nas atividades propostas. Finalmente, como estagiárias no projeto na área, este trabalho tem nos motivado muito para contribuir com nossa formação acadêmica do curso de educação física da F.C.T. / UNESP de Presidente Prudente.

Considerações da Pessoa com Deficiência sobre a Atividade Física

Ane Beatriz Dalquano, Raphael Lourenço Lang Dias, Karenn Patrícia Nakada, Sonia Maria Toyoshima Lima, Josiane Fujisawa Filus, Edison Duarte

*UEM - Maringá - PR - UNICAMP
Campinas – SP – Brasil
E-mail: raphalang@ig.com.br*

Pesquisadores na área do exercício físico têm comprovado que a prática da atividade física, juntamente com a devida escolha do como praticar, identificando as condições físicas e individuais, são requisitos básicos e fundamentais para que participantes possam obter uma qualidade de vida mais eficaz para suas atividades de vida diária (AVD). Nesse aspecto, cada vez mais as pessoas envolvem-se com a prática de uma atividade física. Não diferente desse contexto, as pessoas com deficiência também buscam cada vez mais participar das atividades. A partir da oportunidade de estar em um encontro onde quase todos os presidentes, vice-presidentes e/ou representantes do Centro de Vida Independente (CVI) de quase todos os estados do Brasil participavam, realizamos uma pesquisa com objetivo de verificar a opinião das pessoas com deficiência sobre a atividade física e se os mesmos desenvolviam alguma prática esportiva. Utilizamos como instrumento de medida uma entrevista estruturada, com dez participantes, sendo seis mulheres e quatro homens que participavam do Encontro Nacional do CVI, realizado em Maringá – Paraná. Constatamos que todos os entrevistados consideram a prática da atividade física muito importante, apresentando como fatores importantes, o auxílio e o benefício à saúde, e a socialização ao desenvolver a prática. Apesar destas considerações, e lamentando o fato, somente 20% desenvolviam efetivamente alguma atividade física. As justificativas recaíram nas dificuldades de deslocamento (de casa ou do trabalho para o local da prática) e na falta de adaptações em academias e ginásios de esportes. Os motivos que os levam a participar das práticas são: pela própria prática do exercício físico para o lazer, saúde, mas principalmente, pela competição desportiva. Concluímos com estes resultados que as pessoas com deficiência querem muito desenvolver uma prática esportiva. Porém, também identificamos, através das falas, que ainda existem vários obstáculos sociais e estruturais a serem vencidos, como: deslocamento, barreiras arquitetônicas, mas principalmente as dificuldades quanto ao preconceito. Um dos entrevistados comenta que: “tem que mudar, não só o preconceito para com a pessoa com deficiência, mas tem que mudar o espírito do preconceito e que a gente tem que estar aberto a mudanças e transformações.” Consideramos que muitas conquistas já se efetivaram, mas que muitas limitações ainda se instauram como obstáculos na contra-mão da autonomia e da independência das pessoas com deficiência.

O Profissional de Educação Física e a Educação Inclusiva nas Escolas Estaduais da Cidade de Bauru

*Ubiratan Franco de Godoy, Chimenia X. C. da Silva, Livia M. C. Rolim, Ricardo Vitorio, Sabrina A. Giaccon, Shirley R. Perissinoto, Marli Nabeiro
LAPEF/Departamento de Educação Física UNESP – Bauru – SP – Brasil
E-mail: ubiratangodoy@ig.com.br*

Atualmente um dos maiores desafios no setor público de ensino é a questão da educação inclusiva, e a educação física tem por finalidade auxiliar nessa política de ensino, incluindo seus alunos com necessidades especiais e evitando segregações em suas aulas. Dessa forma, é essencial que o professor tenha em sua formação conhecimento suficiente para que não haja nenhuma barreira para o ensino de seus alunos com necessidades especiais. Assim, o presente trabalho propôs uma análise para obter informações de como se encontra a educação inclusiva dentro das aulas de educação física regular no sistema público de ensino na cidade de Bauru/SP. Com o auxílio da Diretoria Regional de Ensino de Bauru, foram distribuídos questionários para todos os professores de educação física da rede que estão atuando neste momento, abordando, por exemplo, sua formação e sua prática com alunos com necessidades especiais. Foram analisados 122 professores de 54 escolas de um total de 72 da região de Bauru. Dentre os professores, 50% que atuam na rede hoje, concluíram sua graduação nas décadas de 70 e 80, sendo que apenas no final dos anos 80, mais especificamente em 1987, o Conselho Federal da Educação sugere que os currículos de graduação em educação física sejam modificados incluindo a educação física adaptada como conteúdo. Os outros 50% dos professores concluíram a graduação após a década de 90, porém, mesmo esses professores que concluíram o curso nesse período apenas 54% tinham em seus currículos a educação física adaptada. Os índices se agravam em relação a cursos de extensão e especialização específica ou, que de certa forma, abordaram o assunto, com apenas 17% dos 122 professores que responderam ao questionário. Estes dados configuram uma situação incoerente, pois mesmo sem os conteúdos da área, os professores têm o desafio de atuar com alunos com necessidades especiais em suas aulas. Conclui-se que os professores estão despreparados para uma eficaz atuação nas aulas de educação física regular na educação inclusiva. Baseado neste trabalho, sugerimos uma intervenção imediata que proporcione a preparação destes profissionais para uma atuação de sucesso junto aos alunos com necessidades especiais.

A Família no Processo de Inclusão Social da Pessoa com Deficiência

Ivan Teixeira Cardoso¹, Murilo Caccioli de Oliveira²,
Márcia Cristina Aparecida de Oliveira², Fernanda
Hipólito Haddad², Flávio Gomes Fraga¹,
Caio Ferraz Cruz^{2,3}

¹ Prefeitura de Santo André

² Adapta Atividade Física Orientada, ³ UniABC

Santo André - São Paulo - Brasi

E-mail: itcardoso@hotmail.com

A Prefeitura de Santo André com o patrocínio do Pólo Petroquímico do Grande ABC e apoio da Universidade do Grande ABC (UniABC) e da Associação pela Cidadania do Deficiente (ACIDE) desenvolve dentro do Programa de Educação Física Adaptada (PEFA) um curso de iniciação à natação, que tem por objetivo incentivar pessoas com deficiência a participarem de atividades esportivo/recreativo/culturais em locais públicos ou privados. A duração do curso é de um a três semestres e após este período o aluno é desligado e incentivado a exercitar esta competência adquirida para fins de manutenção da saúde, recreação ou competição. Com o intuito de saber se o aluno dará continuidade à prática da natação ou outras atividades esportivo/culturais após seu desligamento, elaborou-se uma avaliação composta por duas fases, sendo entrevista e questionário respectivamente. Participaram da avaliação oitenta pessoas, sendo os familiares ou às vezes o próprio aluno. Na entrevista foi explicado o significado de atividades esportivo/culturais e anotado o que era realizado antes e após iniciar o curso. No questionário foi perguntado o pretendido após a saída do curso. Para não ocorrer influência nas respostas, era obrigatório a não identificação, além de não haver a presença do entrevistador e a folha deveria ser colocada em uma urna. Dos 80 alunos que responderam o questionário: 49% realizavam atividades esportivo/culturais com regularidade (aulas de ginástica, natação, música, pintura) e 51% não realizavam atividades. 20% continuam a realizar atividades após sua entrada no curso e 80% desistiram das outras atividades ou já não as faziam. 90% têm a intenção de realizar regularmente uma ou mais atividades esportivo/culturais, sendo que 74% pretendem continuar a praticar natação além de outras modalidades esportivas e 16% preferem atividades culturais. 6% não pretendem procurar atividades esportivo/culturais, alegando que não existem atividades para seus filhos ou cansaço do familiar. 4% não entregaram o questionário. Conclui-se que devido a elevada porcentagem de familiares e alunos que alegam interesse em procurar outros locais para dar continuidade às atividades esportivo/culturais verifica-se a necessidade em acompanhar estas famílias para legitimar tal intenção. Outras respostas indicaram a necessidade de ampliação desta pesquisa a fim de compreender melhor a resistência à inclusão e quais mecanismos para tornar o PEFA mais eficiente e assim alcançar seus propósitos.

(Re)Construindo a História das Pessoas com Deficiência na Educação Física: Um Estudo a Partir dos Alunos (as) do Núcleo de Educação Física e Esporte Adaptado (NEFEA)

João Danilo B. de Oliveira, Admilson Santos
Núcleo de Educação Física e Esporte Adaptado
(NEFEA) - UEFS – Bahia – Brasil
E-mail: jdanilobo@yahoo.com.br

A sociedade moderna passa por um período de desenvolvimento de políticas de inclusão social para as pessoas com deficiência. Segundo Sasaki (1997), para entendermos esse novo paradigma na educação física faz-se necessário analisar/pesquisar a história desses sujeitos no contexto da prática de atividades motoras, esportivas e de lazer. Este trabalho tem como objetivo (re) construir as histórias dos alunos do NEFEA na história da educação física. Utilizamos para a realização deste trabalho original, classificado como qualitativo, a pesquisa descritiva. O método de coleta de dados foi a entrevista semi-estruturada e a interpretação dos dados feita através da técnica de análise do discurso de Bardin (1997). Neste caso, o grupo pesquisado encontrou-se como informante e objeto do estudo. A amostra contou com 12 alunos com deficiência que realizam atividades no NEFEA, com idades entre 19 e 46 anos, sendo nove do sexo masculino e três do feminino. Dentre eles, cinco são portadores de deficiência visual, seis de deficiência física e um com múltiplas deficiências. A partir da interação dos depoimentos com nossa pesquisa bibliográfica mapeamos diferentes rumos da educação física com essas pessoas: 1. educação física escolar, 2. educação física especial (instituições especializadas), 3. educação física e esporte de competição, ressaltando que essa não ocorre separadamente. Percebemos também uma lacuna entre a produção de discursos nesta área e sua materialização na prática das aulas de educação física e nas atividades motoras esportivas e de lazer.

Representação Social do Núcleo de Educação Física e Esporte Adaptado no Olhar das Pessoas Portadoras de Deficiência

João Danilo B. de Oliveira, Admilson Santos
Núcleo de Educação Física e Esporte Adaptado (NEFEA) – UEFS – Bahia
E-mail: jdaniло@yahoo.com.br

Este estudo qualitativo, classificado como teórico-empirista vem pesquisar/refletir a educação física e o esporte para pessoas portadoras de deficiência (PPD). Para tanto, exigiu o diálogo constante entre autores da área através da pesquisa bibliográfica, bem como, do grupo pesquisado, através do levantamento das representações sociais. O objetivo deste estudo é localizar e levantar discussão acerca dos elementos principais da representação social dos alunos NEFEA sobre a importância deste núcleo e suas influências no processo de inclusão social. Para tal utilizamos a metodologia de Abric (1994), *O Núcleo Central da Representação Social* que, segundo este autor, "(...) toda representação está organizada em torno de um núcleo central, que determina ao mesmo tempo, sua significação e sua organização interna." Para tanto, estabelece critérios metodológicos a serem seguidos e organizados em três etapas: investigação do conteúdo da representação, estudo das relações entre os elementos da representação, sua importância relativa e sua hierarquia e a determinação do núcleo central com a verificação da centralidade da hierarquia e centralidade posta em evidência. Encontramos os elementos centrais no grupo pesquisado ancorados no anseio e na luta dos movimentos de e para deficientes, por uma participação mais efetiva na sociedade e que vêm a importância do NEFEA-UEFS como um local onde podem demarcar espaços e firmarem seus direitos de participação social. Apesar de, com esse estudo, percebermos que houve grandes avanços no trato dos conhecimentos da educação física e de sua base epistemológica para atender as PPD, essa área ainda precisa avançar mais e produzir conhecimentos que viabilizem uma educação física inclusiva.

Representação de Saúde-Doença por Mulheres Portadoras de Cegueira Congênita

Sandra Regina Rosa Farias¹, Admilson Santos,
Maria Lúcia Silva Servo
UEFS – Bahia - Brasil
E-mail: ad-sandra@uol.com.br

O nosso estudo surge a partir da participação da mulher na sociedade. Ao longo do tempo, percebermos que o corpo feminino se tornou alvo de determinações e imposições às quais foi obrigada a se moldar em busca de uma aceitação ou "normalidade." Indo na contra-mão desta "normalidade," como podemos discutir sobre o corpo da mulher deficiente numa sociedade de eficientes, de corpos belos e saudáveis?

Vistos como improdutivos, os deficientes são isolados e deixados à margem de um processo de construção histórica. Como então perceber e retirar da marginalidade um corpo teoricamente improdutivo, incapaz, assexuado e por vezes visto como doente: o corpo da mulher deficiente? Assim, quais as representações que mulheres portadoras de cegueira têm da saúde-doença? Os objetivos são: identificar quais são as representações de saúde-doença de mulheres portadoras de cegueira congênita e investigar se estas representações podem interferir na sua relação com a sociedade. Para o desenvolvimento deste estudo estamos utilizando a pesquisa qualitativa com roteiro de entrevista semi-estruturada. Até o momento algumas representações estão surgindo com maior frequência: normalidade – "mesmo com minha doença, não deixo de fazer nada;" solidariedade – "pessoas que enxergam podem ajudar a gente." O que fica evidente por enquanto é o mito da cegueira enquanto doença.

¹ Núcleo de Educação Física e Esporte Adaptado (NEFEA)

Desenvolvimento de Metodologia de Avaliação das Competências e Desempenho dos Profissionais da Equipe de Saúde da Família e sua Relação com as Causas do Abandono da Caminhada pelos Hipertensos

Roselane da conceição Lomeo, Alberto Hatim
Ricardo, Ivana Cristina de H.C. Barreto
*Escola de Saúde da Família Visconde de Sabóia
Sobral – Ceará – Brasil*
E-mail: roselanelomeo@yahoo.com.br

Introdução: A hipertensão arterial é uma doença de alta prevalência, atingindo cerca de 15 a 20% da população adulta. No Brasil, estudos regionais mostram que na região nordeste, as prevalências vão de 7 a 40%. Tomando em consideração a importância da incorporação dos pacientes hipertensos à atividade física sistemática e, ao mesmo tempo, o fato do comum abandono, consideramos de grande utilidade a elaboração de uma metodologia para abordagem das causas de abandono relacionadas a competência e desempenho das equipes de saúde da família. Objetivo: Desenvolver uma pesquisa sobre a competência e desempenho das equipes da saúde da família em relação à incorporação e ao acompanhamento dos pacientes hipertensos incluídos na prática sistemática da caminhada no município de Sobral/CE. Descrição da experiência: Foram desenhadas várias estratégias, como: avaliação do processo de incorporação do grupo e a atuação profissional dos membros da equipe de saúde (médico, enfermeira, educadora física, fisioterapeuta, nutricionista, auxiliar de enfermagem). Para tanto, foram contemplados diferentes critérios e instrumentos, para avaliar o referido processo de trabalho individual e grupal. Entre os instrumentos utilizados estão as entrevistas, e os questionários de avaliação de competência e desempenho profissional e técnica de grupo

focal. A amostra consta de 30 pacientes hipertensos, na faixa etária de 55 a 78 anos submetidos a terapêuticas de tratamento. Resultado: contamos com uma metodologia que nos permitiu acompanhar e avaliar a aderência ao tratamento e as intervenções educativas necessárias para alcançar as competências necessárias para se obter resultados eficientes através da prática sistemática da atividade física. Ainda, a metodologia serviu para verificar as causas do abandono do paciente hipertenso incorporado ao grupo de caminhada. No período de novembro de 2002 a agosto de 2003, 31% dos hipertensos abandonaram a caminhada. Nenhuma das causas do abandono foi atribuída ao desempenho e competência da equipe de saúde da família. Conclusão: As causas do abandono da caminhada pelos pacientes hipertensos são atribuídas a vários fatores que não estão relacionados com a competência e desempenho da equipe de saúde da família e sim a problemas de saúde (66,66%), falta de apoio da família (22,22%) e crença religiosa (11,11%).

A Interdisciplinaridade nas Instituições Especializadas de Taubaté, Tremembé e Pindamonhangaba - SP:

Uma Questão Também da Educação Física

Cíntia Campos Pierotti, José Luiz Rodrigues

UNICAMP - São Paulo - Brasil

E-mail: ciperotti@universiabrasil.net

O presente estudo, de natureza qualitativa, apresenta uma investigação quanto aos aspectos interdisciplinares ligados à educação física em instituições especializadas que atendem pessoas portadoras de deficiência mental das cidades de Taubaté, Tremembé e Pindamonhangaba - SP, sob a ótica dos professores de educação física das mesmas. Os dados foram coletados utilizando como forma metodológica de pesquisa de campo a entrevista semi-estruturada, e analisados sob o compartilhamento de idéias de diversos autores como Japiassu, Fazenda, Andrade, Rodrigues, etc. em uma revisão de literatura. Os dados deram embasamento para uma reflexão sobre o modo com que os profissionais de educação física, atuantes na área da educação especial, enxergam a interdisciplinaridade em sua conceituação, entendimento e aplicabilidade. Ainda, os dados permitiram uma reflexão sobre o modo com que estes profissionais notam ou não sua real importância para um alcance efetivo de objetivos em comum dentro de instituições especializadas cujo quadro profissional é composto por diversas disciplinas. Conclui-se com esse trabalho que os profissionais de educação física dessas instituições ainda apresentam uma visão muito limitada sobre os aspectos interdisciplinares. Ainda, que a educação física só não é mais aplicada, ou até mesmo, aplicada de maneira mais coerente, porque os mesmos, não conseguiram ainda notar que o diálogo e a complementação de conhecimentos só sugerem um trabalho mais rico às pessoas que se encontram sob seus cuidados.

Essa pesquisa ressalta o quanto é interessante retomar o tema interdisciplinaridade mostrando cada vez mais sentido e orientação ao trabalho em grupo junto à população portadora de deficiência mental, apresentando e considerando finalmente que esta ainda está por ocorrer.

Acessibilidade para Cadeirantes e Cegos em Clubes e Academias do Município de São Leopoldo: Um Estudo Descritivo-Exploratório

Rangel Ricardo Garcia Maciel,

Cláudio Marques Mandarino

UNISINOS - São Leopoldo - RS - Brasil

E-mail: cmandari@terra.com.br

Este estudo trata da acessibilidade em clubes e academias para as pessoas que são cadeirantes e cegas (CC) no município de São Leopoldo. Os seus objetivos estão em fazer um levantamento sobre as adaptações que visam garantir aos dois segmentos o acesso ao esporte e ao lazer bem como verificar se os clubes e academias estão adequando-se às normas da NBR 9050. Definimos, portanto o seguinte problema: De que forma os clubes e academias garantem a acessibilidade para os CC no município de São Leopoldo? O trabalho está dividido em duas partes: a) na primeira tratamos da acessibilidade, práticas desportivas e de lazer na cidade. O crescimento das cidades ainda não conseguiu contemplar o espaço para o lazer urbano relacionado às pessoas CC em dois aspectos: a autonomia e segurança (Lei 10.098) e a eliminação das barreiras urbanísticas. Se, para Dumazedier (1975) o lazer é um conjunto de ocupações de livre vontade para divertir-se, recrear-se e formar-se, é fundamental que isto seja garantido para todas as pessoas. Garantir a acessibilidade dos CC aos locais de lazer, como clubes e academias, além de ser um direito àqueles que procuram estes locais é dever dos responsáveis por estes estabelecimentos. b) Este é um estudo descritivo-exploratório. Participaram do estudo 6 clubes e 16 academias. O instrumento para a coleta de dados constou de oito itens que tratavam da acessibilidade: símbolo internacional de acesso (SAI); quadra desportiva; rebaixamento na calçada de acesso ao local; sanitários; trânsito interno e externo, no local, com cadeira de rodas; piso para trânsito de carros; sala multiuso e acesso ao piso superior. Verificou-se a frequência e os percentuais das variáveis envolvidas. Os dados nos mostraram que somente 9,1% dos estabelecimentos possuíam o SAI. Em relação às quadras desportivas somente 18,2% as possuíam. Destas, desportivas sendo que somente 6% delas possuíam acessibilidade. 50% dos clubes e academias encontram-se no centro da cidade e os demais distribuídos em sete bairros. Somente 40,9% dos locais visitados possuem rebaixamento nas calçadas para o acesso. Em relação aos sanitários encontramos 13,6% de acesso e 9,1% com barras. Para acesso pelas escadas, somente 9,1% dos locais possuíam adaptações no corrimão. Para hidratar-

se, 13,6% dos bebedouros estão acessíveis. O piso externo é acessível somente em 36,4%. Internamente 40,9% dos locais são acessíveis e 9,1% destes espaços possuem rampas internas. Nas vias para carros, 63,7% são de asfalto, 31,8% de paralelepípedo e 4,5% de terra. As salas de multiuso são acessíveis em 13,6% dos locais. Conclusão: o estudo nos mostra que a garantia para o lazer e o desporto, atualmente, está dificultada por uma séria de impedimentos relacionados à acessibilidade.

Condições de Acessibilidade dos Cadeirantes no Município de Minas do Leão: Um Estudo Descritivo-Exploratório

Élida Marisa Flôres Luiz, Cláudio Marques
Mandarino

ULBRA – Canoas RS – Brasil
E-mail: cmandari@terra.com.br

Este estudo trata de uma análise sobre as condições de acessibilidade dos cadeirantes (CDs) no município de Minas do Leão. O seu objetivo está em identificar o acesso desta população. Neste trabalho são abordados temas sobre a cidade, a acessibilidade para os CDs e a garantia de lazer e esporte a esta população. O tema em foco permite analisar a cidade através da paisagem e do espaço. A paisagem é um conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. É o conjunto de elementos naturais e artificiais que, fisicamente, caracterizam uma área. Os espaços são as formas mais a vida que as anima. O espaço é sempre um presente, uma construção horizontal, uma situação única. O espaço é um sistema de valores que se transforma permanentemente (Santos, 1996, p.83). Na segunda parte, iniciamos com a metodologia. Este é um estudo descritivo-exploratório. Foram analisados 20 locais identificando a frequência e os percentuais nas questões relativas à acessibilidade em clubes, praças públicas, campos de futebol, escolas e ginásios desportivos (locais). Na análise e discussão dos dados foram identificados o ginásio municipal e cinco escolas que apresentam condições de acessibilidade. O instrumento para a coleta de dados constou de sete itens que tratavam da acessibilidade: quadra desportiva; rebaixamento na calçada de acesso ao local; sanitários; trânsito interno e externo, no local, com cadeira de rodas; piso para trânsito de carros; sala multiuso e acesso ao piso superior. Em relação às quadras desportivas somente 20% possuíam acessibilidade e somente 5% possuíam o piso adequado para a prática do basquetebol sobre cadeira de rodas. Em relação aos sanitários, 15% dos locais possuíam acessibilidade. Para o trânsito externo locais, 15% possuem barreiras arquitetônicas, 70% não e 15% possuem parte das adaptações necessárias. Para ter acesso aos locais somente 5% tinham calçada adaptada. Em relação à via para carros, 34,6% é de asfalto, 26,9% de paralelepípedo e 38,5% terra.

Para ter acesso interno nas salas 20% são acessíveis, 55% não e 25% para algumas salas. Dos locais investigados 45% encontram-se no centro da cidade e os demais distribuídos em cinco bairros. Na conclusão, destacamos que cabe ao poder público, em conjunto com as entidades, firmarem o compromisso no atendimento e na adequação da acessibilidade aos CDs. Conforme a análise dos vinte locais onde aconteceu a pesquisa, poucos possuem algum tipo de adaptação para a população CD, enquanto os demais não possuem. Nota-se que esta inexistência de adaptações impede que o CD se desloque com autonomia e segurança e possa desfrutar de atividade de lazer e desporto.

Análise das Condições de Lazer Desportivo da População com Necessidades Especiais no Município de São Leopoldo – RS: Um Estudo Descritivo Exploratório

Cláudio Marques Mandarino, Maria Aparecida
Marques da Rocha, Maura Corcini Lopes, Euclides
Redin, Andréa Fricke Duarte, Célia Maria Teixeira,
Cínara dos Reis Barbosa,
Paulo Ricardo Oliveira Dias
UNISINOS – São Leopoldo - RS - Brasil
E-mail: cmandari@terra.com.br

Esta pesquisa teve como objeto de investigação as condições de vida das pessoas com necessidades especiais (PNE) no município de São Leopoldo. O seu objetivo foi de subsidiar o Ministério Público com dados sobre as PNE para que sejam garantidos os seus direitos, segundo o decreto nº 3.298. Este projeto teve o apoio da FAPERGS/UNIBIC. A investigação aproxima-se do tema da Cidade. Santos (1993), Luz Ramos (1999) ao colocarem a cidade como um espaço privilegiado de estudo, Mayol, Certeau e Giard (1997) ao trazerem a idéia de bairro, vida cotidiana e organização do espaço, nos possibilitam olhar para São Leopoldo como um campo fértil de pesquisa. Este é um estudo descritivo-exploratório. Utilizou-se um questionário com 47 perguntas fechadas. Participaram da amostra 214 PNE: 37,4% de deficientes mentais, 23,3% de deficientes físicos, 14,5% de cegos/deficientes visuais, 13,6% de deficientes múltiplos e 11,2% de surdos/deficientes auditivos. Analisaram-se as frequências, os percentuais e cruzamentos de dados. Para esta análise separamos duas categorias: transporte e lazer: na categoria do transporte 70% necessitam de transporte coletivo e 30% não, sendo que 50% possuem passe livre e 50% não; na categoria de desporto e lazer 40% responderam que praticam desporto e 60% que não o praticam. Em relação aos que praticam desporto (n = 85), 66% são do sexo masculino e 44% do sexo feminino sendo que 61,2% responderam que as praças satisfazem as suas necessidades e 38,8% responderam que não, porém, 31% responderam que as praças são próximas a sua residência e 69% não. Entre os segmentos das PNE identificou-se que 47% dos deficientes

mentais, 17% dos def. Físicos (DF), 83% dos surdos/DA, 35% dos cegos/DV e 11% dos def. múltiplos praticam desporto. Percebe-se que existe uma pequena participação do sexo feminino nas práticas desportivas, o segmento dos surdos/DA apresentou a melhor participação no desporto e a não adaptação dos ônibus dificulta o acesso, principalmente, dos cadeirantes. Associado a isto, perceber-se que os locais que poderiam estimular a participação do lazer desportivo, ou seja, as praças, estão distantes dos locais de moradia. Conclui-se que as condições de lazer das PNE no município de São Leopoldo apresentam uma baixa participação no lazer desportivo. Os elementos contribuintes para estes índices passam pela falta de adaptação do transporte coletivo e as inexpressivas políticas públicas voltadas as PNE.

Estilo de Vida de Crianças e Jovens Surdos

Rosilene Moraes Diehl

Olga Denise Oliveira Wagner

ULBRA – Canoas – RS – Brasil

E-mail: lenediehl@hotmail.com; denioli@ibest.com.br

Este estudo objetiva identificar e descrever o estilo de vida de crianças e jovens surdos das escolas especiais da grande Porto Alegre, verificando de que maneira ocupam seu tempo livre e quais suas atividades de lazer. Utilizando o questionário EVIA adaptado à nossa realidade, e fazendo a análise pela estatística descritiva, coletamos os dados de 118 representantes do sexo masculino e 117 do sexo feminino, totalizando 235 alunos, com faixa etária entre 6 e 19 anos. Os resultados foram subdivididos em 3 grupos, de acordo com idade e sexo: 6 a 9 anos, 13 a 15 e 16 a 19 anos. Constatamos que, para todas as idades em ambos os sexos, a maioria das crianças e jovens, quando em casa, assiste à TV e, fora de casa, costumam andar de bicicleta, brincar e conversar com os amigos. Dentre os materiais esportivos, 60% dos meninos de todas as idades possuem bola de futebol e bicicleta, enquanto 45% das meninas de todas as idades, em média, têm somente a bicicleta. O local onde jogam e brincam é o pátio de casa para 40% de todas as meninas em média, e a rua para 33% de todos os meninos. As oficinas nas escolas foram o maior índice apontado, com a participação de 95% de todos os alunos, em média. Poucos praticam atividades desportivas sendo, dentre os meninos, o futebol mais lembrado e, entre as meninas, menos de 15% realiza algum tipo de desporto. A participação em grupos sociais é pequena para a grande maioria em todas as idades e sexo. Os maiores, entre os 13 e 19 anos apontam ainda os clubes, o cinema, os shoppings, passeios na rua e em parques e praças, não com números superiores a 50%, mas são itens bem citados. Podemos dizer que o estilo de vida e o tempo livre dos surdos são voltados ao lazer, porém constatou-se a quase inexistência na participação esportiva e social dos estudantes surdos. Foi possível identificar quais as carências e as dificuldades enfrentadas por estes indivíduos

e, nesta perspectiva, salientamos a falta de políticas públicas no que tange a cultura corporal, tais como recreação, dança e desporto, desenvolvidos na escola ou não. Foi ainda, possível evidenciar a impossibilidade de haver interesse desta população por esta cultura, enquanto não lhes for oportunizada tal vivência.

O Lazer de Jovens com Deficiência Mental

Márcia Nogueira, Tatiana Calado, Laura Vieira,

Suzana Coelho, Neiza L. F. Fumes

Grupo de Estudos e Extensão em Atividade Motora

Adaptada – Universidade Federal de Alagoas

Maceió - AL - Brasil

E-mail: neizaf@yahoo.com

O objetivo deste estudo foi identificar a maneira como os jovens com deficiência mental vivenciavam o lazer, assim como os espaços por eles frequentados nesta instância e, se fosse o caso, a(s) pessoa(s) com quem eles partilhavam destas vivências. Participaram do estudo 16 jovens com deficiência mental, de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 19 e os 32 anos, alunos do Centro de Educação Especial Profª Wandette Gomes de Castro – Maceió/AL e frequentadores do projeto DesENVOLVER: práticas motoras adaptadas para jovens portadores de deficiência mental. O levantamento de dados foi feito através de entrevista semi-estruturada, aplicada de forma individual por uma das autoras da pesquisa. Os resultados indicaram que o lazer dos jovens com deficiência mental era ocupado, com maior frequência, por jogos com bola, ainda que outras atividades menos ativas, como o conversar, os jogos de mesa, o rezar tenham aparecido com frequência nos relatos dos mesmos. Uma ressalva que deve ser feita é que todos eles apontaram que o ver televisão constituía-se em uma das suas atividades de lazer. Quanto aos espaços em que eles realizavam suas atividades de lazer, pôde-se constatar que elas eram, com mais frequência, desempenhadas na própria casa dos sujeitos ou nas ruas da vizinhança de sua residência. De maneira minoritária, foi indicado que uma determinada associação para pessoas com deficiência da cidade, a igreja e a casa de colegas constituíam-se em espaços utilizados por eles para o lazer. No que se refere às pessoas que partilhavam destas vivências, constatou-se que os colegas (de fora da instituição de ensino que frequentavam) eram os agentes sociais que mais comumente estavam presentes naquelas, inclusive mais do que os próprios familiares. Ainda, em relação a este aspecto, dois jovens informaram que, com frequência, não compartilhavam com ninguém o seu lazer. Desta maneira, pôde-se concluir que o lazer dos jovens com deficiência em questão era ocupado por alguns poucos tipos de atividades, muitas delas de natureza passiva, realizadas na proximidade de sua residência e com colegas.

Rapel e Síndrome de Down

Aline Miranda Strapasson, Ludmila Jayme Borges,
Aleksandro Haman Fogagnoli
Faculdade Educacional do Sudoeste do Paraná – FADEP
E-mail: alinesstrapasson@bol.com.br

A síndrome de Down (SD) é decorrente de um erro genético no qual o par de cromossomos 21, ao invés de dois, terá três cromossomos, sendo o quadro denominado trissomia 21. Esta pesquisa surgiu com o intuito de acompanhamento de um aluno da sétima série, 15 anos de idade, portador da SD. AB recebeu estimulação dos mais diversos técnicos da área, desde os primeiros anos de vida e, atualmente, a continuação do trabalho vem sendo realizada pelos professores de educação física da Universidade de Rio Verde. Acompanhamos no dia 10 de maio de 2003 o curso de rapel (que é um esporte radical, caracterizado por descidas em cordas de montanhas e cachoeiras) oferecido pelo corpo de bombeiros), no qual AB participou das aulas teóricas e práticas e surpreendeu a todos com a sua inteligência, tranquilidade e ousadia. Verificamos o grau de ansiedade e concentração subjetiva de adrenalina, os quais correlacionamos com a frequência cardíaca (FC) antes e depois das descidas executadas no dia de curso, e descida na cachoeira (65 metros) executada no dia 11 de maio. A partir destas medidas, constatamos: aos 9 metros a FC antes e depois = 96, 100 bpm; aos 12 metros = 88, 100 bpm; aos 23 metros = 100, 124 bpm; aos 23 metros = 108, 116 bpm; aos 65 metros (cachoeira) = 84, 164 bpm. Com esses dados, pudemos verificar que a relação da FC com os níveis de adrenalina não tiveram significância nos dias de curso, visto que a mínima registrada foi de 88 bpm e a máxima foi de 124 bpm, representando 47,3% e 66,7% da FC máxima. Podemos assim inferir que, em parâmetros fisiológicos, o aumento da FC em relação ao repouso foi somente devido à atividade física exercida. No entanto, na descida da cachoeira, durante a qual o esforço subjetivo seria o mesmo, a FC chegou ao final da descida a 164 bpm, representando 88,2% da FC máxima, caracterizando a possibilidade do aumento da produção de adrenalina. Concluímos que a sensação de medo e ansiedade foram superadas, que mais uma barreira foi vencida, e que a família e profissionais são importantíssimos para esta população.

Programa de Intervenção Motora: Influência no Desenvolvimento de Bebês Típicos e com

Atraso

Carla Skilham de Almeida, Nádia Valentini, Caroline
X. Guerreiro de Lemos
UFGRS - Porto Alegre - RS - Brasil
E-mail: carolonline@terra.com.br

Sabe-se, a muito, que falhas no desenvolvimento do bebê comprometem aspectos de sua formação global que refletem

e se prolongam por toda a sua vida. Por esse motivo se torna tão importante resgatar o máximo possível de habilidades perdidas durante os primeiros meses de vida principalmente em bebês com atraso motor. Este estudo tem como objetivo verificar os efeitos de um programa de intervenção motora no processo de desenvolvimento do bebê durante o terceiro trimestre de vida, com o intuito de aproximá-lo de um padrão comportamental característico da sua faixa etária. Ainda, proporcionar uma melhora na qualidade de vida, o que influi diretamente na dimensão de suas expectativas futuras como ser humano. No presente estudo foram realizadas sessões de intervenção motora individuais, fundamentadas nas tarefas de perseguição visual, manipulação do brinquedo, controle postural e deslocamento. Para tal, foi utilizado o teste “O desenvolvimento do comportamento da criança no primeiro ano de vida.” Para a coleta dos dados foi aplicada uma pré e uma pós-avaliação com intervalo de um mês e meio. No período entre as avaliações foram realizadas três sessões interventivas por semana, com duração de quinze minutos cada para cada bebê, totalizando dez sessões. Este é um estudo experimental que possui um grupo interventivo com atraso (IA), um grupo interventivo típico (IT) e um grupo controle (C), o qual não é submetido às intervenções. A amostra é composta, até o momento, por 58% do grupo total a ser avaliado, totalizando 23 bebês, (sendo 13 do sexo masculino e 10 do sexo feminino), não havendo distinção entre os sexos para a análise dos resultados. Nos dados obtidos até o momento, análises de variância com medidas repetidas evidenciam uma tendência do IA de apresentar um ganho em nível motor significativamente maior em relação ao IT. O grupo IA desenvolveu grande parte das habilidades que ainda não realizava, as quais caracterizam o comportamento motor de bebês na sua faixa etária. Os resultados do grupo IT, o qual, devido ao seu desenvolvimento típico, não apresentou ganhos motores muito significativos em relação ao grupo IA (pois já estava inserido em um contexto padrão de comportamento motor), aproximam-se dos resultados obtidos pelo grupo C. O grupo C também não apresentou variações muito significativas além das adquiridas devido ao seu próprio crescimento. Vê-se, então, uma possibilidade de que quanto mais distante de um padrão típico de desenvolvimento motor está o bebê, mais ele apresenta ganhos com o processo de intervenção motora, tornando-se esta fundamental para que o bebê com atraso se aproxime o máximo possível de um padrão de desenvolvimento motor que corresponda ao seu período de vida.

Efeitos de um Programa de Intervenção Motora no Desenvolvimento do Comportamento da Criança no Terceiro Trimestre de Vida em Creches de Porto Alegre

Bárbara coiro Spessato, Nádia Cristina Valentini
UFGRS - RS - Brasil
Email: spessato@terra.com.br

Fatores de risco, como por exemplo baixo peso ao nascer; desvantagens sócio-econômicas; pouco estímulo e abuso familiar; alterações genéticas e neurológicas; falta de experiências motoras, são fatores que contribuem para os atrasos motores, cognitivos e sociais de crianças. Programas interventivos têm sido desenvolvidos com o intuito de melhorar a relação da criança com seu meio social, favorecendo suas tomadas de decisões e o seu desenvolvimento motor, cognitivo, social e afetivo. Nesta perspectiva, este estudo tem como objetivo principal a redução de atrasos motores e o desenvolvimento de habilidades motoras adequadas a faixa etária de bebês no terceiro trimestre de vida. Este é um estudo do tipo qualitativo interpretativo desenvolvido em creches públicas de baixa renda. Os bebês foram avaliados através da Escala do Desenvolvimento do Comportamento da Criança no Primeiro Ano de Vida (Batista, Vilanova & Vieira, 1997) e quatro bebês que apresentavam atrasos de desenvolvimento receberam intervenções duas vezes por semana durante oito semanas. As intervenções consistiam de atividades manipulativas, de controle postural e perseguição visual e tinham a duração total de 15 minutos. Foram utilizados objetos de diversos formatos, cores, textura e sons a fim de despertar o interesse das crianças. Os resultados obtidos até o momento apontam para uma sensível melhora motora e cognitiva em todos os bebês, bem como uma aproximação de padrões de desenvolvimento típico semelhante a pares da mesma idade. Justificando a importância da intervenção o mais cedo possível para bebês de risco e ou atrasos no desenvolvimento neuropsicomotor.

Perseveração Motora de Crianças Pequenas com Deficiência Mental em Tarefas de Alcançar Objetos. Um Estudo Preliminar do “Erro A não B” de Piaget

Eliane Mauerberg-deCastro, Marcia Cozzani, Marina de Carvalho Cavicchia, Suelen Polanczyk
UNESP, Rio Claro, São Paulo
E-mail:mauerber@rc.unesp.br

A análise do status do desenvolvimento maturacional e intelectual pode ser feita através de provas manipulativas como a clássica prova de Piaget (1954) “Erro A e não B.” O erro “A não B” é um marco no desenvolvimento do conceito de permanência de objetos. Nesta prova, os bebês observam o experimentador esconder sob uma tampa, um objeto em um de dois locais idênticos (duas tampas), separados por uma pequena distância. O local é assinalado como local A e em seguida, os bebês são encorajados a achar o objeto escondido. Após algumas repetições, o experimentador esconde o mesmo objeto no local ao lado (outra tampa), designado como local B. O bebê observa o experimentador esconder o objeto no novo local e em seguida é encorajado a achar o objeto. Bebês entre 8 e 12 meses tendem a retornar

a busca no lado A. Thelen e colaboradores (Corbetta & Thelen, 1996) revisaram as considerações teóricas sobre esta prova. Estes erros foram considerados perseverações motoras, as quais são ações inapropriadas às exigências das tarefas e que foram aprendidas sob um contexto ambiental relativamente indiferenciado. A questão que surge é, fatores de atraso no desenvolvimento como ocorre na deficiência mental podem levar a perseveração por idades mais avançadas do que a de bebês normais? Os objetivos deste estudo foram verificar o índice cumulativo de memória de alcances ao alvo A em relação a B e o acoplamento entre a direção do olhar e o local do alcance. Participaram deste estudo 4 crianças com síndrome de Down e idade média de 5,87 desvio-padrão de 1,29. A tarefa, similar a de Piaget, requer que as crianças observem o experimentador agitar uma tampa em um dos dois lados, assinalados como A ou B e separados por uma pequena distância e após um atraso de 3 segundos é dada a oportunidade para ela pegar a tampa. Após 6 tentativas do lado A o experimentador muda de lado e agita a tampa do lado B sob as mesmas especificações de A. Os resultados preliminares revelaram que três crianças perseveraram com índice cumulativo máximo (8/8), ou seja, as crianças alcançaram A nas 8 tentativas (i.e., 6 tentativas do lado A e 2 do lado B). Uma criança exibiu um índice cumulativo de 4/8, ou seja na tentativa B ela respondeu corretamente alcançando B. Com relação ao acoplamento do olhar com o gesto de alcançar, apenas um bebê olhou o alvo tocado (ou A ou B) ao longo de todas as tentativas, menos uma. Os demais bebês variaram o olhar entre o alvo tocado e o experimentador. Estes resultados preliminares indicam que o desenvolvimento cognitivo atrasado em si pode ser um fator de impedimento da superação da perseveração na tarefa modificada de “A não B.”

Associação entre a Prática de Atividades Motoras e o Comportamento Social de um Autista

Cristiani de França*, Angela T. Zuchetto,
John Peter Nasser
UFSC – Florianópolis – SC - Brasil
E-mail:cristianidefranca@yahoo.com.br

O autismo é uma inadequacidade no desenvolvimento que se manifesta de maneira grave por toda a vida, comprometendo três áreas principais: alterações qualitativas das interações sociais recíprocas; modalidades de comunicações; interesse e atividades restritos, movimentos estereotipados e repetitivos. O objetivo deste estudo, tipo delineamento sujeito único, foi analisar as modificações do comportamento social de um portador da síndrome do autismo, atualmente com 13 anos, durante o período de 2001 a 2003 na prática de atividades motoras. Para a coleta de dados utilizou-se: filmagem, registro cursivo de 18 aulas e *sistema de categorias de comportamentos sociais*. Os dados

foram analisados utilizando-se o sistema de categorias de comportamentos sociais, evidenciando o relacionamento com os adultos (oito categorias) e o relacionamento com os colegas (treze categorias). Quanto ao comportamento social, no item relacionamento com os adultos, observou-se evolução em todas as categorias na direção dos objetivos propostos. Nas categorias opostas aos objetivos propostos, tanto no relacionamento com adultos quanto no relacionamento com os colegas, houve uma diminuição na sua ocorrência. No item relacionamento com os colegas, observou-se evolução nos comportamentos na direção dos objetivos propostos. Conclui-se que as atividades esportivas foram as que mais favoreceram a ocorrência de comportamentos positivos, sendo as bolas os materiais de sua preferência. Ao contrário do que demonstra a literatura, o participante interagiu com colegas, compartilhando materiais e respeitando as regras propostas para as atividades. As atividades rítmicas favoreceram ocorrências de comportamentos negativos; a maior evidência de evolução foi no relacionamento com colegas, onde comportamentos positivos se evidenciaram e os negativos foram diminuindo sistematicamente ao longo do período analisado. No início do estudo o sujeito conversava somente com os adultos e muitas vezes fora do contexto, e no decorrer do mesmo observou-se evolução na categoria conversar com colegas. A atividade física contribuiu significativamente no desenvolvimento social, visto que houve evolução nos comportamentos sociais positivos, principalmente nos que envolve a interação com os colegas.

*Pibic/CNPq - AMA/CDS/UFSC

O Comportamento Motor de um Autista Durante Três Anos de Atividade Motora Adaptada

Cristiani de França*, Amanda Cardoso Jacob, Angela T. Zuchetto

*PIBIC/CNPq – AMA/CDS/UFSC
E-mail: cristianidefranca@yahoo.com.br

O objetivo deste estudo, tipo delineamento sujeito único, foi analisar o comportamento motor de um participante, atualmente com 13 anos de idade, portador da síndrome do autismo, em três anos de atividade motora adaptada. Para a coleta de dados utilizou-se: a) filmagem de 18 aulas no programa de atividade motora adaptada, b) *registro cursivo* (técnica para registrar sistematicamente as ocorrências nas aulas, sendo descrito todos os acontecimentos durante a aula), c) *sistema de categorias de comportamento motor*. Este sistema avalia as facilidades, dificuldades e auxílios necessários durante as atividades desenvolvidas, comportando 12 categorias, entre elas: conseguiu ou não realizar a atividade, não realizou a atividade por outro motivo, precisou auxílio de outra pessoa ou de algum objeto, teve dificuldade em manter-se em pé, em sentar-se e levantar-se,

em caminhar, saltar, dificuldade de equilíbrio ou nenhuma dificuldade. Foi possível observar que durante o período analisado, o sujeito executou todas as atividades, não sendo necessário adaptá-las, apenas acompanhá-lo e incentivá-lo. No entanto, o sujeito apresentou algumas dificuldades na realização das atividades propostas pelos acadêmicos nas quais exigiam, saltos, equilíbrio e movimentos rápidos. Diante destas dificuldades o participante, na maioria das vezes, precisou de auxílio de outra pessoa, mas não houve necessidade de auxílio de objetos. O sujeito deixou de realizar algumas atividades por motivos diversos, mas não por algum tipo de dificuldade motora. As atividades desenvolvidas nas 18 aulas ministradas, foram adequadas aos interesses, capacidades e limites do sujeito estudado, sendo que as atividades que envolveram bolas e balões despertaram o maior interesse do aluno. As atividades que estavam relacionadas com a modalidade de futebol foram as que o sujeito mais se dispôs a melhorar sua habilidade motora. Em algumas aulas o participante não teve dificuldade motora com a realização da atividade em si, mas sim em ações da vida diária, como vestir o uniforme sozinho, necessitando de auxílio de uma outra pessoa. As aulas que tiveram a participação de vários alunos foram as que o sujeito apresentou os melhores resultados. Foi possível observar o benefício da atividade física quanto as habilidades e destrezas motoras, principalmente no saltar.

A Terapia Corporal da Criança Autista

Mara Lúcia Salazar Machado, Ivan Antonio Basegio,

Jane Melgares, Eliete Cristofolini,

Roberto Oliveira Sampaio

ULBRA – Canoas – RS – Brasil

E-mail: ibasegio@portoweb.com.br

Função e utilização dos materiais disponíveis na sessão. A pesquisa investigou os tipos de aproximações e os jogos que crianças autistas podem realizar com diferentes materiais que são oferecidos em sessões de psicomotricidade relacional. A sustentação teórica da investigação baseou-se nos conhecimentos existentes sobre a síndrome do autismo e a psicomotricidade relacional. O estudo de corte qualitativo utilizou a metodologia do tipo descritivo de estudo de caso que contou com dois participantes do sexo masculino. Os instrumentos utilizados para coleta de informações foram: observações diretas dos participantes nas intervenções terapêuticas (descritivas e com pautas determinadas), fotografias e vídeos das sessões. A pesquisa foi desenvolvida na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) no município de Canoas/RS. A análise das informações e a discussão dos resultados realizaram-se considerando a individualidade na utilização dos materiais disponíveis na sessão e a presença de comportamentos específicos da síndrome do autismo que cada criança apresenta. Os materiais disponibilizados apresentaram-se como mediadores da evolução de processos mentais das

crianças. O estudo demonstrou que, na intervenção pedagógico-terapêutica realizada, os materiais devem ser oferecidos sem regra geral e podem ser utilizados de diferentes maneiras pelas crianças, independente da síndrome que possui.

Reflexões sobre Imagem Corporal e Experiências Corporais: Um Estudo Preliminar

Cláudia Vaz Pupo de Mello,
Maria da Consolação G. Cunha F. Tavares
UNICAMP – São Paulo – Brasil
E-mail: Zoclaudia@hotmail.com

O estudo sobre imagem corporal chega aos dias de hoje apontando para uma pluralidade de conceitos e definições. Podemos encontrar pesquisas sobre imagem corporal sendo realizadas nas mais diversas áreas do conhecimento como na psicologia, sociologia, educação física, psiquiatria e outras com os mais variados enfoques. Este fato sugere o quanto esse assunto mergulha na complexidade humana, ajudando a preencher as lacunas que existem na relação entre os aspectos fisiológicos, afetivos, emocionais e cognitivos, exigindo sempre um olhar multidimensional. O que nos levou a realização deste trabalho foi justamente a necessidade de compreender melhor o ser humano em sua pluralidade. Tal necessidade surgiu de observações da prática profissional, percebemos que nas respostas das pessoas aos exercícios propostos nas sessões de fisioterapia havia uma relação profunda entre o movimento e os aspectos emocionais e afetivos. Buscamos então, compreender melhor essa relação, através do estudo da imagem corporal. O presente estudo teve como objetivo verificar se os alunos do curso de especialização em atividade motora adaptada (AMA) da Faculdade de Educação Física da Unicamp, envolvidos no estudo e/ou na prática da atividade motora, identificam em suas ações um caminho para o desenvolvimento da imagem corporal de seus alunos. Temos aqui uma pesquisa de natureza qualitativa com pesquisa de campo, tendo como recurso metodológico, para a coleta de dados, a aplicação de questionário aos alunos do curso de especialização em AMA da Unicamp. Foram distribuídos 25 questionários dos quais 13 foram respondidos e devolvidos, destes 12 eram professores de educação física e 1 fisioterapeuta. Todos trabalham com atividade motora e identificam em sua prática ações que desenvolvem a imagem corporal. No entanto, embora muitos fatores tenham sido relacionados por eles com imagem corporal, predominou a relação entre imagem corporal e a percepção física do próprio corpo. Constatamos também que o conhecimento dessas pessoas sobre o assunto é empírico, baseado no senso comum e na experiência individual. Este estudo nos proporcionou um aprofundamento dos conceitos de imagem corporal, através da leitura de vários autores relevantes na área, verificar qual o conceito que o grupo pesquisado tem sobre o tema e verificar como a relação entre as ações em atividade motora

e imagem corporal tem ocorrido na prática dos profissionais pesquisados. Acreditamos que um conhecimento mais profundo desta questão permita um outro olhar para a complexidade do ser em sua existência humana que ultrapasse a concepção do movimento como um simples instrumento do trabalho corporal.

Atividades Esportivas: Uma Opção para Melhorar o Desempenho Social de Portadores da Síndrome de Autismo

Angela T. Zuchetto, Cristiani de França*,
John Peter Nasser
*PIBIC/CNPq - AMA/ CDS/UFSC
Florianópolis - SC - Brasil
E-mail: zuchetto@cds.ufsc.br

A atividade física para os portadores de necessidades especiais tem como objetivo a utilização do movimento como elemento educativo, favorecendo a formação integral do indivíduo. A sua prática permite a estes sujeitos superarem mais facilmente as dificuldades que o meio oferece e ao mesmo tempo obterem melhor adaptação. Melhoria do equilíbrio psicológico e da relação com o seu meio; restabelecimento da força muscular; desenvolvimento da coordenação neuromuscular; melhoria das habilidades motoras e interação social são alguns dos benefícios da atividade física. Diante destes fatores o objetivo deste estudo foi verificar a influência das atividades esportivas adaptadas no desempenho social de dois sujeitos portadores de autismo com 13 e 15 anos do sexo masculino. Para a coleta de dados utilizou-se filmagens de seis aulas com atividades esportivas no programa de atividade motora adaptada, registro cursivo e o sistema de categorias de comportamentos sociais. Os dados foram analisados conforme o sistema de categorias de comportamentos sociais, evidenciando o relacionamento com adultos (oito categorias) e relacionamento com colegas (treze categorias) dividindo-se em comportamentos na direção dos objetivos propostos e opostos aos objetivos propostos. De todas as categorias analisadas só não ocorreram: opor-se a compartilhar, chamar repetidamente e agredir. A aula de basquete e handebol adaptado foi a que os sujeitos mais atenderam, sendo os valores discrepantes em relação as outras aulas. A interação com os colegas, entre os sujeitos estudados e com os adultos que auxiliaram, foi marcante, pois ocorrências de categorias de comportamento positivas como: conversar com adulto, colaborar, conversar com colegas, brincar e ajudar colegas estiveram presentes na maioria das aulas. Destaca-se a categoria ajudar colegas, pois os sujeitos estudados se dispuseram, em várias aulas, a ajudar os que tinham mais dificuldades. A categoria respeitar regras ocorreu em todas as aulas analisadas, e a maioria das ocorrências na última aula, corrida com obstáculos. As atividades esportivas criam situações específicas para a ocorrência de determinados

comportamentos, como o fato de ser utilizado materiais em conjunto nas situações de jogo favorecendo a categoria compartilhar materiais. Considerou-se o estabelecimento de regras e o respeito as alternâncias de turnos, durante as atividades esportivas, responsáveis pela ocorrência de um grande número da categoria respeitar regras. O valor da competitividade impressa nas atividades esportivas deve ser controlado para não criar situações de isolamento como ocorrido neste estudo, considerando que o aluno que menos se isolou foi o que dispunha de melhor habilidade para com os esportes.

Dança, Deficiência e Qualidade de Vida: Um Estudo de Caso

Rubiane Burim, Mey de Abreu van Munster
UNICASTELO – Descalvado/SP – Brasil
E-mail: munster@terra.com.br

Atualmente observa-se uma multiplicidade de concepções referentes à dança voltada a pessoas com deficiências. Segundo Mello(2001), a dança em cadeira de rodas passou a ser oficialmente reconhecida como *esporte*, sendo considerada uma modalidade em plena ascendência. Ferreira (2001) compreende a dança como uma *arte*, atribuindo a expressão de sentimentos nos movimentos com o corpo a essa totalidade, re-significando a relação do indivíduo com seu corpo, com a linguagem e com a sociedade. Para Bernabé (2001), a dança, inicialmente associada ao processo de *reabilitação* de pessoas com deficiência, apresenta-se associada ao *prazer* e ao desejo do corpo de cada pessoa em “*estabelecer um elo com o movimento, com o social, com o ritmo, com a vida...*” Independentemente dos diferentes enfoques adotados na literatura especializada, podem ser observados dois pontos em comum: as inúmeras possibilidades de exploração da dança por parte de pessoas com deficiência, e a preocupação demonstrada pelos diferentes autores com a promoção da qualidade de vida da população em questão. A justificativa pela escolha do tema deve-se ao desejo de oferecer continuidade a um programa de dança a uma aluna que, após sofrer um acidente doméstico e permanecer em coma por 90 dias, veio a apresentar lesões cerebrais e outras seqüelas associadas. A necessidade de retomar as atividades de dança e o intenso desejo de se movimentar manifestado por esta criança de 8 anos, conduziram-nos à busca de alternativas que pudessem atender suas expectativas e incluir sua participação num programa de dança. Assim, o presente estudo procurou analisar o papel da dança como um elemento de promoção da qualidade de vida à uma aluna com deficiência física. Dentro de uma perspectiva qualitativa, a atual pesquisa baseou-se num estudo de caso. Após a aplicação de *anamnese* e obtenção do termo de consentimento formal junto à responsável pela referida aluna, foi realizado um programa de dança voltado ao atendimento de suas

necessidades educacionais especiais, desenvolvido nas instalações da “Beeane Ballet Academia,” em Porto Ferreira/SP. Durante um período de quatro meses com atendimentos semanais e registros baseados em observação sistemática, foram realizadas entrevistas com a mãe, com a professora de sala de aula e com a própria aluna. A análise dos dados revelou que a dança contribuiu significativamente na reorganização psicomotora e social da criança em questão, favorecendo o desenvolvimento de suas capacidades físicas (em especial o equilíbrio e coordenação) e reforçando positivamente seu auto-conceito. A partir do entendimento do conceito de qualidade de vida associado a fatores determinantes do atendimento às necessidades fundamentais do ser humano (Nahas, 2001), foi possível visualizar a dança como um elemento capaz de promover tal fator no estudo de caso em questão.

Motivação para Assistência das Atividades Esportivas e Recreacionais de Portadores de Deficiência

Elisabeth de Mattos, Simone Padilha Cavalcante
Matteoni, Sulamita Emy
Grupo de Estudos em Esporte e Deficiência, Escola de
Educação Física e Esporte da Universidade de São
Paulo (EFEUSP) - São Paulo - Brasil
E-mail: inicia@usp.br

O objetivo deste trabalho é investigar os aspectos que motivam as pessoas que assistem pessoas portadoras de deficiências em suas atividades recreacionais e esportivas. Foram entrevistadas 17 pessoas que acompanham regularmente os alunos portadores de deficiência do “Curso de Natação Inclusiva” da EFEUSP. Estas pessoas são ligadas direta e indiretamente ao aluno, são: pais, cônjuges, amigos e funcionários. A análise descritiva dos resultados indica que: a porcentagem daqueles que acompanham alunos que participam do curso no período de dois meses até um ano é de 58%. O restante participa regularmente a mais de um ano. Todos (100%) relataram que apreciam as aulas e destes, 83% acreditam que a natação contribui para alguma modificação comportamental do aluno (motora, emocional ou cognitiva). 29% observaram desenvolvimento positivo em relação ao nível de comprometimento que eles possuíam no início da participação e 64% relatou que os alunos sabem reconhecer suas melhoras, o que pode ser demonstrado através dos diálogos estabelecidos após as aulas ou durante o transporte ou AVD's. 59% participaram auxiliando no transporte do aluno e relataram não ter dificuldade em realizar tal tarefa. 94% se pudessem escolher, permaneceriam acompanhando o aluno, independente da necessidade do auxílio prestado (transporte, AVD's). Porém, quando questionados a respeito da escolha em permanecer acompanhando, a maioria (94%) mostrou interesse em continuar e apenas 6% não mostrou interesse em permanecer

acompanhando enquanto durar a participação do aluno que motivou sua assistência. Pode-se concluir que a participação de algum amigo ou parente é o primeiro aspecto que motiva um indivíduo sem deficiência a assistir atividades esportivas ou recreacionais praticadas por pessoas portadoras de deficiência. Num segundo momento, o interesse pelas mudanças positivas apresentadas pelo aluno motiva o assistente a continuar na sua tarefa, bem como ampliar o repertório social, discutindo a participação, a evolução e até as estratégias utilizadas e aprendidas nas aulas. Alguns deles solicitam participar das aulas, não só como assistentes, mas também como participantes.

Goalball: Possibilidades de Percepções da Diversidade numa Esfera Inclusiva

Graciele Massoli Rodrigues, Caroline Maltoni,
Paula Paulini

ESEFJ - Jundiaí - SP - Brasil
E-mail: masgra@terra.com.br

O *goalball* é uma modalidade esportiva que teve sua criação visando execução do jogo por pessoas cegas. Com base nessa premissa, a vivência do jogo se dá através da mobilização das diversas percepções dos atletas, excluindo a visual. Então, a dimensão tátil e auditiva prevalece, sendo implementada pelos componentes psicológicos e individuais dos atletas. Considerando o *goalball* uma atividade que pode ser praticada por pessoas cegas ou não, entendemos que existe a possibilidade de ser uma atividade inclusiva. Porém, a verdadeira inclusão não pressupõe apenas o estar junto com pessoas com diferentes características e habilidades, mas também, o desfrutar das mesmas condições dentro da diversidade. Sob essa premissa objetivamos compreender se indivíduos cegos ou videntes que estejam jogando, têm as mesmas percepções do jogo numa partida. Problematicando: existe alguma diferença entre um adversário cego e um vidente? Quais são os mecanismos que diferem do ponto de vista dos atletas videntes e cegos? Afim de responder a essas questões realizamos uma pesquisa com praticantes de *goalball*, com idades entre 16 e 38 anos de idade, na região de Jundiaí e Campinas, coletando dados através de um questionário com perguntas abertas. Analisando os resultados, pudemos verificar que as percepções referem-se a vivência com a própria dinâmica de jogo e, principalmente, com as habilidades pessoais de cada indivíduo, independentemente da indivíduo ser vidente ou não. Com isso, podemos pontuar que, se a inclusão pressupõe igualdade de condições diante de uma realidade para todos os envolvidos, de modo que as percepções sejam passíveis de descobertas pessoais e do outro, podemos considerar que o *goalball* não apenas cria condições para a

inclusão, mas evidencia percepção concreta de uma realidade individual diante da diversidade coletiva.

Perspectivas de Atuação Profissional: Um Estudo de Caso das Olimpíadas Especiais

Maria Teresa K. Leitão,
José Júlio Gavião de Almeida
ESEF/UNICAMP - Jundiaí - SP - Brasil
E-mail: teleitao@terra.com.br

Olimpíadas Especiais refere-se a um programa de esportes voltado para as pessoas com deficiência mental que têm como pilares de sustentação um tripé formado pelos atletas, pela família e pelos voluntários, sendo que nessa denominação de voluntários, enquadram-se os organizadores de eventos e os técnicos esportivos. Neste estudo procuramos verificar o número de profissionais de educação física envolvidos com o treinamento e competição dos atletas atendidos pelo programa, que é um dos programas de esportes específicos para essa clientela. Ressaltamos que a direção do programa internacional não prioriza a questão de que o técnico/treinador deva ser profissional da educação física, sendo assim, discutimos essa relação. Para tanto, além da revisão bibliográfica, realizamos um questionário que foi enviado para 140 núcleos das Olimpíadas Especiais no mundo (incluindo os estados americanos), sendo recebidas 75 respostas. Também foi realizada uma entrevista com o presidente e o diretor executivo das Olimpíadas Especiais Brasil para termos de comparação, além da observação participante em 2 Jogos Mundiais (de verão e de inverno). As respostas obtidas nos mostraram que é grande o número de familiares e/ou voluntários de outras profissões envolvidos como técnicos/treinadores desses atletas e que os profissionais de educação física são maioria ou a totalidade em núcleos como o Brasil, Paraguai e Rússia, casos específicos em que existem leis que regem essa atuação prática. Por serem poucos os núcleos que enfatizam a atuação do profissional no treinamento e como acreditamos nas possibilidades das pessoas com deficiência mental em praticar esportes, propomos que haja uma rediscussão no sentido de enfatizar a necessidade de o voluntário/treinador ser um profissional de educação física. O profissional de educação física, pela sua formação e isenção no trabalho, teoricamente tem mais competência para utilizar o esporte como veículo de aprendizagem, de desenvolvimento, de promoção do crescimento pessoal. Ainda, utilizando a filosofia proposta pelo programa, o profissional de educação física pode melhorar as chances de atletas mostrarem, como cidadãos ativos e atuantes, sua competência através de uma prática esportiva coerente num ambiente de mais igualdade, respeito e aceitação.

Participações Internacionais e Rendimento Desportivo: Um Relato de Experiência Sobre o Goalball

Wagner Xavier de Camargo
Faculdades Integradas de Amparo e Associação
Brasileira de Desportos para Cegos
Campinas - São Paulo - Brasil
E-mail: coord_goalb@msn.com

Até a metade dos anos noventa, as participações brasileiras das equipes masculina e feminina de *goalball* em torneios e campeonatos internacionais eram assistemáticas e efêmeras. A partir da criação do Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB) e da meta de participações em campeonatos internacionais proposta para o segmento das pessoas portadoras de necessidades físicas especiais, o *goalball* desenvolveu-se, paulatinamente no caminho do rendimento desportivo. Esta pesquisa teve por objetivo central a busca da relação entre participações internacionais e rendimento desportivo. Portanto, tal estudo é dividido em duas etapas distintas: a primeira relacionou-se com a observação e registros sistemáticos de regras e condutas de campeonatos internacionais de *goalball*, nos anos 1995, 1997 e 2000, com o objetivo de identificação do que seria, de fato, a performance das melhores equipes no mundo, neste esporte em específico. Numa etapa posterior, aplicou-se, ao treinamento das seleções masculina e feminina, toda a série de observações realizadas com vistas às participações internacionais que aconteceram em 2001, 2002 e 2003. Os resultados confirmaram a hipótese levantada: por um lado, o entendimento do universo e dos atores desportivos em nível internacional, e por outro, a aplicação do que fora identificado em termos de regras e condutas ao treinamento e à vivência *in loco* das nossas equipes nos campeonatos internacionais, trouxe uma melhor performance a médio/longo prazo para o país—como, por exemplo, o resultado obtido pela equipe brasileira feminina de *goalball* que conquistou uma vaga nos últimos Jogos Mundiais realizado em Quebec City, Canadá, em agosto de 2003, para as Paraolimpíadas de Atenas-2004. Concluiu-se, portanto, que o maior número de participações e contatos internacionais (principalmente com equipes que atingiram certo nível de reconhecimento por suas qualificações técnico-táticas) possibilitou uma pronunciada melhora na performance das equipes brasileiras de *goalball*.

Relação Existente entre o Teste de Caminhada de 6 Minutos e Atividade Física de Hidroginástica para Terceira Idade

Patrícia Vieira do Nascimento, Erica Gomes Silva,
Luciana das Mercês Carvalho Lima,
Geni Araújo Costa, Silvio Soares dos Santos
Universidade Federal de Uberlândia

Uberlândia - MG - Brasil
E-mail: patteduca2@yahoo.com.br

Com o envelhecimento ocorrem alterações nas funções metabólicas e neuromotoras além de mudanças também dos aspectos antropométricos e da aptidão física, porém estes efeitos podem ser minimizados a partir da prática regular de atividade física. Ainda recentemente, acreditava-se que pessoas idosas perdiam a capacidade de se adaptar aos treinos aeróbios, como evidenciado pela falta de aumento do VO₂. No entanto, tem-se demonstrado que pessoas idosas, apesar deste declínio, passam por alterações fisiológicas tornando-se capazes de se adaptarem a este tipo de treinamento (Shepard, 1997). Esse trabalho tem como objetivo determinar o efeito da atividade de hidroginástica sobre a condição aeróbia de indivíduos idosos através do teste de caminhada de 6 minutos. A amostra foi constituída por 128 idosas com média de idade de 64,8 anos, divididas em grupos por idades, num total de três grupos: um grupo (GI) de 27 mulheres com idade entre 50 e 59 anos, outro grupo (GII) de 71 mulheres com idade entre 60 e 69 anos e um terceiro grupo (GIII) de 30 mulheres com idade acima de 70 anos. Realizaram-se testes protocolados por Sandra Matsudo (2000)—caminhada de 6 minutos—antes e após um período de sete meses de prática de atividade de hidroginástica. Esta atividade é realizada três vezes por semana com uma duração de 60 minutos, sendo este dividido em dois tempos distintos (atividades fora d'água e atividades dentro d'água). Como resultado as médias apresentadas nos testes realizados depois do período de atividades se mostraram superiores para duas entre três idades analisadas: GI 534,7 para 541,1; GII 528,7 para 525,8; GIII 478 para 483,7. Porém a análise das diferenças entre as médias (teste t de student) não demonstrou diferenças significativas entre os grupos analisados. Conclui-se com este estudo que a atividade de hidroginástica aparentemente não se mostrou eficiente para melhorar a condição cardiorrespiratória das idosas pertencentes ao projeto Vida Ativa AFRID (Atividades Físicas e Recreativas para a Terceira Idade).

A Influência da Instrução no Desenvolvimento do Arremesso em Crianças Portadores e não Portadores de Necessidade Especiais, com Atrasos Motores

Miguel Jorge Rodrigues Junior, Nadia Cristina
Valentini, Rosiane Karine Pick
ESEF/UFRGS - Porto Alegre - RS - Brasil
E-mail: nadiacv@esef.ufrgs.com

Introdução: Habilidades motoras não emergem naturalmente. Seu desenvolvimento resulta da influência de muitos fatores. Para um melhor desenvolvimento das habilidades básicas é preciso proporcionar um ambiente de aprendizagem que supra as necessidades de movimento da criança com

atividades desafiadoras e com ênfase no interesse do aluno. Nesta perspectiva, o ambiente inclusivo proporciona às crianças portadoras de necessidades especiais (PNE) a visualização de padrões de movimentos muitas vezes não observados em ambientes segregados. Objetivo: Examinar a natureza das mudanças nos componentes do arremesso como resultado da instrução em crianças PNE e não PNE, com atrasos motores. Uma intervenção motora (IM) inclusiva foi usada para investigar: (1) se padrões semelhantes de ganhos na ação de arremessar são observados entre crianças PNE, quando comparadas aos seus pares com atrasos; (2) se a IM resultou em mudanças significativas no desempenho do arremesso do pré para o pós IM; e (3) se as crianças PNE e não PNE do grupo de intervenção (GI) demonstraram ganhos significativos no arremesso quando comparadas com as crianças PNE e não PNE do grupo controle (GC). Metodologia: O delineamento experimental utilizou estratégias consistente com clima de motivação tarefa-orientado nas seis dimensões da estrutura TARGET (tarefas, autoridade, reconhecimento, grupo, avaliação e tempo). A IM constituiu-se de 12 semanas, 2 sessões semanais, sendo dedicados 120 minutos para o arremesso. Participantes: 129 crianças (6 a 10 anos), selecionadas aleatoriamente para participar dos grupos GI e GC, foram testadas através do TGMD (Test of Gross Motor Development). Medidas: A análise do arremesso, pré e pós intervenção, foi realizada através da Sequência de Desenvolvimento Motor (Robertson & Halverson, 1984). Resultados: ANOVA *One-Way* revelou que as crianças PNE demonstraram padrões semelhantes de ganhos no arremesso. Os resultados indicaram não haver diferenças estatisticamente significativas entre os grupos no pré e pós IM nos componentes pernas, balanceio preparatório. GC apresentou resultados superiores nos componentes tronco, braço e antebraço. O GI demonstrou mudanças estatisticamente significativas do pré para pós IM no tronco, braço e antebraço. GC demonstrou crescimento estatisticamente significativo somente no antebraço. GI não demonstrou diferenças do pré para o pós IM na perna e balanceio. O GC não apresentou diferenças significativas na perna, tronco, braço e balanceio. Conclusão: Os resultados demonstraram que a IM com clima de motivação tarefa-orientado leva a ganhos positivos no desenvolvimento dos componentes do arremesso de crianças, PNE e não PNE, com atrasos motores.

Perfil Antropométrico de Atletas do Atletismo Portadores de Deficiência Física

Leandro Silva Nunes Garcia,
Humberto de Carvalho, Sérgio Pepato
FAEFI-UFU – Uberlândia - MG – Brasil
E-mail: leandrogarcia@edf.ufu.br

O treinamento desportivo contemporâneo tem como objeto alvo prescrever um treinamento no qual processo de adaptação orgânica deve ser embasado nos meios científicos

de preparação física, principalmente quando essas adaptações podem de alguma maneira intervir na vida cotidiana dos atletas paraolímpicos. Desta forma, o processo de avaliação funcional desses atletas assume cada vez mais um papel de fundamental importância, uma vez que através dessa avaliação diagnóstica podemos prescrever e acompanhar suas evoluções. Neste sentido, deve-se considerar as especificidades de cada grupo de atletas, o que exige um conhecimento profundo dos profissionais da área. Sendo assim, o portador de deficiência física (PDF) poderá praticar seu esporte predileto visando o bem estar, e utilizando suas potencialidades hereditárias tornando-se, talvez, um atleta de alto-nível. Isto nos motivou na busca de um perfil antropométrico desses indivíduos. Desta forma foram avaliados oito atletas do sexo masculino do atletismo, especificamente arremessadores de peso, na cidade de Uberlândia - MG. Foram aplicados os seguintes testes com suas respectivas média e desvio-padrão: índice de massa corporal ($27,6 \pm 4,3$), somatório de oito dobras cutâneas ($149,5\text{mm} \pm 49,3$), somatório de circunferência do braço, tórax, cintura, quadril, coxa e perna ($424,4\text{cm} \pm 42,1$), estatura ($172\text{cm} \pm 7,1$). Como estamos desenvolvendo esse treinamento desde maio de 2003, temos realizado avaliações formativas na busca por um parâmetro válido para definição da composição corporal de cada um. Com mais estes resultados e uma periodização bem definida, esperamos conseguir os resultados necessários para publicar um perfil antropométrico que sirva de parâmetro para todos os atletas desse nível e categoria.

Diabetes Mellitus Tipo II, Nível de Atividade e Qualidade de Vida

Shirley Ferraz do Nascimento, Neiza de L. F. Fumes
Grupo de Estudos e Extensão em Atividade Motora
Adaptada - Universidade Federal de Alagoas
Maceió - AL
E-mail: neizaf@yahoo.com

O *Diabetes Mellitus* é uma doença crônica decorrente da ausência ou resistência à insulina, caracterizada por uma disfunção no metabolismo dos substratos energéticos, em especial dos carboidratos, apresentando aumentos significativos da taxa glicêmica. Tem-se demonstrado que o *Diabetes Mellitus* Tipo II está diretamente relacionado ao estilo de vida. A alimentação e o sedentarismo são fatores precipitantes para o desenvolvimento da doença e de suas complicações crônicas. A adoção de um estilo de vida mais saudável irá prevenir e/ou retardar o desenvolvimento do *Diabetes Mellitus* Tipo II em pessoas com predisposição e contribuir para manutenção do controle metabólico e para a redução de riscos das doenças coronarianas em indivíduos que já a apresentam. Especificamente, tem-se defendido que a prática regular de atividade física aumenta a demanda energética do indivíduo contribuindo para uma melhor e maior utilização dos substratos energéticos pelo organismo

prevenindo, desta forma, o aumento das taxas de glicose e de gorduras do sangue, entre outros aspectos. Diante do exposto, o objetivo deste estudo foi identificar se o nível de atividade física interfere na qualidade de vida dos portadores de *Diabetes Mellitus* Tipo II cadastrados em um programa de controle de hipertensão e *Diabetes Mellitus* de um posto de saúde em Maceió/AL. Vinte e seis pessoas entre 41 e 60 anos, cadastradas no referido programa, foram submetidas a 2 questionários: o *Whoqol-Bref* (instrumento de avaliação de qualidade de vida da Organização Mundial da Saúde) e o Questionário Internacional de Atividade Física (IPAQ - versão curta) que avaliaram, respectivamente a qualidade de vida e o nível de atividade física dessas pessoas. De acordo com a classificação do IPAQ (Versão Curta), pôde-se observar que 1 dos avaliados era sedentário, 5 eram insuficientemente ativos, 14 eram ativos e 6 muito ativos. Apesar da maioria dos avaliados estarem classificados como ativos e muito ativos, pudemos verificar a existência de um número elevado de complicações em ambos os grupos. Deste modo, pudemos concluir que apesar dos sujeitos apresentarem um bom nível de atividade física, muitos deles apresentavam problemas de saúde. Os problemas de saúde são decorrentes possivelmente do período de instalação da doença e/ou provavelmente devido a uma alimentação inadequada e falta de medicamentos no posto de saúde (estes dois últimos aspectos não foram avaliados pela pesquisa). Nível de atividade física e estado de saúde são fatores importantes para um controle metabólico satisfatório e/ou prevenção das complicações provenientes da doença e, conseqüentemente, para a manutenção de uma melhor qualidade de vida.

A Percepção de Pessoas com Lesão Medular sobre as Mudanças Ocorridas em suas Vidas por Meio da Estimulação Elétrica Neuromuscular

Renata Borges Manhães¹, Eliane Aparecida Campanha Araújo², Alberto Cliquet Júnior^{1,3,4}

¹Programa de Pós-Graduação Interunidades Bioengenharia – EESC – FMRP - IQSC/USP; ²DEE/UFSCar; ³SEL–EESC/USP; ⁴DOT–FCM/UNICAMP - EESC/USP - São Carlos – Brasil
E-mail: renatabm@sc.usp.br

A estimulação elétrica neuromuscular (EENM) é um recurso reabilitacional funcional que tem como propósito à recuperação dos movimentos dos membros superiores ou inferiores de pessoas acometidas por uma lesão medular. Executando a estimulação em músculos/nervos específicos, de maneira controlada e cíclica, é possível realizar a marcha nestes pacientes em laboratório. Usando esta técnica, o sujeito passa a realizar, de forma artificial, os movimentos que havia perdido com a lesão. Acredita-se que seja comum a observação de reações psicológicas a este tratamento,

porém poucos estudos foram registrados até o momento. Este estudo objetivou identificar as principais mudanças ocorridas nas vidas de pacientes com lesão medular adquirida que se encontram relacionadas com o tratamento proposto pelo programa de EENM, assim como avaliar os resultados obtidos com a reabilitação através da EENM. A realização deste estudo se deu no Hospital das Clínicas da Universidade de Campinas, Departamento de Ortopedia da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, onde é realizado o tratamento para reabilitação motora através da EENM. Os sujeitos desta pesquisa foram quatro pacientes paraplégicos que participam regularmente do programa de EENM há mais de dois anos com frequência semanal. Para a coleta dos dados foi utilizado um gravador portátil e fitas cassetes. O procedimento de coleta foi realizado individualmente onde era feita a seguinte pergunta: *A EENM trouxe alguma mudança significativa para a sua vida? Se sim, qual(is) seria(m) e por quê?* Os relatos demonstraram que as mudanças ocorridas com a EENM envolvem os aspectos físicos, sociais e psicológicos. No aspecto físico foram relatados principalmente o aumento da sensibilidade e o fortalecimento muscular. No aspecto psicossocial revelam um aumento na auto-confiança, auto-estima e socialização, além de uma maior motivação para lutarem pela superação de suas limitações. O “ficar em pé” e o “andar,” são citados em todos os relatos como algo estimulante e motivador tendo uma conotação positiva e benéfica para suas vidas de uma forma geral. Os dados obtidos indicam que a EENM tem contribuído significativamente na qualidade de vida dessas pessoas, funcionando como estímulo para a continuação do tratamento e para um maior empenho por parte do paciente na busca de uma recuperação total ou parcial, auxiliando, portanto, todo o processo reabilitacional desses sujeitos, além de exercer uma influência preponderante em suas expectativas para o futuro.

Sistema de Biofeedback para Otimização de Movimento de Membros Superiores de Corredores com Paralisia Cerebral

Caio Ferraz Cruz, Antônio Augusto Fasolo Quevedo
Unicamp - Campinas - São Paulo - Brasil
E-mail: caiofcruz@ig.com.br

Pessoas com paralisia cerebral (PC) espástica geralmente mantêm uma postura de extensão de membros inferiores e flexão de membros superiores, com rotação interna e adução de coxas e flexão de cotovelos, punhos e dedos, o que acarreta desvantagens durante a corrida: menor comprimento de passada, maior razão tempo de suporte/tempo de vôo, menor variação angular de quadril, menor variação angular de ombro e conseqüente menor velocidade. Os objetivos desta pesquisa foram: (1) desenvolver um equipamento portátil de *biofeedback* auditivo binário para que corredores com PC espástica pudessem aumentar, durante a corrida, a

aceleração do membro superior afetado; (2) verificar se a utilização freqüente do equipamento de *biofeedback* diminui a necessidade de correção do movimento e (3) se o novo padrão de movimento aumenta a velocidade de corrida. Foram selecionados dois atletas do sexo masculino, com PC espástica, hemiparéticos, classe 7 da Associação Internacional de Esporte e Recreação para Paralisados Cerebrais (CP-ISRA). Foi desenvolvido um equipamento de *biofeedback*, composto das seguintes unidades: sensor de aceleração de membro superior (acelerômetro ADXL05, da *Analog Devices*); circuito eletrônico para recepção do sinal do sensor, comparação com o limiar determinado, disparo do sinal sonoro caso a aceleração esteja abaixo do limiar e contagem do número de disparos; fone de ouvido. Foram realizados dois testes semanais para cada sujeito em pista de atletismo de 400 m, medindo-se o número de disparos e o tempo de percurso: 800 m para o sujeito 1 e 400 m para o sujeito 2. O número de disparos do sujeito 1 variou bastante durante os 39 testes. Uma linha de tendência polinomial ($y = -0,0346x^2 + 1,5295x - 3,0452$) mostra que, após 22 testes (pico da parábola) aumentando a necessidade de *biofeedback*, o sujeito 1 aprendeu a correr com maior aceleração do membro superior afetado, diminuindo a necessidade de correção. Seu tempo de percurso apresentou uma tendência de queda (de 200s para 180s, de acordo com a linha de tendência $y = -0,5835x + 200,72$), mas não se pode afirmar que isto se deveu ao novo padrão de movimento, pois o tempo de percurso já estava em declínio enquanto havia aumento do número de disparos. O sujeito 2 apresentou pouca necessidade de correção e nenhum disparo na maioria dos testes ao longo do experimento. Portanto, não mudou seu padrão de movimento com o uso do equipamento de *biofeedback*. Em relação ao tempo de percurso, embora tenha havido grande oscilação durante os 30 testes, houve uma tendência queda (de 73s para 64s, de acordo com a linha de tendência $y = -0,2917x + 73,221$), o que não tem relação com o número de disparos e, portanto, deve ser consequência de outra variável.

A Educação Física Adaptada para Pessoas com Paralisia Cerebral Espástica na Prevenção de Contraturas e Deformidades

Aline Miranda Strapasson, Alekssandro Haman Fogagnoli, Sandra Mara Faria de Carvalho Martins
Faculdade Educacional do Sudoeste do Paraná – FADEP
E-mail: alinestrapasson@bol.com.br

Esta pesquisa teve por objetivo demonstrar o papel da educação física adaptada (EFA) para pessoas com paralisia cerebral (PC) espástica na prevenção de contraturas e deformidades decorrentes da espasticidade. Foram selecionados, para participar deste estudo, três alunos com PC espástica. Aluna 1, do sexo feminino, 14 anos, quadriplégica; aluno 2, do sexo masculino, 13 anos, diplégico; aluna 3, do sexo feminino, 12 anos, hemiplégica

direita. A metodologia usada para a avaliação foi o teste de goniometria (pré-teste, teste intermediário e pós-teste), observação sistemática e o diário do pesquisador. O procedimento foi realizado durante dez meses. Durante os primeiros cinco meses, submetemos os alunos à observação de postura, locomoção, grau de espasticidade, amplitude de movimento (ADM), limitações físicas e extinção da prática da EFA, bem como do atendimento fisioterápico. Durante os cinco meses finais, aulas individuais de EFA para a aluna 1 e em duplas para os alunos 2 e 3, com no mínimo 60 minutos e máximo 120 minutos de duração, três vezes por semana. Para conseguirmos manutenção e/ou aumento da ADM foram usados alongamentos passivo e ativo, orientações sobre postura e movimento e atividades recreativas em geral. Entende-se PC como resultado de uma lesão encefálica irreversível, não progressiva, afetando postura e movimentos, podendo estar associada a prejuízos motores e sensoriais, apresentando graus de severidade e prognósticos variáveis. O resultado obtido com o tratamento proposto, mensurado pelo teste de goniometria nos mostra que, durante a primeira fase da pesquisa, sem EFA, os alunos 1, 2 e 3 diminuíram a ADM, da soma de todas as articulações estudadas em 60, 40 e 35% respectivamente, mantiveram a ADM de 15, 40 e 55% e aumentaram a ADM de 25, 20 e 10%. Na segunda fase, com EFA, não houve diminuição nas ADMs de nenhum dos avaliados, ou seja, mantiveram a ADM em 27,5, 20 e 35% e aumentaram a ADM em 72,5, 80 e 65%.

Atividades de Alongamento para Pessoas com Traumatismo Cranioencefálico

Neriane dos Santos, Aline Miranda Strapasson,
 Alekssandro Haman Fogagnoli
Faculdade Educacional do Sudoeste do Paraná – FADEP, Pato Branco – PR - Brasil
E-mail: neryane@hotmail.com;
alinestrapasson@bol.com.br

Entende-se traumatismo cranioencefálico (TCE) como um golpe na cabeça que pode acarretar lesões com comprometimento grave ao nível do couro cabeludo, encéfalo, crânio, meninges ou de seus vasos, podendo causar grandes seqüelas que resultam em danos cerebrais temporários ou permanentes. Nesta pesquisa procuramos conhecer o papel da educação física adaptada (EFA) na equipe multidisciplinar, com o intuito de reabilitar lesionados cerebrais graves. A metodologia utilizada para avaliação foi o teste de goniometria (pré- e pós-testes), observação sistemática e o diário do pesquisador. O procedimento foi realizado durante dois meses e vinte dias, dividido em trabalho de alongamento passivo (3 dias na semana) e mobilização articular (7 dias na semana), com no mínimo 50 minutos de duração, sendo três séries de trinta segundos cada movimento. O nosso objetivo foi demonstrar o importante papel do alongamento em pessoas com TCE

espástico grave, em busca da prevenção de contraturas e deformidades decorrentes da espasticidade. O alongamento é uma tarefa coordenada e objetiva, segue como método terapêutico em absoluto controle das condições que apresenta o aluno a ser avaliado. O trabalho foi realizado com portador de TCE espástico, do sexo masculino, 6 anos no leito, paciente sem comunicação. Os resultados obtidos com o tratamento proposto, mensurado pelo teste de goniometria nos mostram aumento em todos os movimentos, exceto nos seguintes: rotação medial (RM) do ombro direito, flexão (FL) do quadril direito e extensão (E) dos joelhos, que permaneceram inalterados, ou seja, de 28 movimentos mensurados, apenas 3 mantiveram sua ADM, sendo, 89,28% de aumento e 10,72% de manutenção. Concluímos que o professor de EFA exerce papel fundamental na qualidade de vida de pessoas portadoras de deficiência.

Qualidade de Vida e Bem-Estar Subjetivo Percebido pelos Idosos Praticantes de Hidroginástica por mais de Sete Anos

Eliane Rosa dos Santos, Érica Gomes Silva,
Geni Araújo Costa

UFU – Uberlândia – MG – Brasil
E-mail: lilikapink@yahoo.com.br

A relação atividade física e saúde vem sendo gradualmente substituída pelo enfoque da qualidade de vida. Este estudo tem como objetivo avaliar o efeito da atividade de hidroginástica na qualidade de vida e no bem-estar subjetivo percebido pelos praticantes, a partir de diferentes grupos de categorias etárias e de tempo de prática desta atividade. A amostra foi constituída por 54 idosos, os quais foram divididos em dois grupos de idades diferenciadas: GI com média de idade de 60,2 anos e GII média de 71,9 anos. Em relação ao tempo de prática de hidroginástica os idosos foram divididos em GI com média de tempo de 8,72 anos e GII média de 13,4 anos. Foi realizada uma pesquisa de campo tanto qualitativa como quantitativa com aplicação do questionário SF 36 (*Medical Outcomes Study Short form 36-item questionnaire*) e um questionário do bem estar subjetivo percebido pelos idosos, sendo avaliado de modo geral. A análise da qualidade de vida dos idosos demonstra que os benefícios gerados com a hidroginástica realizada há 8 anos são similares aos benefícios adquiridos pelos praticantes há 13 anos de atividade, sem nenhuma diferença significativa entre os domínios analisados. Os praticantes de hidroginástica com média de idade de 71,9 anos apresentam, na grande maioria dos domínios analisados, maiores benefícios da atividade em relação à qualidade de vida do que o grupo de idosos de 60 anos. A partir dos testes de avaliação subjetiva, os praticantes de hidroginástica julgam, de forma geral, favoravelmente a qualidade de suas vidas, englobando dessa forma aspectos físicos e emocionais como pôde ser comprovado em relatos e anotações sistematizadas nos questionários.

Influência de um Programa de Dança e Hidroginástica na Composição Corporal de Idosas

Francini Vilela Novais, Geni Araújo Costa, Lucélia

Justino Borges, Joice Luiza Appelt

FAEFI - UFU - Uberlândia - MG - Brasil

E-mail: frannovais@yahoo.com.br

A população brasileira, até pouco tempo considerada jovem, está envelhecendo. Segundo IBGE (2000), o número de pessoas que ultrapassam a linha dos 60 anos vêm crescendo paulatinamente no Brasil. Estes já somam 14.536.029, ou seja, 1 em cada 13 brasileiros é denominado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como idoso. Perspectivas apontam que em 2025 seremos o 6º país com maior número de pessoas nesta faixa etária. Vivemos hoje em uma sociedade mais preocupada e participativa, não só com os problemas atuais, mas também com a qualidade de vida daqueles que viverão por mais tempo. Neste sentido, este estudo procurou analisar a influência de um programa de dança e hidroginástica na composição corporal de idosas. A amostra foi constituída por 107 pessoas com idade entre 51 e 78 anos, totalizando uma média de 63 anos, selecionadas aleatoriamente do grupo de idosas participantes do Projeto Vida Ativa AFRID, em Uberlândia (MG). A pesquisa aborda a composição corporal enfocando o percentual de gordura (%G), o índice de massa corporal (IMC), e a relação cintura e quadril (RCQ). Para a análise dos dados utilizou-se o teste t Student para amostras independentes, em nível significativo de $p < 0,05$. Foram feitos pré- e pós-testes com um intervalo de 7 meses entre eles, nos quais as idosas praticavam regularmente (3 vezes por semana) atividades físicas e recreativas nas modalidades já citadas. Através deste estudo pudemos notar que houve pouca significância entre os dados relativos à composição corporal que reduziu pouco ou permaneceu inalterada durante esse processo. As médias variaram da seguinte forma, %G: 25,04 para 24,54; RCQ: 0,854 para 0,843; IMC: 28,55 para 28,43. A proposta de atuação do projeto AFRID não visa treinamento. Trata-se de um trabalho mais recreativo e objetiva o bem-estar geral. Estes resultados constatam que tanto a dança como a hidroginástica tendem apenas aos objetivos propostos. Porém dois pontos devem ser salientados, o fato destes dados permanecerem inalterados estatisticamente, representa grande significância em se tratando dos declínios e do relativo aumento da composição corporal inerentes ao processo de envelhecimento. Outro fato a destacar é que, em um recente estudo com a mesma população, pôde se constatar que estas atividades aumentaram consideravelmente o nível de satisfação de vida dos praticantes. Esses dados confirmam a validade do nosso trabalho, o que com certeza promove cada vez mais um envelhecimento saudável e maior bem estar subjetivo.

**Perfil Psicossocial dos Idosos
Institucionalizados do Asilo São Lucas do
Município de Uberlândia/MG**

Joice Luiza Appelt, Francine Vilela Novais,
Geni Araújo Costa

FAEFI - UFU - Uberlândia - MG - Brasil

E-mail: joiceluiza@yahoo.com

Introdução: O envelhecimento da população brasileira e, conseqüente aumento da expectativa de vida beneficiado pelos avanços tecnológicos inseridos no sistema capitalista é uma realidade marcante na atualidade. Notório também é o grande número de instituições de longa permanência, fruto da pobreza e da exclusão social advinda do mesmo sistema. Vivenciando essa situação observou-se a necessidade de identificar o perfil psicossocial dos idosos institucionalizados do Asilo São Lucas localizado na cidade de Uberlândia / MG, com o objetivo de melhor conhecê-los para maior qualificação do trabalho. Metodologia: Pesquisa descritiva com 10 idosos institucionalizados, intencionalmente escolhidos de um total de 24 residentes, sendo 3 mulheres e 7 homens, com capacidade de comunicação. Os dados foram coletados individualmente no próprio asilo. Foi aplicado um questionário para verificar a condição sócio-econômica, o teste do relógio (*Clock Drawing Task*) e o teste *mini-mental* (Folstein, Folstein & Mchuvh, 1975). Resultados: Sobre o questionário sócio-econômico: 60% dos idosos são solteiros, 40% separados, 30% cursaram o primário, 10% fizeram o ginásio, 40% tem 2º grau, e 20% são analfabetos, 40% ajudam nas atividades diárias do asilo, 70% pratica atividades físicas e recreativas proporcionadas pelos estagiários do projeto AFRID, 50% tiveram doença nesse último ano, 90% tomam remédios, 60% participam do CEAI, 70% não tem freqüência em atividades religiosas, contudo todos acreditam em Deus. Sobre o teste do relógio: 20% dos participantes conseguiram desenhar um círculo fechado; nenhum deles foi capaz de colocar os números nas posições correta, incluir corretamente os 12 números, e muito menos colocar os ponteiros nas posições solicitadas. O *mini-mental* ressaltou que 66% dos idosos possuem orientação espaço-temporal, ou seja, sabem a onde se encontram, qual o nome e a localização da instituição; 96,6% possuem memória imediata; 56% possuem atenção e capacidade para calcular, lembrando que 2 deles são analfabetos; 60% tem evocação e 66,6% tem linguagem, na qual eles conseguem falar de forma concisa, mas nem sempre precisa ou desvinculada da fantasia. A partir da análise dos dados obtidos pôde-se perceber que 100% dos idosos possuem um comprometimento cognitivo, porém eles têm noção do tempo presente e consciência de sua realidade atual. Conclusão: A população observada apresenta um perfil psicossocial positivo e mesmo estando isolados em abrigos eles ainda tem consciência espaço-temporal. Fato muito intrigante é a recordação de 90% dos idosos sobre as marcas de relógio e caneta, respectivamente *citizen* e *parkson 51*. O constrangimento de alguns sobre o passado e o analfabetismo foram visíveis nas respostas, as quais continham elementos de tristeza.

**Análise do Perfil Sócio-Demográfico, do
Sentido de Auto-Eficácia Física e do Nível de
Satisfação de Vida de Idosos Praticantes de
Atividade Física no Projeto Vida Ativa AFRID**

Lucélia Justino Borges, Geni De Araújo Costa,
Luciana Mendonça Arantes, Francini Vilela Novais
Faculdade de Educação Física - Universidade Federal
de Uberlândia - Uberlândia - MG - Brasil
E-mail: luceliajb@yahoo.com.br

Atualmente vivenciamos grandes transformações de ordem científica, tecnológica e sociocultural. Associadas a estas transformações, estamos assistindo o crescimento da população de idosos e ainda, a redefinição do papel destes provocada pela mudança do estilo de vida. Nesta pesquisa procuramos identificar: o perfil sócio-demográfico, o nível de satisfação de vida em relação a aspectos como saúde, a capacidade mental e física, o envolvimento social, bem como o sentido de auto-eficácia física, baseando-se nas capacidades e auto-apresentação físicas, de idosos praticantes de atividade física no Projeto Vida Ativa AFRID, na FAEFI/UFU. A pesquisa foi realizada com um grupo de 97 participantes do AFRID, sendo 84 sujeitos do sexo feminino e 13 do sexo masculino, com idade variando entre 50 e 89 anos, fisicamente independentes. Os instrumentos utilizados foram três questionários: um sócio-demográfico, outro para medir o nível de satisfação (Neri, 1998) e o outro para escala de auto-eficácia (Ryckman, 1982). Diante dos resultados obtidos, o perfil sócio demográfico é identificado como: 60,82% são casados; 76,08% possuem apenas o ensino básico; 78,32% não trabalham; 50,55% não são aposentados e 74,16% não são pensionistas; 28,87% moram com cônjuge e filhos; 24,75% moram somente com o cônjuge; 49,71% praticam hidroginástica; 93,82% praticam atividade física por mais de 30 minutos por dia e 98,9% praticam mais de 3 vezes por semana, 53,85% não possuem doença crônica e 46,15% possuem. Os participantes com doença crônica tiveram em maior porcentagem as doenças nos músculos, tendões e articulações, hipertensão e diabetes. Quanto ao sentido de auto-eficácia, 36,69% dos sujeitos concordam com as afirmações sobre habilidades físicas percebidas tais como: “eu posso correr rapidamente;” enquanto 29,75% discordam das afirmações sobre auto-apresentação, tais como: “algumas características físicas às vezes te aborrecem.” Os resultados obtidos para medir o nível de satisfação, revelam que 36,8% estão muito satisfeitos em relação à saúde; 43,2% estão muito satisfeitos em relação à capacidade física; 46% estão muito satisfeitos em relação à capacidade mental e 48% estão muito satisfeitos em relação ao envolvimento social. Neste contexto, a prática de atividades físicas para os participantes do AFRID, aprimora a qualidade de vida, melhora o envolvimento social, aumenta a auto-estima, a auto-apresentação física, a satisfação e a auto-eficácia física, além de outros benefícios fisiológicos, psicológicos e sociais.

**Os Benefícios do Treinamento de Força nas
AVDs e na Qualidade de Vida de Idosos
Praticantes de Atividade Física do
Projeto AFRID**

Luciana Mendonça Arantes, Geni Araújo Costa,
Janaine Ramos, Lucélia Justino Borges
FAEFI - UFU - Uberlândia - MG - Brasil
E-mail: lularantes@yahoo.com

Introdução: Atualmente, é notável o crescimento da população idosa no Brasil. Diante disso, há uma maior preocupação da população com o envelhecimento, e a atividade física é um fator importante para uma melhor qualidade de vida. A musculação é uma das atividades que proporciona maiores benefícios a terceira idade. A musculação, quando bem orientada pode prevenir quedas que ocorrem no cotidiano dos idosos, beneficiando os mesmos: nas suas práticas diárias, no fortalecimento muscular, no aumento da densidade óssea, na melhora do seu bem estar físico e psicológico, entre outros. Objetivos: A presente pesquisa tem por objetivo analisar os benefícios que o treinamento de força na musculação pode proporcionar aos idosos, em suas atividades de vida diária e na qualidade de vida. Metodologia: A pesquisa foi realizada com oito alunos, sendo 3 do sexo masculino e 6 do sexo feminino, com idade ente 55 e 80 anos, que praticam musculação há quatro meses no projeto Atividades Físicas e Recreativas para Idosos (AFRID) na Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia. Foi realizado um pré-teste de atividades de vida diária, e em seguida elaborado um treinamento de força de 8 semanas, realizado três vezes por semana. Após o término de 8 semanas de treinamento foi realizado o pós-teste de atividades de vida diária. Resultados: As análises estatísticas mostram redução significativa no tempo para todos os testes de atividades de vida diária após o treinamento de força. Caminhar/correr 800 metros: 8,5%; subir escadas: 19,7%; levantar-se do solo: 24,4%; sentar e levantar-se da cadeira: 8,1%; calçar meias: 18,2%. Conclusão: Através da análise dos dados foi possível notar uma melhora significativa em todos os testes de atividades de vida diária realizados após o treinamento de força. Todos os alunos tiveram conhecimento dos objetivos do trabalho realizado, sendo possível observar uma grande interação social entre os idosos, proporcionando aos mesmos, benefícios biopsicossociais, pois se mostravam sempre dispostos e motivados com o treinamento proposto.

**Análise Comparativa das Capacidades Físicas
e Coordenativas de Idosas Praticantes
de Hidroginástica**

Luciana das Mercês Carvalho Lima, Luiz Humberto
Rodrigues Souza, Geni A. Costa
Faculdade de Educação Física - UFU
Uberlândia - MG - Brasil
E-Mail: lueduca@yahoo.com.br

A expectativa de vida da população idosa vem aumentando progressivamente, e a diminuição da mortalidade, bem como o avanço tecnológico e médico são reflexos de que a urbanização adequada das cidades tem garantido melhores condições de saúde pública. Na terceira idade alguns fatores determinam o desempenho do indivíduo diante da sociedade e de si mesmo. Suas capacidades físicas e coordenativas se tornam importantes nessa fase da vida. A prática de atividades físicas regulares surge como uma alternativa capaz de gerar benefícios aos idosos, minimizando os declínios mais comuns. O objetivo deste estudo foi verificar a repercussão de um programa de atividade física sobre algumas capacidades funcionais e coordenativas, tais como: flexibilidade, agilidade, caminhada e equilíbrio. A amostra foi composta por 106 mulheres, com média de idade de $64,46 \pm 5,31$ anos, fisicamente independentes, residentes no município de Uberlândia/MG, participantes do projeto Vida Ativa Atividades físicas e Recreativas para a Terceira Idade (AFRID)/UFU. Os indivíduos analisados foram submetidos a aulas três vezes por semana, durante uma hora, com trabalho de aquecimento inicial, de resistência e força de membros inferiores e superiores na parte principal e alongamento na volta a calma. Este trabalho tem início e fim no ambiente aquático. O período de experimento foi de 7 meses, sendo realizados pré- e pós-testes em todos os indivíduos para avaliar as capacidades já citadas. Os testes foram: banco de Wells, que permite avaliar a flexão do quadril; afastamento frontal, medido com fita métrica a abertura das pernas em pé; caminhada de 6 min, em uma pista de 200 metros e equilíbrio, posicionando uma perna no chão e a outra fletida. Todos esses testes foram protocolados por Matsudo (2000). O teste "t" de *student* para variáveis dependentes mostrou que as capacidades físicas e coordenativas não apresentaram significância para $p < 0,05$ na metodologia de trabalho realizada. A média dos resultados do pré-teste para as capacidades de equilíbrio, flexibilidade e caminhada foram: Eq=19,78; Flex=17,62; Af=2,13; Cam=3,20 e no pós-teste: Eq=20,60; Flex=18,4; Af=1,20; Cam=3,19. A partir dos resultados pode-se concluir que, para a metodologia aplicada os efeitos não foram significativos nas capacidades analisadas. Tendo em vista esses resultados, outra metodologia já está sendo utilizada e avaliada com objetivo de se obter melhorias nas capacidades tanto físicas como coordenativas.

Análise da Força Muscular dos Membros Superiores em Idosos Pertencentes ao Projeto AFRID Praticantes de Hidroginástica

Luiz Humberto Rodrigues Souza, Patrícia Vieira do Nascimento, Geni de Araújo Costa, Sílvio Soares dos Santos
 UFU - Uberlândia - MG - Brasil
 E-mail: luizhrsouza21@yahoo.com.br

Força é a capacidade de exercer tensão muscular contra uma resistência, envolvendo fatores mecânicos e fisiológicos que determinam a força em algum movimento particular (Barbanti, 1979). Este estudo tem a finalidade de verificar a influência da prática de hidroginástica na aquisição de força de membros superiores, utilizando como referência os valores padrões apontados por Rikli e Jones (1999), em média e desvio padrão, do teste de flexão do braço. A relevância do trabalho é mostrar que pessoas idosas quando se exercitam com sobrecarga, podem recuperar parte de sua força perdida, capacitando-as a um melhor desempenho das atividades de vida diária (AVDs). Esta pesquisa caracterizou-se como um estudo experimental, pois determinou um objeto para análise e selecionou as variáveis capazes de influenciá-lo. Utilizou-se o teste de flexão de cotovelo (Rikli & Jones, 1999) para obter as medidas da amostra de 181 alunos do projeto Atividades Físicas e Recreativas para a Terceira Idade (AFRID). A amostragem foi dividida em cinco grupos de acordo com o sexo e a idade cronológica a partir de 60 anos: 60-64 (M-mulher: $16,1 \pm 4,6$; H-homem: $19 \pm 4,7$), 65-69 (M: $15,2 \pm 4,3$; H: $18,4 \pm 5,3$), 70-74 (M: $14,5 \pm 4,4$; H: $17,4 \pm 5$), 75-79 (M: $14 \pm 4,4$; H: $16,2 \pm 4,6$), 80-84 (M: $13 \pm 4,1$; H: $16 \pm 4,3$). Os idosos permaneceram sentados em uma cadeira sem apoio lateral, com as costas retas no encosto e pés totalmente apoiados no chão, com o lado dominante do corpo perto da extremidade lateral da cadeira. O peso é segurado na lateral do corpo (mulheres 2 kg e homens 4 kg) com a mão dominante fechada. O teste começa com o braço estendido para baixo ao lado da cadeira, perpendicular ao chão. Da análise dos dados, verificou-se que a média obtida para os grupos analisados foi: 60-64 (M: $19,49 \pm 3,51$; H: $19,4 \pm 2,6$), 65-69 (M: $19,39 \pm 3,56$; H: $16,83 \pm 7,02$), 70-74 (M: $18,2 \pm 4,26$; H: $18,77 \pm 3,27$), 75-79 (M: $16,63 \pm 3,28$; H: $16 \pm 7,7$), 80-84 (M: $18,5 \pm 3,88$; H: $16,66 \pm 4,04$). A partir deste trabalho, pode-se notar que as atividades de hidroginástica têm influência direta na mensuração da força para a clientela analisada tendo em vista a comparação dos dados com os oferecidos por Rikli e Jones (1999).

Nível de Satisfação de Vida Percebido por Idosos Institucionalizados

Marcela Parreira Tannús, Geni de Araújo Costa
 Stela Ramos de Moura, Cecília Faustino Santos
 UFU - Uberlândia - MG - Brasil
 E-mail: marcelatannus@bol.com.br

Introdução: O envelhecimento consiste num processo natural e inevitável do homem. Com os avanços tecnológicos e a diminuição das doenças epidêmicas que levava a óbito grande parte da população, houve um aumento considerável da expectativa de vida. Devido a este grande aumento do número de idosos é que existe hoje uma grande preocupação com o bem-estar e a qualidade de vida percebida dessa população. A qualidade de vida compreende a percepção do indivíduo de posição na vida, no contexto de cultura, e sistema de valores nos quais ele vive e em relação a seus objetivos, expectativas padrões e preocupações (Orley, 1994). Segundo Neri (2002), a qualidade de vida na velhice depende principalmente do nível de aceitação das perdas inevitáveis dessa fase da vida. Objetivo: Verificar o nível subjetivo de satisfação de vida de idosos asilados, relacionados à saúde, à capacidade física e mental e o envolvimento social. Metodologia: foram selecionadas cinco instituições asilares subvencionadas pela prefeitura de Uberlândia e adeptas ao programa de atividades físicas do projeto Atividades Físicas e Recreativas para a Terceira Idade (AFRID). Em seguida selecionamos os internos que responderam o questionário de acordo com a capacidade de interpretação e lucidez dos mesmos. A população se compôs de 34 internos, sendo 24 mulheres com idade média de 71,41 e 10 homens com idade média de 67,4. Foi aplicado o teste de Neri (1998) adaptado por Costa (2002). Resultados: o nível de satisfação relacionado à saúde foram: muito satisfeito (MS) 47,05%, mais ou menos satisfeito ($\pm S$) 31,37% e pouco satisfeito (PS) 21,26%; quanto ao físico: MS 45,09%, $\pm S$ 36,27% e PS 18,62%; ao social MS 48,04%, $\pm S$ 32,35% e PS 21,56% e com relação ao nível mental: MS 46,07%, $\pm S$ 37,25% e PS 16,66%. Conclusão: Diante da análise dos dados podemos concluir que o nível de satisfação dos internos é grande em todas as capacidades. O que é surpreendente, pois a maioria não é independente e em sua quase totalidade possuem alguma doença relacionada ao processo de envelhecimento. Esse resultado pode ser atribuído à aceitação dos internos das perdas ocasionadas pela velhice.

Depressão em Idosos Institucionalizados

Marcela Parreira Tannús, Geni Araújo Costa, Stela Ramos de Moura, Mônica Cristiana Barbosa
 UFU - Uberlândia - MG - Brasil
 E-mail: marcelatannus@bol.com.br

Introdução: A depressão está entre os principais distúrbios do idoso. Ela é um dos mais graves problemas de saúde que atinge o velho, chegando a acometer 25% da população idosa mundial. No Brasil os casos somam cerca de 3,5 milhões, numa incidência de 20% e 25% de idosos nas classes média e pobre, respectivamente. Segundo Gus (1990) o termo depressão pode referir-se à sintomas depressivos, reações depressivas ou depressões reativas e à doença depressiva (apud Geni, 2000). Devido a essa íntima relação entre a depressão e as inevitáveis "perdas" da velhice, é que existe

ainda hoje negligência com a maioria dos casos de depressão na velhice, pois muitos deles nem chegam a ser diagnosticados. Sendo assim, a maioria dos idosos deprimidos não tem acesso a um tratamento adequado agravando ainda mais o problema. Objetivo: Verificar através da escala geriátrica se idosos internos apresentam depressão. Metodologia: foram selecionadas cinco instituições asilares da cidade de Uberlândia adeptas ao programa de atividades físicas do Projeto Atividades Físicas e Recreativas para a Terceira Idade (AFRID), e dentro delas 34 internos capazes de responder ao questionário, sendo 24 mulheres com idade média de 71,41 e 10 homens com idade média de 67,4 anos. Foi aplicada a escala geriátrica de depressão. Resultados: os resultados foram os seguintes: 14,7% da população apresentaram escore menor ou igual a 5 (isenção de depressão); 64,7% obtiveram escore maior que 5 e inferior ou igual a 15 (apresentam sintomas depressivos) e 20,58% mostraram escore superior a 15 (demonstraram maior agravamento desse sintomas). As mulheres obtiveram um escore médio de 12,8 sendo os escores mais altos (superiores a 15) conseguidos exclusivamente por elas, enquanto os homens apresentaram escore médio de 9,9. Conclusão: após a análise dos dados podemos concluir que o número de idosos que apresentam escore menor que 5 indicando isenção de depressão é pequeno. Segundo Stoppe (1994) quanto mais alto o escore maior a probabilidade do indivíduo estar deprimido. Os resultados também mostraram uma maior pré-disposição feminina à doença.

Resumos

Relato de Experiências

Inclusão: Sonho ou Realidade

Fábia Freire da Silva, José Luiz Rodrigues

UNICAMP - Campinas - SP - Brasil

E-mail: fabiafreire@uol.com.br

O estudo teve como objetivo verificar a possibilidade efetiva de inclusão dos alunos com deficiência mental no programa de atividade física da Faculdade de Educação Física de Guarulhos. Nossas preocupações justificam-se, tendo em vista, a grande discussão acerca deste tema em diversas áreas de atuação a nível mundial. Sendo assim, torna-se pertinente a adequada discussão à atual realidade na qual está inserida a educação física. Utilizamos como recurso metodológico, a entrevista, onde foi elaborado um roteiro com perguntas direcionadas ao coordenador do projeto, aos alunos portadores de necessidades educacionais especiais, aos alunos regularmente matriculados, ao monitor e ao professor de educação física. Os resultados apontaram que a inclusão de alunos portadores de deficiência ainda está dando os primeiros passos, pois a sociedade está calcada em preconceitos, os quais se arrastam ao longo da história. Ainda, que os profissionais graduados demonstram certa insegurança para trabalhar com esta população, e que os alunos PNEE sentem a necessidade de estarem inseridos na sociedade em busca de um convívio e vivência de novas oportunidades. Concluímos, portanto, que se torna indispensável para o profissional de educação física deter o conhecimento em relação à população a ser trabalhada. Ainda, que a aceitação e/ou inclusão social dos alunos portadores de necessidades educacionais especiais está se constituindo em uma nova realidade, na qual pode a educação física ser um dos caminhos para alcançar este objetivo.

CIAD: Uma Vivência Interdisciplinar de Extensão Universitária como Meio de Inclusão

Renata Costa de Toledo Russo

PUC – Campinas – SP – Brasil

E-mail: ciad@puc-campinas.edu.br

O Centro Interdisciplinar de Atenção ao Deficiente, desde sua criação teve como missão a facilitação da inclusão social das pessoas com necessidades especiais (PNE), sendo um órgão de extensão da PUC-Campinas. Na última década vem se configurando como um órgão executor também das propostas de ensino e pesquisa da instituição. Tendo como referencial o tripé pedagógico, a equipe de profissionais

ênfata a preocupação em concretizar um trabalho articulado de fundamentação teórica e prática, resultando em ações e projetos coerentes com a missão e proposta da PUC-Campinas. Atendemos 11 instituições de Campinas e região, desenvolvendo projetos elaborados por estagiários de diversas unidades e supervisionados por coordenadores de área deste centro. O objetivo é criar condições para que estes estagiários tenham uma melhor compreensão da questão da deficiência, acrescentando-lhes experiência profissional e de vida. A instituição “Instituto de Educação Especial Recriar” é um exemplo desta proposta. Os encontros acontecem às 5ª feiras das 9:00 às 10:30 horas com atividades físicas, artísticas e esportivas, visando o contato social dos atendidos e a criação da identidade, propiciando a melhoria da auto-estima, do auto-conhecimento e auto-confiança, sempre a favor dos valores sociais e princípios do esporte como meio de educação. Neste projeto participam alunos universitários das áreas de educação física, educação artística, educação especial e psicologia. Após cada atividade são realizadas reuniões de supervisão que possibilitam um espaço de reflexão e discussão onde as dificuldades e as realizações são compartilhadas. O grupo de supervisão permite aos estagiários desenvolver uma atitude crítica e responsável nas diferentes situações percebendo-se como elementos integradores e agentes transformadores da realidade social.

A Educação Física Atuando na Inclusão de Deficientes Auditivos

Fabio Alves Xavier, Paulo Roberto Brancatti

UNESP - Presidente Prudente - SP - Brasil

E-mail: fabinhofax@hotmail.com

Educação inclusiva é um tema que ganhou evidência a partir dos novos Parâmetros Curriculares Nacionais (1999). Baseia-se na inclusão de portadores de necessidades especiais na escola. O objetivo de trabalho desenvolvido junto à E.E. Coronel José Soares Marcondes, em Presidente Prudente, foi de ministrar aulas de educação física para alunos deficientes auditivos com idade entre 7 e 14 anos, de ambos os sexos. Com o propósito de desenvolver a prática recreativa e de lazer, visando a participação na vida social e estando atentos ao preconceito e demais obstáculos que permeiam o âmbito escolar. No decorrer do projeto proporcionamos aos alunos a participação em atividades corporais, estabelecendo relações equilibradas e

construtivas entre si e com os alunos não-especiais, ao mesmo tempo que envidamos esforços no sentido de promover o desenvolvimento de qualidades físicas em atividades motoras, capacidade afetiva de integração e inserção social. Avaliações de caráter psicomotor foram realizadas bimestralmente, o que possibilitou uma melhor preparação das aulas seguintes e seus níveis de dificuldade. A união de alunos considerados normais aos alunos portadores de deficiência nas aulas foi de grande valia, pois permitiu um entrosamento maior entre eles e a formação de um modelo de integração mais significativo na escola. Desta forma, percebemos a mudança de concepções e atitudes não somente dos alunos, mas de todos dentro da escola em relação à busca de uma real educação inclusiva. Embora os resultados com essas atividades foram considerados satisfatórios, há muito a ser feito com relação à inclusão, sabendo que são muitos os desafios principalmente no que tange os preconceitos no espaço escolar, pois a escola assim como a sociedade de uma forma geral não está preparada para lidar com os portadores de necessidades especiais.

Programa de Esportes e Atividades Motoras Adaptadas (PEAMA):

Possibilidades de Participação

Rita de Cássia Orsi, Alessandro Tosin, Maria Teresa K. Leitão, Denise S. Neves, Romilda M. Roncoletta, César M. de Almeida, Ana Lúcia Pavão
SMECE - Jundiaí - SP - Brasil
E-mail: orsirita@uol.com.br

O Programa de Esportes e Atividades Motoras Adaptadas (PEAMA) é mantido pela Prefeitura de Jundiaí, desenvolvido por profissionais de educação física e que atende 200 pessoas com diferentes deficiências nas seguintes modalidades: atletismo, atividades com bola, bocha, ciclismo, goalball, hóquei, natação, patinação e tênis. Tem como objetivo promover a prática de atividades motoras e/ou esportivas com fins competitivos ou não. Os alunos participam das atividades de duas a três vezes por semana. Como resultado, todos nossos alunos são contemplados de alguma forma, de acordo com seus interesses, afinidades e níveis de habilidades, participando de provas pedestres, jogos amistosos, jogos oficiais, cicloturismo, viagens culturais, em âmbito regional, estadual e nacional. Além disso, muitos deles já freqüentam as aulas oferecidas pelas modalidades regulares do mesmo local. A fim de engajar alguns participantes no processo de treinamento e competição específica, houve a necessidade da filiação à Associação Brasileira de Desportos para Cegos (ABDC) e à Confederação Brasileira de Desporto de Participação (CBDP). A filiação permite representatividade na federação paulista de tênis e nos jogos regionais e jogos abertos promovidos pela Secretaria da Juventude, Esporte e Lazer do estado de São Paulo. Podemos concluir que o programa tende a crescer

ainda mais favorecendo o reconhecimento pela sociedade, das potencialidades dos participantes.

Inserindo Alunos com Deficiência Mental nas Aulas de Educação Física

Everton Luiz de Oliveira, Paulo Roberto Brancatti, Sílvia Baptista Vallone
UNESP – Presidente Prudente – São Paulo – Brasil
E-mail: evertongalera@hotmail.com

Este trabalho faz parte de um projeto de extensão universitária desenvolvido a partir de formas de estágios no curso de educação física (2003), em escolas públicas de Presidente Prudente. As aulas são realizadas na E.E. João Sebastião Lisboa, onde funciona uma classe para portadores de necessidades especiais (PNE). Os encontros acontecem duas vezes por semana, com duração de uma hora cada aula. O grupo é composto por oito alunos, com idade variando entre oito e dezessete anos. Pretende-se com este trabalho dar oportunidade para que alunos com déficits motores, distúrbios de comportamento e aprendizagem, hiperatividade e baixa auto-estima, possam praticar atividades físicas com o devido respeito as suas especificidades. Para realizar as aulas utilizamos diversos tipos de bolas, arcos, cordas, música, garrafas plásticas, cones, balões e bastões. Através de brincadeiras lúdico/recreativas, jogos, dinâmicas e vivências, construímos atividades que visam desenvolver e melhorar a coordenação motora, lateralidade, domínio corporal, orientação espaço-temporal e a flexibilidade dos alunos, além do que, melhorando sua cooperatividade, auto-estima e independência nos afazeres do cotidiano. Este trabalho é de fundamental importância para os PNE, pois trabalha e estimula suas habilidades motoras, físicas, afetivas e sociais, dando oportunidade para que testem suas limitações, previnam-se contra deficiências secundárias e realizem a interação total do indivíduo (consigo mesmo e com a sociedade). Além disso, funciona como uma importante complementação na formação do futuro professor de educação física, devendo desta forma ser ampliado, despertando um maior interesse dos alunos do curso da FCT/UNESP.

Atividades de Educação Física para Crianças com Deficiência Física e Mental: Um Programa Universitário no Estado do Amazonas

Talita Barbosa Miranda, Kathya Augusta Tomé Lopes, Margareth Monteiro Vasconcelos e Lima, Minerva Leopoldina de Castro Amorim, Viviane Dilma Figueiredo Pereira, Erika Morgana Felix do Nascimento, Ana Paula Valente Santana, Eva Vilma da Silva, Graziela Dutra Caleffi, Kim Raone Martins

e Silva, Leonardo Chaves da Silva, Déborah
Mendonça, Ronaldo Yassaki, Rosângela Santos
Universidade Federal do Amazonas – Manaus – Brasil
E-mail: talitafef@hotmail.com

Introdução: O Programa de Atividades Motoras para Deficientes (PROAMDE) é um projeto de extensão da Universidade Federal do Amazonas que iniciou suas atividades em maio de 2000, e busca promover atividades esportivas para pessoas com deficiência bem como oportunizar a acadêmicos de educação física e de outras áreas o aprendizado de como atuar com essa clientela. Desenvolvemos atividades em dois pólos, um no Hospital Universitário Getúlio Vargas (HUGV) e o outro no Mini-Campus Universitário, neste último pólo, atualmente, contamos com cinco turmas com várias deficiências, dentre elas a turma de crianças com deficiência física e mental. **Objetivos:** No trabalho com esta turma buscamos desenvolver habilidades motoras e propiciar o conhecimento sobre o corpo através de músicas cantadas, oportunizando relações afetivos-sociais, respeitando as limitações físicas e favorecendo hábitos de comportamento que assegurem autonomia e independência. **Metodologia:** No PROAMDE os estagiários trabalham em forma de rodízio, a cada ano letivo é trocado de turma para que possa trabalhar com todas as deficiências. A turma de crianças, atualmente possui dezessete alunos, sendo um grupo bastante heterogêneo, composto por crianças que apresentam microcefalia, síndrome de Down, autismo e amputação. As atividades, nas quais todos participam juntos, são adaptadas de acordo com as possibilidades de cada aluno. As aulas acontecem duas vezes na semana, da 14:00 as 16:00 horas. **Resultados:** No início e término de cada ano letivo é realizada uma avaliação que é baseada em habilidades motoras básicas de locomoção, manipulação e capacidades físicas fundamentais, buscando um acompanhamento do que o aluno conseguia realizar quando entrou no programa e seu desempenho após alguns meses de aulas. Apesar de se tratar de um grupo heterogêneo, já é possível observar que os participantes conseguem dar uma resposta ao estímulo dado. Particularmente, os participantes melhoraram nas habilidades básicas como correr, saltar, marchar, rolar, rastejar e manipular objetos em equilíbrio estático e dinâmico, aprenderam a reconhecer as partes do seu corpo, diferenciar cores e formas geométricas. Também ocorreu uma melhora na sua integração social. **Conclusão:** Percebe-se, através dos relatos dos pais, acompanhantes, estagiários e através da avaliação, que a maioria dos alunos que freqüentam o programa durante esse tempo estão tendo uma melhora no seu desempenho motor e cognitivo.

Estudo da Situação das Pessoas Portadoras de Deficiência em Presidente Prudente/SP Utilizando um Sistema de Informação

Geográfica: Subsídios para a Discussão de Políticas Públicas

Carolina Macarena Diaz Osorio,
Eliane Ferrari Chagas
FCT/UNESP - Presidente Prudente – SP - Brasil
E-mail: caroldiaz_unesp@hotmail.com

O Conselho Municipal da Pessoa Portadora de Deficiência de Presidente Prudente (CONDEF) solicitou no primeiro semestre de 2002 um estudo que pudesse dar subsídios para discussões e decisões em políticas públicas nas áreas de saúde, educação e lazer, incluindo o transporte, locomoção e acessibilidade a locais de atendimento de portadores de deficiências no município de Presidente Prudente (SP). O objetivo deste trabalho foi de estruturar, através de um Sistema de Indicadores Sociais Georeferenciados (SISGeo), informações intersetoriais para subsidiar políticas públicas no atendimento de pessoas portadoras de deficiência na cidade de Presidente Prudente (SP). O estudo foi realizado a partir de dados já levantados pelo grupo de pesquisa denominado SIMESPP (Sistema de Informação e Mapeamento da Exclusão Social em Políticas Públicas), incluindo dados do IBGE e provenientes da Secretaria Municipal de Assuntos Viários. No mapa de Presidente Prudente, utilizando um sistema de geoprocessamento, foram localizadas as pessoas portadoras de deficiência residentes na região urbana, linhas de ônibus adaptados do transporte coletivo e as áreas de lazer como ginásios, parques e praças de Presidente Prudente. A partir do geoprocessamento destes dados foi possível demonstrar o percurso do transporte coletivo e as possibilidades de acessos destas pessoas aos mesmos. Com este mapeamento, outros trabalhos serão realizados fornecendo subsídios para verificar as possibilidades de planejamento urbano com vistas à utilização de serviços na área de saúde, educação e de esportes, assim como instituições e sua distribuição pela cidade. Dentro da perspectiva intersetorial, outras informações como a análise demográfica, áreas de exclusão social e de precária cobertura de atendimento social serão abordadas.

As Crenças dos Profissionais de Saúde com Relação a Pacientes com Lesão Medular

Rosângela Santos da Silva, Kathya Augusta Thomé
Lopes, Margareth de Vasconcelos Monteiro e Lima,
Maria Carolina da Costa Monteiro
Universidade Federal do Amazonas
Manaus - AM - Brasil
E-mail: rosafef@hotmail.com

Introdução: Os profissionais de saúde geralmente são os primeiros indivíduos com os quais os recém-deficientes têm contato, implicando na probabilidade de que as atitudes em relação à perspectiva de vida motora ativa do paciente

incorram na determinação do espaço de tempo que este paciente levará para conhecer e explorar as suas potencialidades. Objetivo: Investigar as atitudes dos profissionais de saúde em relação à perspectiva de vida ativa dos pacientes com traumatismo raquimedular, bem como, a prática de atividade física por esses pacientes. Metodologia: O método adotado para o desenvolvimento do trabalho foi à pesquisa qualitativa. A técnica adotada foi a entrevista semi-estruturada. O processo de execução desta pesquisa se dividiu em dois momentos: o primeiro, denominado entrevista-piloto, para levantar as crenças a respeito do paciente com lesão medular pelos diferentes grupos profissionais. O segundo foi à construção do instrumento oficial para entrevista que tinham como objetivo levantar indicadores que determinassem quais as atitudes desses profissionais diante desses pacientes e sua condição, indicadores estes que serão utilizados para a construção de uma escala de atitudes. O critério de escolha dos sujeitos a serem entrevistados levou em conta principalmente a formação acadêmica, sendo a maioria atuante no Hospital Universitário Getúlio Vargas (HUGV) para onde são encaminhados pacientes que requerem tratamento neurocirúrgico, no caso dessa pesquisa, os lesados medulares. Neste sentido foram entrevistados vinte e quatro sujeitos do HUGV que atendem diretamente o lesado medular, dentre eles nove médicos neurocirurgiões, dois psicólogos, sete profissionais do serviço de enfermagem, cinco assistentes sociais e um fisioterapeuta sendo que este último não atua profissionalmente no HUGV. Para análise dos dados os sujeitos não foram divididos em grupos, e os dados foram trabalhados através da análise de conteúdo. Resultados: Os resultados da análise nos levaram a inferir que os profissionais de saúde, com relação a perspectiva de vida ativa dos lesados medulares, apresentam mais atitudes negativas do que positivas. Conclusão: Os resultados não são suficientes para afirmar categoricamente estas atitudes, que são importantes para o processo de reabilitação desses indivíduos. Desta forma nos propomos a continuar esta investigação, utilizando os resultados desta pesquisa na construção de uma escala de atitudes específica para medir esse conteúdo.

A Disciplina de Psicologia no Curso de Licenciatura em Educação Física: Uma Proposta de Formação na Área da Inclusão

*Renata Maria Coimbra Libório
Departamento de Educação - FCT - UNESP
Campus de Presidente Prudente - SP - Brasil
E-mail: coimbralibor@uol.com.br*

O presente trabalho se constitui como um relato de experiência sobre uma proposta que venho desenvolvendo enquanto docente do Departamento de Educação da UNESP/Presidente Prudente, nas disciplinas de “Psicologia da Educação” e “Prática de Ensino de Educação Física II –

Aspectos Psicológicos do Desenvolvimento,” ministradas para os alunos do 2º ano do curso de licenciatura em educação física. Desde o ano de 1997 ministro aulas no referido curso e constantemente questionava sobre a proposta curricular da disciplina de psicologia, pois notava uma certa desmotivação dos alunos referente às disciplinas de cunho pedagógico oferecidas no curso. Levando em consideração as propostas lançadas pela LBD, pelos PCNs e pelas novas demandas sociais colocadas, por exemplo, pela proposta da inclusão de crianças portadoras de deficiência nas escolas regulares, além do aumento gradativo do número de indivíduos da terceira idade que vem procurando os serviços do educador físico, propus um novo currículo para a disciplina “Psicologia da Educação,” visando uma formação mais integral do profissional da área da educação física que contemplasse uma visão mais crítica e engajada com as novas exigências colocadas pela realidade social. Portanto, a disciplina foi dividida em dois blocos: 1º semestre: abordagens em educação física escolar e sua articulação com teorias psicológicas; 2º semestre: discussão sobre estigma, preconceito, estereótipos enquanto construção social; características psicológicas dos grupos sociais que são estigmatizados em nossa sociedade (os portadores de deficiência, os indivíduos na terceira idade, os obesos) e a importância da atividade física adaptada e discussão sobre as políticas de inclusão na educação, esporte e lazer; realização de estágios na disciplina “Prática de Ensino II,” nos quais os alunos têm a oportunidade de acompanhar trabalhos desenvolvidos por instituições que atendem exclusivamente crianças/adolescentes portadores de deficiência, assim como escolas regulares que se propõem a trabalhar com classes inclusivas. Essa proposta vem sendo realizada há 5 anos, e venho observando uma postura de amadurecimento dos alunos e uma motivação maior frente a disciplina de psicologia favorecidas pelo contato com a prática e pela conscientização política que a temática requer.

Projeto de Extensão e Pesquisa: Núcleo de Educação Física e Esporte Adaptado (NEFEA)

João Danilo B. de Oliveira, Admilson Santos,
Débora Elaine Ulla, Pauline Cerqueira Santana,
Obimário Miranda de Jesus

*Núcleo de Educação Física e Esporte Adaptado -
Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS -
Bahia – Brasil*

E-mail: jdanilobo@yahoo.com.br

Constituído como um núcleo de extensão, o Núcleo de Educação Física e Esporte Adaptado (NEFEA) surge para dar continuidade às atividades esportivas e de lazer desenvolvidas na disciplina Educação Física e Esporte Adaptado, com pessoas portadoras de deficiência. As atividades são planejadas e trabalhadas dentro do parque esportivo da UEFS com alunos da comunidade e de instituições convidadas. O NEFEA tem como objetivo

assegurar, em parcerias com instituições públicas e/ou privadas, a participação de portadores de necessidades especiais através do esporte e da atividade física nos programas da UEFS. O NEFEA favorece o intercâmbio científico, técnico e pedagógico entre as diversas supra mencionadas instituições. Como forma de alcançar seus objetivos o NEFEA constrói suas ações em três esferas: a) oferece atividades motoras, esportivas e de lazer, b) trabalha com a formação e capacitação continuada de professores e c) investe na produção científica. O NEFEA conta com 70 alunos portadores de deficiência física, auditiva e visual regularmente matriculados e mantém convênio com as instituições APAE, AFADA e Jonatas Theles de Carvalho atendendo também os alunos destas.

A Atividade Física e a Melhoria na Qualidade de Vida de Crianças Portadoras de Paralisia Cerebral

Solange Rodovalho Lima

Maria Isabel Matos

Luciana Mendonça Arantes

E-mail: mariaisabelmatos@yahoo.com.br

O trabalho a seguir foi desenvolvido no decorrer de um estágio prático de acompanhamento dos alunos JPCA e CMR, ambos com três anos de idade e portadores de paralisia cerebral (PC). A PC é uma encefalopatia crônica que “acomete a criança no período pré-natal ou nos primeiros tempos de vida extra uterina. A PC tem a característica de interferir no desenvolvimento do sistema nervoso central, podendo ocasionar distúrbios da movimentação voluntária, no tônus muscular, e/ou hipercinesias, e/ou um grau variável de retardo intelectual, freqüentemente concomitante com problemas de aprendizagem e de comunicação pela fala.” (Lefrève, 1980). As atividades realizadas para o desenvolvimento e melhora na qualidade de vida do portador de PC devem ser iniciadas assim que a deficiência for diagnosticada. Tendo em vista essa necessidade, traçamos como objetivo a realização de atividades destinadas a estimular a movimentação voluntária e a redução da espasticidade. Para tanto, foi utilizado concomitantemente, estímulos sensitivos e sensoriais de forma a desenvolver os aspectos cognitivos, motores e sócio-afetivos. Para que estes objetivos fossem alcançados, em um primeiro momento, foi feito um trabalho psicomotor com atividades na cama elástica e no colchonete, sendo que neste houveram: manipulação de movimentos de flexão e extensão dos membros superiores e inferiores, atividades com auxílio da bola e do rolo, e a utilização de objetos coloridos, de formatos e texturas diferentes e que produzem sons, para o estímulo sensorial. Em um segundo momento, as atividades na piscina buscaram proporcionar vários tipos de movimentos naturais, tais como: golfinho, laterais, para cima e para baixo. Todos eles realizados sempre com o auxílio da mãe ou da estagiária.

No caso do aluno JPCA, houveram significativos resultados, pois começou a executar atividades de uma forma que antes não eram conseguidas, como por exemplo, pular na cama elástica de pé, apoiado pelo professor. Já a aluna CMR apresenta-se em grau de desenvolvimento menos elevado, o que limitou o trabalho. Nos últimos meses do projeto ela parou de freqüentar, devido a problemas de saúde.

Atividade Motora para Hemiplégicos Adultos num Programa de Extensão Universitária no Estado do Amazonas

Minerva Leopoldina de Castro Amorim, Margareth de Vasconcelos Monteiro e Lima, Kathya Augusta Thomé Lopes, Ronaldo Yassaki, Déborah Mendonça, Viviane Dilma Figueiredo Perreira, Graziela Dutra Caleffi, Kim Haoni, Rosângela Santos, Talita Miranda, Ana Paula Santana, Eva Vilma, Leonardo Chaves, Érika Ferreira

Universidade Federal do Amazonas

Manaus -AM -Brasil

E-mail: mimicastro@ig.com.br

Introdução: O Programa de Atividades Motoras para Deficientes (PROAMDE) é um programa de extensão da Universidade Federal do Amazonas. O programa tem como objetivo desenvolver a prática de atividades físicas e a capacitação de profissionais para atuarem na área de educação física adaptada. No pólo mini-campus universitário são desenvolvidas atividades motoras para pessoas com deficiências. O grupo é dividido em cinco turmas e os estagiários atuam num sistema de rodízio, ou seja, a cada ano letivo o estagiário troca de turma, possibilitando assim experimentar a atuação com vários tipos de deficiências. Uma das turmas é a de hemiplégicos adultos, tema deste trabalho. Objetivos: Possibilitar a reeducação motora, estimulando o lado afetado e o não afetado, potencializar os membros afetados através de atividades do seu cotidiano, e realizar a prática de atividades físicas esportivas como atletismo e o handebol. Metodologia: Os encontros acontecem duas vezes na semana, das 14:00 as 16:00h, na Faculdade de Educação Física. A turma é composta por oito alunos, sendo quatro hemiplégicos adultos (três mulheres e um homem) e quatro com deficiências físicas leves. São realizadas duas avaliações, uma no início do ano e outra no final, através do desempenho dos alunos nas atividades desenvolvidas. Está sendo investigada a aplicabilidade do teste de equilíbrio de Berg (TEB) nesta turma. Este teste foi desenvolvido por Katherine Berg (1993), e criado para ser aplicado na avaliação de estabilidade de pessoas idosas. Alguns estudos têm investigado a aplicabilidade do TEB em pessoas vítimas de acidente vascular cerebral (AVC), sendo necessário o ajuste de alguns itens. O teste baseia-se em atividades do cotidiano como levantar a partir da posição sentada, alcançar um objeto a frente, locomoção e equilíbrio. Resultados: É possível

verificar uma melhora no desempenho destes alunos em algumas habilidades que eles não executavam, como um equilíbrio mais estável durante a locomoção dos mesmos e a manipulação de objetos com a mão em pinça e/ou garra. Conclusão: O aprendizado de novas habilidades e a melhora na aptidão física motivam o aluno a continuar frequentando o programa e praticando atividades físicas.

Atividade Motora Adaptada para Portadores de Paralisia Cerebral na FCT/UNESP de Presidente Prudente

Cássia Aparecida do Carmo Brants, Mariana Porto,
Paulo Roberto Brancatti, Eliane Ferrari Chagas
UNESP - Presidente Prudente - São Paulo - Brasil
E-mail:abrants@bol.com.br

Segundo a literatura a paralisia cerebral é um conjunto de distúrbios não progressivos que podem estar sujeitos a mudanças ocasionadas por uma lesão no encéfalo durante os períodos pré, peri, pós-natal ou ainda durante o processo de desenvolvimento cerebral. Muitos dos comprometimentos podem interferir nas habilidades e capacidades em realizar tarefas simples e/ou mais elaboradas do cotidiano. Nesse sentido, a educação física tem a possibilidade de trabalhar com esta população, priorizando atividades que envolvam suas ações corporais. E na FCT/Unesp através do Projeto Atividade Motora Adaptada para os portadores de paralisia cerebral, vimos atuando com a intenção de incentivar e melhorar através de exercícios físicos, a autonomia e independência dos participantes do projeto, na vida social e numa melhoria da qualidade de vida. O grupo é composto por seis pessoas adultas com paralisia cerebral entre 17 a 28 anos, sendo 2 mulheres e 4 homens. As atividades desenvolvidas neste período, como exercícios físicos, recreativos e esportivos, foram para estimular as capacidades físicas, motoras, afetivas, cognitivas e sociais dos participantes do projeto. No início do desenvolvimento das atividades todos tinham uma vida muito dependente da família, tanto para locomoverem-se até o local das atividades como para a tomada de decisões pessoais, refletindo em baixa auto-estima e até desânimo nas atividades propostas. Neste período de trabalho, março de 2002 até o presente, foi possível constatar que, com a participação destas pessoas no projeto, todos obtiveram notáveis mudanças não só nas habilidades motoras, como no enfrentamento de situações do cotidiano, como a utilização do transporte urbano e assumir tarefas pessoais, participação em grupos de alfabetização em informática e com mais apoio e compreensão familiar para a realização de tarefas antes dependentes e sem estímulo para os mesmos.

Atividades de Educação Física para Pessoas com Paralisia Cerebral: Um Programa Universitário no Estado do Amazonas

Erika Morgana Felix do Nascimento, Talita Barbosa Miranda, Kathya Augusta Tomé Lopes, Margareth Monteiro Vasconcelos e Lima, Minerva Leopoldina de Castro Amorim, Viviane Dilma Figueiredo Pereira, Ana Paula Valente Santana, Eva Vilma da Silva, Graziela Dutra Caleffi, Kim Raone Martins e Silva, Leonardo Chaves da Silva, Débora Moura, Ronaldo Yassaki, Rosângela Santos
UFAM – Manaus – AM – Brasil
E-mail: maoerik@hotmail.com

Introdução: O Programa de Atividades Motoras para Deficientes (PROAMDE) é um projeto de extensão da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) que teve início em maio de 2000. O PROAMDE promove atividades esportivas buscando melhorar o desenvolvimento psicomotor e social de seus alunos. O PROAMDE atende pessoas especiais da comunidade que portam algum tipo de deficiência física e/ou mental. Atualmente o programa possui cinco turmas que abrangem vários tipos de deficiências (dentre elas a turma de paralisados cerebrais) e uma equipe de professores bolsistas que se encontram em graduação. Desenvolvemos atividades em dois núcleos, um no Hospital Universitário Getúlio Vargas (HUGV) e o outro no Mini-Campus Universitário (FEF). Objetivos: O trabalho com a turma de paralisados cerebrais busca ampliar as habilidades motoras, físicas e cognitivas de seus participantes, promovendo uma maior integração e independência, e dando oportunidade de melhor qualidade de vida na sociedade da qual fazem parte. Metodologia: A turma de paralisados cerebrais é constituída por dois alunos que apresentam diferentes comprometimentos motores; um apresenta tetraplegia e dificuldades na fala, sem comprometimento das funções intelectuais. O outro aluno apresenta comprometimento do aparelho auditivo e por isso não desenvolveu a linguagem e o equilíbrio. Realizamos atividades de educação física adaptando-as de acordo com as capacidades de cada um, de tal modo que os alunos desenvolvam habilidades motoras de locomoção e manipulação, capacidades físicas fundamentais e o conhecimento sobre o corpo. Resultados: Apesar de suas limitações, os alunos conseguem desenvolver a um certo grau sua capacidade motora, realizando tarefas como: rolar, rastejar e manipular objetos em equilíbrio estático e dinâmico; reconhecem as partes dos seus corpos, têm uma orientação espacial adequada e aprendem a diferenciar cores e formas geométricas, assim como desenvolvem relações sociais, cooperando e tendo respeito pelos seus colegas e pelas pessoas que os rodeiam. Conclusão: Através do relato dos pais e/ou professores podemos perceber uma significativa mudança dos alunos em seus comportamentos ao realizarem as atividades físicas, sejam elas no programa ou em qualquer outro lugar.

A Criança Portadora de Distrofia Muscular Progressiva do Tipo Duchenne nas Aulas de Educação Física em uma Instituição Especial: Algumas considerações

Rodrigo Campos Rodrigues, Ana Isabel de Figueiredo Ferreira
UNICAMP - Campinas - SP - Brasil
E-mail: rodcampos2@zipmail.com.br

O dia-a-dia da criança portadora da distrofia muscular progressiva do tipo Duchenne (DMPD) na escola ou instituição tem apontado para alguns problemas quando da sua relação com as atividades motoras. Partindo de tal verificação, este estudo teve por objetivo refletir e avaliar a participação de um aluno com DMPD em atividades motoras nas aulas de educação física. Neste estudo foram relacionadas, a partir do relato dos principais sentimentos do aluno frente às crescentes dificuldades impostas pela doença, as principais características da distrofia e as atividades mais indicadas a serem desenvolvidas. A base teórica deste estudo passou por uma revisão de literatura sobre a distrofia muscular progressiva, especificamente a do tipo Duchenne e algumas considerações sobre a pessoa portadora desta distrofia e a atividade motora. Com relação à pesquisa, esta se apóia no paradigma de uma “abordagem qualitativa,” tendo como delineamento um “estudo de caso,” sendo desenvolvida na Associação de Reabilitação Infantil Limeirense (ARIL). O participante foi um aluno portador de DMPD atualmente com 13 anos de idade. Para o desenvolvimento do estudo em questão foi utilizada a conjugação de três técnicas de pesquisa: observação, análise documental e entrevista semi-estruturada. O estudo nos possibilitou observar que o profissional precisa buscar o máximo conhecimento sobre a DMPD, conhecendo os passos da evolução da patologia, suas características e os limites que esta impõe aos seus portadores. Este conhecimento é importante para o profissional auxiliar o aluno nos aspectos físico, psicológico e social, evitando a exposição do mesmo a situações constrangedoras. O momento em que o aluno perde a capacidade de andar é um momento crucial ao qual o profissional deve estar preparado, utilizando a atividade física como instrumento facilitador da adaptação à cadeira de rodas, evitando futuros traumas psicológicos ao aluno. Já com relação às atividades motoras desenvolvidas com o aluno, pudemos observar alguns pontos importantes, como a sua duração, seu grau de exigência, mas principalmente sua adequação e adaptação. Notamos que o portador desta anomalia apresenta maior facilidade de locomoção quando em meio líquido, devido às propriedades que a água apresenta. Dessa forma, muitas vezes a atividade aquática ou o movimento de nadar significava para o aluno um momento de liberdade, momento este em que consegue movimentar-se livremente e sem auxílio de equipamentos ou pessoas, aumentando a sua auto-estima e sua auto-confiança, conseqüentemente sua independência. Por fim, a atividade física, quando bem aplicada e de forma moderada,

contribui para evitar a aceleração da degeneração das células da musculatura, além de motivar o portador da DMPD a buscar constantemente a superação de suas dificuldades.

Os Benefícios da Atividade Física para o Portador de Acidente Vascular Cerebral

Luana Oliveira Barbosa, Carolina Cunha Monteiro, Leandro Silva Nunes Garcia, Rosana Mendes Maciel, Junara Paiva Pereira, Ana Paula Vieira dos Reis, Talyta Leão, Alberto Martins da Costa
UFU - UNIARAXÁ - Uberlândia - MG - Brasil
E-mail: Luluzinha60@hotmail.com

O presente trabalho apresenta um relato de experiência realizado na disciplina: “Estágio prático em Educação Física e Esportes Adaptados,” através do Programa de Atendimento a Pessoa Portadora de Deficiência (NIAFS), na Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, no período de setembro a dezembro de 2002. Com o aluno MLB, 73 anos, deficiente físico devido a um acidente cerebral vascular (AVCI), isquemia cerebral (o AVC é a morte de um tecido do cérebro, infarto cerebral, em decorrência de um *deficit* de oxigênio no cérebro ocasionado por uma alteração na irrigação levando a uma isquemia cerebral). O participante do nosso estudo apresenta como conseqüência dessa isquemia uma hemiparesia do lado esquerdo. As atividades propostas e realizadas tiveram como objetivo: propiciar o aprimoramento das qualidades físicas, melhoria da condição organo-funcional, desenvolvimento das potencialidades individuais adaptando-o à nova condição, evitando assim o sedentarismo, bem como alívio de dores musculares e articulares. As atividades foram realizadas exclusivamente numa piscina aquecida, aproveitando as propriedades naturais da água, e possibilitando ao aluno sua melhor locomoção. Os exercícios desenvolvidos tinham como objetivo: o fortalecimento e aumento da resistência da musculatura afetada, bem como melhoria do equilíbrio, alongamentos, relaxamento muscular. Para isto foram realizadas atividades de caminhada na água e atividades que levassem ao aumento do seu potencial residual (adaptação motora na água). Como resultado do trabalho, comparando a avaliação inicial com a final, pudemos observar que o aluno, ao final de cada aula, apresentava um grande alívio de suas dores musculares, no joelho e no braço (anteriormente relatadas por ele). Este alívio estimulou o aluno a praticar as atividades com muito entusiasmo e alegria (diminuição do mau humor). Para continuidade do trabalho, recomendamos que se dê seqüência às atividades com o aluno, mas que estas sejam propostas de maneira criativa para que o mesmo continue estimulado a praticá-las, proporcionando uma melhor qualidade de vida e satisfação pessoal.

Atividade Física e Qualidade de Vida para Pacientes e Funcionários da Clínica Psiquiátrica “Luís Sayão”

Luciene Conte Kube, Alessandro Tosim, Alaercio Perotti Junior, Paulo Canciglieri, Válber Nazaretti
UNIARARAS – Araras – SP – Brasil
E-mail: lckube@linkway.com.br

Este trabalho tem por objetivo mostrar um relato de experiência da atividade física para pacientes da “Clínica Psiquiátrica Luís Sayão” da cidade de Araras. O Centro Universitário Hermínio Ometto (Uniararas) realizou no mês de agosto de 2003, atividades físicas envolvendo os pacientes com deficiência mental e física, doença mental, problemas psicológicos e funcionários. O desenvolvimento das atividades físicas teve como meta: um primeiro contato com os alunos da faculdade de educação física com esta população e fazer com que todos os pacientes e funcionários da clínica através da atividade física busquem uma melhora na sua qualidade de vida. As atividades foram realizadas nas dependências da clínica, por cerca de uma hora e trinta minutos, pelos alunos da faculdade de educação física supervisionados pelos professores da graduação; foram ainda realizadas propostas de expressões corporais (danças) para que os pacientes pudessem assistir. Como resultado pudemos perceber que todos os pacientes e funcionários estão muito interessados para participarem das atividades e que muitos alunos da faculdade de educação física se despertaram para mais uma proposta de trabalho para pessoas com necessidades especiais. Podemos concluir que o projeto tende a crescer e que marcou o início do projeto de extensão universitária da Uniararas com a Clínica Luís Sayão.

Benefícios da Atividade Física com o Portador de Autismo: Relato de Experiência dos Alunos

Maxmiliano Gonzaga, Talyta Marielle Sanches Leão,
Leandro Garcia Silva Nunes,
Alberto Martins da Costa, Sergio Pepato
UFU - Uberlândia - MG - Brasil
E-mail: Talytaleao@yahoo.com.br

O presente trabalho consiste num relato de experiência desenvolvido com o aluno RFOC de 14 anos, apresentando um comportamento autista. Através de entrevista feita com a mãe do aluno, foi possível apontar as prováveis causas do aparecimento deste comportamento, que surgiu por volta dos quatro anos de idade, período este que a mãe narra como início do desenvolvimento da patologia, as prováveis causas são de cunho afetivo, já que neste período ouve o afastamento da figura paterna que agredia o aluno constantemente. O aluno apresenta um caso de auto-flagelação, além de demonstrar agressividade com outras pessoas. Para evitar estas agressões os familiares adotaram uma medida extrema de amarrar as mãos do mesmo, portanto,

o objetivo principal de nosso trabalho residia na tentativa de diminuir a agressividade do aluno e conseqüentemente, possibilitar uma melhor convivência social. Para isto, nossas atividades tiveram como base a área de recreação, utilizando atividades aquáticas com o objetivo de descarregar as tensões psíquicas, e atividades sonoras no intuito de prender a atenção do aluno, evitando, assim, a auto-flagelação. As técnicas e experimentos utilizados durante o trabalho, ao longo de cada aula, consistiam numa ação totalmente nova e desafiadora, uma vez que o aluno não apresentava padrões de comportamento padronizados. Diante disto, pudemos observar, mesmo que de forma lenta, alguns progressos, pois, o aluno tem apresentado, em alguns momentos, uma diminuição da agressividade e conseqüentemente um melhor convívio social com os demais membros do projeto. Portanto, concluímos que as atividades recreativas são um caminho seguro para solucionar alguns dos problemas do autismo.

Educação Física Adaptada: Autismo Infantil – Uma Experiência de Atividades Lúdicas Realizadas com Material Alternativo

Elaine Aparecida da Silva, Raquel Maia
Escola Estadual Pestalozzi – Belo Horizonte - MG - Brasil
E-mail: elaines@brfree.com.br

Este presente relato de experiência tem como objetivo apresentar atividades lúdicas, vivenciadas por crianças autistas, durante as aulas de educação física na Escola Estadual Pestalozzi em Belo Horizonte. Ao analisar os diferenciados graus de autismo apresentados pelas crianças em questão, sentiu-se a necessidade de criar e adaptar alternativas de acordo com o contexto em que elas estão inseridas. A partir desse levantamento, foi feita uma proposta lúdica de trabalho. Através disso procurou-se fazer com que as aulas se desenvolvessem de forma mais motivante e prazerosa em prol de um aprendizado expressivo e agradável. Para desenvolver tal proposta houveram dois momentos. O primeiro ocorreu dentro da sala de aula onde foram construídos brinquedos com material reciclável e alternativo (garrafas *pet*, jornal, barbante, dentre outros). Esse foi um momento muito significativo pois contou com o auxílio e envolvimento dos educandos. O segundo momento se deu no pátio da instituição onde foram realizadas as brincadeiras, estimuladas através das cores e formas dos brinquedos produzidos. Após serem desenvolvidas essas atividades, observou-se que o processo ensino/aprendizagem se deu positivamente, possibilitando aos alunos autistas, dentro de suas limitações, expressarem um maior interesse tanto em explorar os brinquedos quanto o ambiente, vivenciando assim momentos de entusiasmo, alegria e prazer. A partir da avaliação da proposta apresentada e posta em prática, percebemos que o autismo infantil possui graus e características diferenciadas, e que uma ação com intervenção lúdica precoce seria primordial para um

desenvolvimento significativo nas atitudes do autista, “por mínimas que sejam,” principalmente, pelo fato desse presenciar e participar de momentos de descontração e entretenimento.

Projeto Brincar: Práticas Recreativas com Crianças Portadoras da Síndrome do Autismo

Thyciana Baía de Barros Lima, Neiza L. F. Fumes
Grupo de Estudos e Extensão em Atividade Motora Adaptada - Universidade Federal de Alagoas
Maceió - AL - Brasil
E-mail: neizaf@yahoo.com

Este relato de experiência fundamenta-se na idéia que a atividade física tem um papel importante para o desenvolvimento integral da criança (Freire, 1992) e refere-se a um programa de atividades recreativas para crianças portadoras da síndrome do autismo. As idades foram compreendidas entre os 5 e os 9 anos. O programa foi desenvolvido pelo grupo de Estudos e Extensão em Atividade Física Adaptada da UFAL, realizado no Centro de Educação Especial Profª. Wandette Gomes de Castro. Este projeto que teve início no segundo semestre de 2002, tendo a participação de 1 acadêmica do curso de educação física da UFAL e 8 alunos (7 meninos e 1 menina) com autismo. As atividades foram realizadas em duas sessões semanais de 60 minutos, onde se trabalhou de forma lúdica, várias brincadeiras e jogos com objetivo de desenvolver as suas habilidades fundamentais (locomotoras, não locomotoras e manipulativas) e a ampliação do seu mundo de movimento. A metodologia utilizada envolveu predominantemente as vivências práticas, realizadas em estruturas individuais e em pequenos grupos. Para a avaliação da atividade foram utilizados instrumentos como: diário de campo, circuitos e inventários. Além de ressaltar a importância da atividade física como um instrumento na melhoria da qualidade de vida e integração social, esta experiência proporcionou formas de lazer mais ativas e saudáveis para os participantes, assim como um crescimento profissional e pessoal da acadêmica.

A Prática da Educação Física Através de Estratégias do Método Teacch, como Meio de Comunicação e Linguagem para e com a Criança Autista¹

Ana Paula Oliveira de Andrades², Fernanda Panzenhagen Borges³, Luciana Erina Palma⁴
Universidade Federal de Santa Maria – RS – Brasil
E-mail: anapaula.andrades@bol.com.br

Este trabalho do CEFD/UFSM/RS tem como objetivo analisar as estratégias de adaptação do método Teacch como meio de comunicação e linguagem na prática de educação física

com crianças autistas. A população foi constituída por 12 alunos com autismo, com idades entre 7 e 23 anos, pertencentes à Escola Antônio Francisco Lisboa da cidade de Santa Maria/RS. Antes de iniciar as aulas práticas, foi realizada a exposição dos objetivos e da importância da pesquisa aos pais e professores da escola. Após realizou-se observações em sala de aula e entrevistas com pais e professores para verificar seu conhecimento acerca do método Teacch. Após a análise dos dados coletados, elaborou-se estratégias para o emprego do método nas aulas de educação física, realizadas em uma sessão semanal de 45 minutos para cada turma (duas turmas), onde vem-se desenvolvendo atividades físicas através do uso de cartões, cartazes, figuras, fotos, visando a implementação do método. Como instrumento de avaliação, utilizou-se um registro cursivo das atividades semanais. Por este trabalho estar em andamento e ter sua conclusão prevista para o mês de dezembro, infere-se algumas considerações: no que se refere à adaptação dos alunos às atividades práticas, houve uma certa receptividade com as figuras, cartões, cartazes com imagens de atividades físicas, facilitando a compreensão por parte dos mesmos para a realização das atividades propostas. Ainda, pode-se destacar que as estratégias do método Teacch, elaboradas para as aulas de educação física se constitui numa importante experiência e numa metodologia para o trabalho com autistas, visando seu ensino-aprendizagem.

¹ Pesquisa financiada pelo FIPE.

² Apresentadora e acadêmica do curso de educação física CEFD/UFSM/RS.

³ Co-autora e acadêmica do curso de educação física CEFD/UFSM/RS.

⁴ Coordenadora/Orientadora, professora do curso de educação física CEFD/UFSM/RS e acadêmica do curso de doutorado do PPGCMH/CEFD/UFSM/RS.

A Natação como Meio Potencializador da Acessibilidade Comunicacional para o Autista

Catiana Sales de Souza,
Raquel Sara Machado Dias, Viviane Lira Campos, Tânia Werner
UFRJ - Rio de Janeiro – Brasil
E-mail: taniawerner@ig.com.br

Entre as maiores dificuldades das pessoas com autismo estão, principalmente, os transtornos psiconeurológicos que afetam a comunicação, a fala, a compreensão, acarretando interferências no estabelecimento de inter-relações sociais. Cabe ressaltar que as características supracitadas variam de acordo com o grau de comprometimento desse grupo, pois as habilidades poderão ser estimuladas dependendo da intensidade e adequação de vivências ao longo de seu desenvolvimento. Nosso estudo teve como objetivo verificar se a prática sistemática da natação potencializa a

acessibilidade comunicacional, conceituada nesse estudo como: a inexistência de barreiras na comunicação interpessoal, face-a-face, línguas de sinais, linguagem corporal, linguagem gestual, etc. Portanto, a mesma deverá existir em todos os ambientes convergindo para o paradigma da inclusão. É uma pesquisa de campo do tipo descritiva, pois investigou a natação como um dos meios potencializadores das diversas possibilidades de comunicação de pessoas com autismo. A amostra constituiu-se da observação de alunos diagnosticados como autistas, matriculados regularmente no Projeto Aguavida – EEFD/UFRJ, cujos responsáveis concordaram que os mesmos participassem do estudo. É uma amostra não probabilística pois os participantes foram escolhidos intencionalmente. Para a coleta de dados foram realizados registros do processo evolutivo dos alunos através de fichas de observação contendo tópicos relacionados aos aspectos da linguagem corporal, gestual, verbal, dentre outros. A análise dos dados aponta que a prática sistemática de atividades aquáticas planejadas estimula nos autistas a ampliação de sua acessibilidade comunicacional através de respostas das diversas linguagens observadas.

Portador de Neuropatia Periférica: Reabilitação Através de Atividades Aquáticas

Carolina Cunha Monteiro, Luana Oliveira Barbosa,
Talyta Leão, Leandro Silva Nunes Garcia
UFU – Uberlândia – Brasil
E-mail: cacamagreia@zipmail.com.br

Este trabalho relata a experiência adquirida na disciplina “Estágio Prático em Educação Física e Esportes Adaptados,” através do programa de atendimento à pessoa portadora de deficiência (NIAFS) da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia/MG, no período de setembro a dezembro de 2002. A neuropatia periférica é caracterizada por danos nos nervos que transmitem as mensagens de todo o corpo ao sistema nervoso central, levando o paciente à perda da sensibilidade ao toque, ao calor e até mesmo dor nas regiões lesadas. O objetivo geral do trabalho realizado com uma aluna com esta condição foi desenvolver sua socialização buscando o conhecimento de si mesmo, promovendo a descoberta do outro e do meio, trabalhando diretamente com sua expressão individual através da recreação. Como objetivo específico, buscamos desenvolver o aspecto orgânico, neuromuscular e conseqüentemente o aumento da amplitude dos movimentos. Para atingir tais objetivos foram desenvolvidas: atividades aquáticas de estimulação, alongamento, relaxamento muscular, caminhadas e atividades recreativas, duas vezes semanais com duração de 40 minutos, com sessões individuais, em grupos e com a família. O trabalho apresentou como resultado aumento da amplitude dos movimentos gerais e, mais especificamente, na articulação do tornozelo. Houve também melhoria no seu equilíbrio

vertical e na coordenação motora, além de um progresso em seu desenvolvimento e no seu relacionamento interpessoal. Podemos dizer que os resultados surpreenderam não só as professoras e a aluna, mas também seus pais. Concluímos que as atividades realizadas durante o período deste estágio contribuiu para uma melhoria significativa das condições físicas, psicológicas e sociais da aluna. Sugerimos que sejam desenvolvidas atividades de estimulação e alongamento no ambiente aquático com portadores de neuropatia periférica, utilizando o diálogo como meio de comunicação, a atenção e o carisma.

A Iniciação da Natação para o Portador de Paralisia Cerebral

Talyta Marielle Sanches Leão, Maxmiliano Gonzaga,
Carolina Cunha Monteiro, Leandro Garcia
Silva Nunes, Luana Oliveira,
Alberto Martins da Costa, Sergio Pepato
UFU – Uberlândia - Minas Gerais – Brasil
E-mail: Talytaleao@yahoo.com.br

O presente trabalho consiste num relato de experiência desenvolvido com a aluna NFS de 22 anos, portadora de paralisia cerebral espástica, causada durante o segundo mês de vida, ocasionando um comprometimento nas áreas motoras do cérebro afetando seu desenvolvimento motor e cognitivo. Antes do início do trabalho, realizamos um período de quatro meses de observação e uma entrevista com a aluna e sua mãe, no sentido de buscarmos melhores subsídios para fundamentar nossa proposta de trabalho que se iniciou com uma avaliação das capacidades gerais da aluna. As atividades propostas foram desenvolvidas em uma piscina aquecida, numa frequência de duas aulas semanais, com duração de 40 minutos cada. O trabalho tinha como objetivo o fortalecimento muscular, melhoria das condições cardio-respiratórias, a minimização da hipertonia e a melhora do convívio social. As atividades desenvolvidas para atender aos objetivos propostos consistiam no desenvolvimento de exercícios de relaxamento muscular, jogos e brincadeiras diversas, caminhadas dentro da piscina e exercícios pedagógicos de iniciação a natação. A ênfase inicial foi na adaptação ao meio líquido e, posteriormente, no desenvolvimento de atividades educativas para a aprendizagem das técnicas específicas dos diferentes tipos de nados. As avaliações dos resultados foram observadas através de testes pré e pós-atividades que nos permitiram verificar se os objetivos anteriormente propostos estavam sendo atingidos. Após a comparação da avaliação inicial com a final, pudemos observar que a aluna apresentou um progresso significativo, sendo capaz de realizar a flutuação, controle respiratório e a realização dentro de suas capacidades do nado costas e o início do estilo *Crawl*, além de uma evolução significativa de seu controle motor. Finalmente, esta experiência demonstra a relevância da natação no desenvolvimento holístico para o portador desta deficiência.

A Natação e o Portador de Paralisia Cerebral

Rosana Mendes Maciel, Ana Paula Vieira dos Reis,
Junara Paiva Pereira, Luana Oliveira Barbosa,
Alberto Martins da Costa
UFU – UNIARAXÁ - Uberlândia – MG – Brasil
E-mail: macielrosana@bol.com.br

O trabalho foi desenvolvido junto à disciplina “Estágio prático em Educação Física e Esportes Adaptados,” na Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, no segundo semestre de 2002, com o aluno DCS, 18 anos, portador de paralisia cerebral espástica. Segundo Bax (1964), esta paralisia se caracteriza por “uma desordem do movimento e da postura devida a um defeito ou lesão do cérebro imaturo.” Suas causas podem ser de origem pré-, peri- ou pós-natal. A atividade proposta e realizada com DCS, foi a natação, mais especificamente, os estilos *crawl* e costas. As atividades tiveram como objetivos: melhorar o equilíbrio horizontal e vertical do aluno, aumentar sua amplitude de movimentos, trabalhar a respiração, promover sua socialização com os demais alunos e professores envolvidos no estágio, aumentando sua autoconfiança e auto-estima. Para alcançar esses objetivos, foram realizadas: atividades de flutuação ventral e dorsal, atividades de controle respiratório nos estilos *crawl* e costas, atividades aquáticas recreativas, atividades específicas dos estilos *crawl* e costas para ampliar o repertório psicomotor do aluno, dinâmicas que permitissem ao aluno se descobrir e se conhecer e promovessem a felicidade e o bem-estar do aluno, procurando sempre mantê-lo em contato com os colegas do projeto. Como resultado, comparando as avaliações iniciais e finais, observou-se que o aluno obteve uma considerável melhora no seu equilíbrio vertical, principalmente fora da piscina, conseguindo deslocar-se sem auxílio. Ainda, apresentou um considerável aumento de seu repertório gestual, principalmente nadando o estilo costas. Atualmente DCS consegue deslocar-se na piscina, nadando o estilo *crawl* e realizando a respiração frontal. Ele apresenta-se menos tímido do que no início do estágio, e mais calmo e concentrado. O trabalho foi de grande valia pois demonstrou que com atividades bem definidas e orientadas é possível superar limitações e trabalhar com as potencialidades do portador de deficiência.

A Natação Proporcionando Qualidade de Vida para o Portador de Síndrome de Parkinson

Rosana Mendes Maciel, Carla Mariana Pereira,
Alberto Martins da Costa
UFU – UNIARAXÁ - Uberlândia – MG – Brasil
E-mail: macielrosana@bol.com.br

O presente trabalho visa relatar a experiência no estágio desenvolvido na disciplina “Estágio Prático em Educação Física e Esportes Adaptados,” na Faculdade de Educação

Física da Universidade Federal de Uberlândia, com o aluno AJRS, 18 anos, portador de Síndrome de Parkinson. Trata-se de doença degenerativa, progressiva, que leva a uma diminuição das células da substância negra, causando rigidez e incoordenação muscular. Seus principais sintomas são: tremor em repouso, rigidez, bradicinesia e perda de reflexos posturais. Os objetivos do trabalho desenvolvido com o aluno visavam melhorar: o equilíbrio vertical e horizontal dentro e fora d’água, ampliar o repertório psicomotor, trabalhar a coordenação respiratória, promover o relaxamento muscular, liberar tensões, socialização com os demais alunos do projeto, melhorar a concentração, liberdade de auto-expressão e reeducação da marcha. Para atingir esses objetivos, foram desenvolvidas, durante o segundo semestre de 2002, atividades na água, duas vezes por semana. As atividades desenvolvidas foram: flutuação ventral e dorsal, caminhadas na água, atividades de respiração e atividades aquáticas recreativas que trabalhassem os estilos *crawl* e costas. Como resultado, AJRS apresentou uma considerável melhora no seu equilíbrio vertical dentro e fora d’água, conseguindo deslocar-se em linha reta sem auxílio. Aprendeu a executar a respiração frontal do estilo *crawl* e ampliou seu repertório gestual nadando o estilo costas. O aluno teve uma melhora em sua concentração, além de socializar-se melhor com os demais alunos do estágio. Diante disso, é possível afirmar que a experiência adquirida foi muito interessante e proveitosa. O que demonstra que um trabalho bem orientado e com objetivos e atividades bem definidas, adequando-se às limitações e desenvolvendo as potencialidades do aluno, podem revestir de grande relevância, não só nos aspectos físico-motores mas também social e emocional.

Os Benefícios da Psicomotricidade e Atividades Aquáticas no Desenvolvimento de Crianças Portadoras de Necessidades Especiais

Carla Mariana Pereira, Junara Paiva Pereira,
Luana Oliveira Barbosa
UFU – Uberlândia - MG – Brasil
E-mail: junarapereira@bol.com.br

Este trabalho é um relato da experiência adquirida no estágio prático em educação física e esportes adaptados na Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia, MG com um grupo de 11 crianças na faixa etária de 3 a 6 anos portadoras de diferentes deficiências (síndrome de Down, deficiência visual, traumatismo crânio-encefálico e atraso mental). O trabalho foi realizado no 2º semestre de 2002 com a carga horária de 4 horas semanais divididas duas vezes por semana, destinando-se metade das aulas para a psicomotricidade e a outra metade para as atividades aquáticas. Os objetivos gerais foram: desenvolver a socialização, promover o reconhecimento das

potencialidades, desenvolver globalmente as crianças, estimular a independência e autonomia e, principalmente, proporcionar momentos de recreação e lazer. Para o alcance dos nossos objetivos foram desenvolvidas: atividades de estimulação através de atividades recreativas com pinturas e desenhos, atividades cantadas, atividades de percepção de cores, formas, tamanhos e formas geométricas; e na piscina: exercícios de flutuação, deslocamentos com propulsão de pernas, atividades de respiração, de mergulho passando dentro de arcos e saltos. Como resultado, os alunos apresentaram avanços psicomotores nas habilidades básicas, um maior desenvolvimento global, maior independência, principalmente na piscina, além de uma notável melhoria na socialização. Concluimos que o trabalho é válido, uma vez que ressalta a importância da estimulação em crianças portadoras de deficiências para desenvolvê-las e torná-las mais independentes e capazes de se inserirem na sociedade. Entretanto, a falta de assiduidade dos alunos comprometeu parcialmente os objetivos propostos.

Os Benefícios da Natação e da Psicomotricidade para Crianças Portadoras de Deficiência

Luana Oliveira Barbosa, Carolina Cunha Monteiro,
Leandro Silva Nunes Garcia, Rosana Mendes
Maciel, Junara Paiva Pereira,
Ana Paula Vieira dos Reis, Talyta Leão
UFU - Uberlândia - MG - Brasil
E-mail: luluzinha60@hotmail.com

Este trabalho apresenta um relato de experiência realizado na disciplina: “Estágio prático em Educação Física e Esportes Adaptados,” através do Programa de Atendimento à Pessoa Portadora de Deficiência (NIAFS), da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia – MG, no período de setembro a dezembro de 2002. O trabalho teve como objetivo geral desenvolver atividades como a recreação, o lazer e a iniciação esportiva (natação) com as alunas envolvidas no programa. Como objetivo específico buscamos o aprimorar das qualidades físicas, desenvolvendo as potencialidades e estimulando o desenvolvimento global das alunas. As atividades foram realizadas com as alunas LCMS, 5 anos, deficiente física, portadora de plexopatia de Erb (paralisia do plexo braquial, causada por lesões de raízes nervosas e nervos periféricos), e a aluna BSM, 4 anos, deficiência mental leve com atraso motor. Para o alcance de nossos objetivos, foram realizadas atividades de psicomotricidade e aquáticas. Em um primeiro momento na sala de psicomotricidade realizaram-se atividades que desenvolvessem habilidades básicas, perceptivas, motoras e recreativas juntamente com um grupo de crianças também portadoras de deficiência, em um segundo momento, somente com as duas alunas na piscina, foram realizadas atividades que desenvolvessem habilidades motoras

fundamentais, necessárias para uma prontidão aquática e a iniciação ao estilo *crawl*. Como resultado, observamos que a aluna LCMS conseguiu se deslocar dentro da água, mergulhando, batendo pernas e realizando, embora com pouca eficiência, o controle respiratório. Entretanto, a aluna BSM se adaptou bem melhor na água e mergulhou, mas sem se deslocar na água. O resultado mais relevante sob o ponto de vista psicológico e social foi conseguir que a aluna BSM conseguisse fazer as atividades da psicomotricidade sem que sua mãe a acompanhasse e até mesmo estivesse por perto. Verificamos que as alunas desenvolveram todas as atividades propostas com grande satisfação, aperfeiçoando suas habilidades e potencialidades bem como desenvolvendo novas aptidões. Concluimos que as atividades físicas são de extrema importância para que as crianças deficientes tenham uma melhor qualidade de vida e que assim possam crescer e se desenvolver globalmente ampliando seus horizontes.

O Conhecimento da Classificação Funcional de Natação para Deficientes Físicos e sua Aplicabilidade nos Programas de Treinamento de Natação

Adriana Maria Soares da Silva, Tânia Werner
UFRJ- Rio de Janeiro – RJ - Brasil
E-mail: dri.prof@bol.com.br; taniawerner@ig.com.br

Este estudo tem como objetivo mostrar o resultado de uma pesquisa de campo realizada com professores que atuam como técnicos de natação para deficientes físicos. Procuramos investigar o conhecimento dos mesmos acerca da classificação funcional e sua aplicabilidade como parâmetro para o planejamento do treinamento de seus atletas. A classificação funcional consiste na verificação da capacidade motora do atleta e não de suas habilidades. Ela é dividida em classes (S1–S10) e apresenta características próprias. O atleta passa por uma avaliação dentro e fora da piscina com uma equipe interdisciplinar composta por: um classificador, sendo este um fisioterapeuta ou um médico e um técnico de natação. De acordo com o resultado o atleta é classificado em uma das classes. Não participam deste processo os transplantados, deficientes auditivos, deficientes visuais, deficientes mentais, diabéticos, epiléticos e hiperativos. A classificação funcional engloba: as deficiências ao nível de medula, a paralisia cerebral, os amputados, *les autres* e alguma deficiência motora. Como instrumento de coleta de dados realizamos entrevistas com professores que trabalham nesta área. A entrevista continha dez perguntas e tópicos que se preocuparam em abordar o nível de conhecimento dos professores sobre classificação funcional. Investigamos, desta forma, sua aplicabilidade nos programas de treinamento. O acesso deste conhecimento é de fundamental importância para viabilizar e aprimorar a técnica de treinamento adequada às reais necessidades e

limitações motoras individuais do nadador. A partir da análise das respostas dos sujeitos da pesquisa encontramos indícios de que existe nenhum ou pouco conhecimento destes profissionais sobre o assunto. Os informantes alegaram ser conseqüência da pouca literatura existente nesta área de conhecimento, da dificuldade de acesso a cursos ou seminários, ou pela pouca divulgação dos mesmos. Portanto, segundo os informantes, se houvesse uma maior socialização e divulgação desse assunto poderia existir uma maior quantidade de atletas participando de competições com treinamentos adequados e específicos ao perfil motor possibilitando a melhoria das suas técnica e performance.

Os Benefícios da Natação para Portadores da Síndrome de Willians

Aline da Fonseca Barros, Tania Werner

UFRJ - Rio de Janeiro - RJ - Brasil

E-mail: alinefbarros@hotmail.com; taniawerner@ig.com

Tendo em vista a importância das atividades aquáticas para indivíduos com necessidades especiais, o estudo buscou investigar os benefícios da prática da natação para pessoas com a síndrome de Willians. A síndrome de Willians enquadra-se na classificação de deficiência mental e é uma condição rara que só acontece em 1 dentre 20.000 nascimentos. O portador da mesma apresenta limitações fisiológicas e mentais que, após a prática da natação, podem ser minimizadas através de estímulos e potencialização de suas habilidades psicomotoras, cognitivas e interações sociais. Esse estudo é uma pesquisa de campo do tipo descritiva pois analisou, através de observações sistemáticas, os procedimentos metodológicos utilizados pelos profissionais diretamente ligados ao sujeito da pesquisa, as condições oferecidas pelo Projeto *Águavida* da Escola de Educação Física e Desporto da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde a mesma foi desenvolvida. Também foram utilizados para a coleta de dados, dois questionários semi-estruturados contendo dez perguntas cada um. Os questionários foram direcionados à responsável e às professoras da aluna. Consideramos que foi possível, através do processo realizado, inferir que a aluna, após as participações nas aulas de natação e segundo a convergência das informações da mãe e das professoras responsáveis pelo planejamento das atividades, desenvolveu: um melhor domínio do equilíbrio e da postura, maior controle na respiração, eficácia nas diversas coordenações globais e parciais, ganhos cognitivos e uma melhor adaptação ao meio exterior, o que possibilitou melhoria nas relações interpessoais. Portanto, os resultados apresentados apontam que a natação oferece inúmeros benefícios através de atividades interessantes e desafiadoras. As propostas na natação devem viabilizar experiências promotoras de uma aprendizagem psicomotora, cognitiva e social. Elas devem sempre considerar as relações de limitações e potencialidades de cada um, possibilitando ao aluno avaliar suas ações e tomar decisões como sujeito

participativo nas perspectivas e paradigmas de uma sociedade inclusiva.

Musculação e Natação para Portadores de Seqüelas de AVC

Ana Paula Vieira dos Reis, Junara Paiva Pereira,
Luana Oliveira Barbosa, Rosana Mendes Maciel,
Alberto Martins da Costa

UFU - Uniaraxá - Uberlândia - MG - Brasil

E-mail: anapaula.edfis@bol.com.br

O presente trabalho tem como objetivo descrever e apresentar um relato de experiência realizado no estágio prático de educação física e esportes adaptados na UFU. O estudo foi realizado com um grupo de seis pessoas portadoras de deficiência física causados por acidente vascular cerebral hemorrágico (AVC). Como a conseqüência, os alunos apresentavam como seqüela uma hemiparesia (perda parcial dos movimentos em uma hemi parte do corpo). O nosso trabalho teve como objetivo contribuir como agente auxiliar na reabilitação dos movimentos, possibilitando ao nosso aluno o aproveitamento máximo das suas capacidades. Para isso foram escolhidas e realizadas atividades de musculação com equipamentos fixos e cargas baixas, visando aumentar a amplitude dos movimentos. Também foi realizada a natação cujo objetivo era a aprendizagem do nado *crawl*, promovendo as adaptações necessárias de acordo com as limitações e possibilidades do aluno, auxiliando-o no domínio da água e da técnica. Além do aspecto físico-motor, através de todas as atividades, esteve sempre presente nos nossos objetivos a promoção da socialização e da independência e, conseqüentemente, a melhoria da auto-estima. Os resultados observados, comparando a avaliação inicial com a final, foram satisfatórios pois os exercícios na musculação trouxeram um significativo ganho de força e melhor utilização desta força que puderam ser também observados na execução dos movimentos. Na natação, os participantes conseguiram dominar a técnica do nado *crawl*, sendo que alguns foram convidados para participarem da equipe de treinamento. No que diz respeito aos aspectos psico-sociais, pudemos observar uma sensível melhoria principalmente na capacidade de relacionamento e superação das dificuldades que se apresentavam durante a realização do trabalho.

A Natação para Jovens com Deficiência Mental

Carolina Ohlweiler Lessa, Ursula Flach da Rocha,
Rosilene Moraes Dihl, Doralice Orrigo Cunha Pol

ULBRA Canoas Gravataí, RS, Brasil

E-mail: niynalessa@bol.com.br

Acreditamos que as atividades aquáticas contribuem com o desenvolvimento motor, a consciência corporal e proporcionam uma melhora na postura. Além destes fatores,

podemos mencionar que também as atividades aquáticas podem aumentar a auto-estima, a memória, e a disposição dos alunos. No intuito de promover os benefícios para populações com deficiência, o Centro de Estudos de Atividade Motora Adaptada (CEAMA) promove projeto para jovens com deficiência mental. O objetivo deste programa é o ensino e o aprimoramento dos nados *crawl* e costas com estes jovens. O grupo é composto de 25 alunos na faixa etária dos 12 aos 30 anos, ambos os sexos, em sua maioria de classe baixa, residentes da região metropolitana de Porto Alegre (RS). As atividades são realizadas uma vez por semana no tempo de quarenta e cinco minutos e as aulas são ministradas por monitores que aplicam educativos específicos para o aprendizado e o aperfeiçoamento dos nados. Em cada aula introduzimos também um espaço para recreação aquática. A turma é dividida em três níveis: iniciantes, intermediários e avançados. Sendo que para os iniciantes desenvolvemos a adaptação ao meio líquido com imersões, flutuação, deslize, batimentos de pernas em decúbito ventral, braçada nado *crawl* e coordenação de braços e pernas do nado. Para os alunos iniciantes, a maior dificuldade encontrada é a capacidade em assimilar as tarefas motoras que influenciam na prática da natação, por exemplo, a imersão, porque os mesmos estão presos a vivências terrestres e que devem ser transferidas para o meio aquático. Outro fator verificado são as tensões articular e muscular apresentadas pelo grupo, pois sabemos que o meio líquido é uma nova experiência e necessita de um período para se adaptarem e aproveitarem os benefícios que a mesma proporciona. No nível intermediário são praticados: educativos da respiração do nado *crawl*, batimento de pernas em decúbito dorsal e introdução da braçada do costas. Nesse nível é observado que os alunos possuem dificuldades de mobilidade articular e muscular em conjunto com a coordenação motora. Os alunos avançados são conduzidos ao aperfeiçoamento nado *crawl* com as específicas respirações e também do nado costas. Neste grupo é observado a falta da respiração ritmada. Em todos os níveis realizamos uma rotina diária para aplicação da metodologia. Para concluir é importante dizer o quanto a prática da natação esta sendo responsável pelo progresso das habilidades e da coordenação motora destes praticantes, pois percebemos que os participantes obtiveram resultados consideráveis em sua auto-estima, disposição, controle motor, estado de humor, socialização e memória.

Natação para Jovens Cegos e de Baixa Visão

Luciana Lima da Costa, Rosilene Moraes Diehl,
Carolina Ohlweider Lessa, Úrsula Flach da Rosa
*Centro de Estudos da Atividade Motora Adaptada
(CEAMA) - ULBRA – Canoas - RS – Brasil
E-mail: lenediehl@hotmail.com*

A natação é conhecida como um dos esportes mais completos, causadora de verdadeiro fascínio. Infelizmente, pouco se tem feito para incluir populações especiais nesta

modalidade esportiva. Foi a partir de constatações como esta que o Centro de Estudos da Atividade Motora Adaptada (CEAMA) da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) criou, dentre outros, o programa de Natação para Jovens Cegos. O objetivo desse trabalho é descrever os processos metodológicos no ensino/aprendizado dos nados *crawl*, costas, peito e borboleta adotada no programa de natação para jovens cegos e de baixa visão. A metodologia adotada para esse estudo foi descritiva e procurou, através de memoriais e observações participantes, identificar e descrever as necessidades básicas no processo ensino/aprendizagem na natação para esses jovens. Os sujeitos desse estudo foram seis alunos com baixa visão e três cegos, todos acima de 16 anos. Através da técnica de orientação e mobilidade apresentamos o espaço que seria utilizado para as atividades, permitindo que eles fizessem o reconhecimento da recepção da academia, vestiário e da piscina propriamente dita. Após, foi realizada uma análise das habilidades dos alunos que possibilitou subdividir o grupo em três níveis: iniciantes, intermediários e avançados. No primeiro grupo trabalhamos a adaptação dos alunos ao meio líquido, imersão, flutuação, deslize, batida de pernas em decúbito ventral, batidas de braços do nado *crawl*, batidas de pernas em decúbito dorsal. No nível intermediário foi trabalhada a iniciação dos nados *crawl* e costas. No nível avançado, trabalhamos a continuidade de todos os estilos e o aprendizado dos nados peito e borboleta. Podemos observar que a metodologia do ensino/aprendizagem da natação para jovens cegos e de baixa visão é basicamente a mesma que a aplicada para alunos videntes. As mudanças são em relação às diferentes vias de informações apresentadas aos alunos. Para os alunos de baixa visão o espaço físico deve ser bem iluminado, utilizar materiais de cores contrastantes no primeiro nível e demonstrar o gesto motor muito próximo ao aluno. Para alunos cegos o movimento deve ser demonstrado através do contato físico aluno-professor e professor-aluno, assim como uma instrução oral adequada. A maior dificuldade encontrada é em relação ao equilíbrio na água, dessa forma exercícios de orientação espacial no meio líquido são indicados. Um programa de natação para essa população é uma iniciativa muito importante na medida em que torna possível a este público o contato com uma prática esportiva oferecida até hoje para uma pequena parcela da população. Este movimento ajuda a sociedade a desenvolver práticas mais solidárias e inclusivas.

Natação e a Pessoa Portadora de Deficiência: Motivação e Aprendizagem

Milton Vieira do Prado Junior, Mellina Maria Do
Lago Manso, Giseli Fregolente, Érica Roberta
Joaquim, Jéssica Osmondes Travassos, Luanda
Contin, Joice Mayumi Nozaki, Fernando Eiji Ono
*UNESP - Bauru - SP - Brasil
E-mail: miltonjr@fc.unesp.br*

A inclusão da natação na rotina do portador de deficiência mental (PPDM) além de ser um novo contexto de estimulação em busca de autonomia, gera também, motivação e aprendizagem dos participantes. Além disso, a consolidação dessa atividade no dia-a-dia de uma instituição somente se define quando essa ação é pensada e planejada para todas. Nesta perspectiva, este estudo objetivou analisar os fatores que levaram a ampliação do projeto de natação para PPDM durante os dois últimos semestres na instituição SORRI-BAURU. Para tanto, foram analisadas as aulas durante o segundo semestre de 2002 e primeiro semestre de 2003, bem como entrevista semi-estruturada com a direção, fisioterapeuta e participantes do projeto. Fica evidenciado após este período de prática que ocorreram mudanças de comportamento motor como: domínio da flutuação, respiração, propulsão no meio líquido, a coordenação dos movimentos dos estilos *crawl* e costas. Além disso, mudanças afetivas como melhora da auto-estima, na relação sócio-afetiva dos usuários, e mudanças cognitivas melhorando o desempenho nas demais atividades da instituição SORRI que objetiva a preparação do usuário para o mercado de trabalho. Portanto, a motivação gerada pela dinâmica das aulas e a aprendizagem motora dos usuários favoreceram a ampliação de novos alunos no projeto, sendo que a maioria dos usuários possuem interesse na participação. Fator determinante também, foi a participação de um usuário selecionado pela *Special Olympics*, nos jogos mundiais de verão na Irlanda, representando o Brasil na modalidade de natação, com a conquista de medalha e grande repercussão na imprensa local e nacional. Conseguimos, com estes resultados, modificar a rotina da instituição e inserir outros horários da prática da natação. Assim, concluímos que, fruto da motivação, aprendizagem, resultados práticos, como também, mudanças no nível afetivo-social e cognitivo, o projeto está inserido na instituição e com perspectiva de ampliação.

A Natação e a Caminhada como Contribuição para o Desenvolvimento Global de uma Aluna Portadora de Deficiência Mental: Um Estudo de Caso

Emiliano Martins da Rocha Diniz Bastos,
Alberto Martins Costa

Faculdade de Educação Física - Universidade Federal de Uberlândia e Centro Universitário do Planalto de Araxá - Uberlândia - MG - Brasil
Email: *emilianodiniz@hotmail.com*

O presente trabalho trata-se de um estudo de caso no qual procuramos demonstrar, através de um relato de experiência, as atividades desenvolvidas no estágio supervisionado do Programa de Atendimento para Pessoa Portadora de Deficiência da Universidade Federal de Uberlândia (NIAFS) no primeiro semestre letivo do ano de 2002, com aluna ALBP,

39 anos, portadora de deficiência mental não especificada. Segundo o diagnóstico apresentado pela responsável, a possível causa foi percebida após os seis meses de idade, onde ALBP apresentou uma febre aguda seguida de convulsões. Na avaliação inicial observaram-se limitações em várias atividades propostas, principalmente as relacionadas ao ambiente aquático pois, além de nunca ter vivenciado um contato direto com a piscina, a aluna se mostrou insegura e pouco disponível para separar-se da responsável. Foi observado também algumas limitações como: dificuldade de concentração, linguagem não adequada aos padrões e limitações de ordem motora. O objetivo destas atividades foram de propiciar o desenvolvimento motor, cognitivo, além de promover sua socialização e uma melhor qualidade de vida. A metodologia proposta constou de: caminhadas pelo campus da educação física, promovendo gradativamente o relacionamento entre estagiário e aluno, seguido de atividades realizadas no ambiente aquático no qual foram estimulados e realizados movimentos como: mergulho, propulsão de pernas e braços dos nados *crawl* e costas com o auxílio de flutuadores. Estas aulas ocorreram em uma piscina semi-aquecida de 25 metros de comprimento com frequência de duas vezes na semana com duração de uma hora. Na avaliação final do estágio em comparação com a inicial, observaram-se resultados positivos tais como: uma melhoria significativa nos aspectos emocional, social e afetivo, além de uma evolução na sua coordenação motora, principalmente no ambiente aquático. Comparado ao quadro inicialmente apresentado, a aluna passou a realizar os exercícios propostos sem o auxílio do professor. Esses resultados puderam ser confirmados nos relatos dos responsáveis que indicaram que os objetivos estabelecidos foram não apenas atingidos como também superados, resultando numa evolução no campo psíquico afetivo e motor da mesma.

Auto-Avaliação dos Aspectos Físicos, Psicossociais e Cognitivos dos Alunos com Deficiência Física do Núcleo de Apoio à Natação Adaptada de Santo André

Elaine Aparecida Vieira Baltazar Silva, Tânia Clarice Silva de Souza, Caio Ferraz Cruz
UniABC - Santo André - São Paulo - Brasil
E-mail: *elainebaltazar222@hotmail.com*

A imagem das pessoas com deficiência permanece ainda ligada à ineficiência e incapacidade. A educação física, entre tantas outras áreas, vem sendo uma das indicadas para reverter esse conceito de incapacidade. Essas pessoas, inseridas em um contexto de atividade física onde possam participar de jogos e brincadeiras diversas, dentro de seus limites, vivenciam experiências inéditas, o que faz com que possam desenvolver suas potencialidades e se inserir na sociedade. O presente estudo teve como objetivo verificar o

que os alunos com deficiência física do Núcleo de Apoio à Natação Adaptada de Santo André perceberam de melhora nos aspectos físicos, psicossociais e cognitivos após a participação nas aulas de natação, as quais ocorrem com frequência de duas vezes por semana e duração de 40 min. Para tanto, foi elaborado um questionário com questões fechadas, onde o aluno deveria assinalar quais os aspectos em que ele sentiu melhora, sendo admitidas mais de uma resposta por questão. Foram respondidos 20 questionários. Os alunos tinham idades que variavam entre 5 e 59 anos, de ambos os sexos. Os tipos de deficiências físicas foram: 50% paralisia cerebral, 15% acidente vascular cerebral, 10% distrofia muscular progressiva, 5% amputação, 5% artrogripose múltipla, 5% lesão medular, 5% mielomeningocele, 5% poliomielite. As melhoras citadas com a prática da natação adaptada foram: nos aspectos físicos, 65% responderam equilíbrio, 55% coordenação, 50% respiração, 45% força, 15% resistência às doenças e 10% lateralidade; nos aspectos psicossociais, 70% responderam relaxamento, 50% disposição, 45% motivação, 45% auto-estima, 30% auto-confiança, 30% humor, 25% independência, 20% relacionamento social, 20% convívio social e 20% integração; nos aspectos cognitivos, 60% responderam compreensão, 50% aprendizagem, 50% concentração, 40% emoção, 30% raciocínio, 25% consciência, 20% sensação, 10% percepção. Ao se somar as porcentagens de cada grupo de aspectos, verifica-se que o grupo que recebeu mais citações foram os aspectos psicossociais (média de 3,55 aspectos citados por resposta), seguido do grupo de aspectos cognitivos (2,85 aspectos/resposta) e do grupo de aspectos físicos (2,40 aspectos/resposta). Percebe-se portanto que, em sua auto-avaliação, os alunos sentiram melhora em mais aspectos psicossociais que em outros, o que, de certa forma, contempla o objetivo final do programa, que é estimular a inclusão social. De maneira geral, conclui-se que a maioria dos alunos questionados, apesar de diferirem muito quanto ao tempo de participação no programa (de uma semana a cinco anos), relatou melhora nos aspectos abordados.

Basquete Sobre Rodas: Expectativas para uma Reflexão

Elaine Mara da Silva, Maria da

Consolação G. Cunha F. Tavares

Grupo de Estudos em Imagem Corporal, UNICAMP -

Campinas - São Paulo – Brasil

E-mail : elainemsilva@hotmail.com

Com a adesão de novos integrantes na equipe de “Basquete Sobre Rodas” da SME/RP, aliada aos seus depoimentos espontâneos e à observação informal de profissionais da modalidade, optamos em relatar nossa experiência profissional ao longo dos 8 anos até nossos dias no comando da equipe. O objetivo deste relato está centrado

em provocar um esforço de reflexão no contexto do deficiente físico do sexo masculino e a prática do basquete sobre rodas. Nossa experiência passou por embaraços e equívocos significativos que nos levaram a uma reorganização de valores pessoais e profissionais como: 1. A busca de pré-requisitos ausentes na graduação necessários para o desenvolvimento pleno da atividade proposta; 2. Considerar que a falta de transporte e a utilização de materiais obsoletos como cadeiras de rodas, comprometem e muito a motivação e a aderência; 3. Abordar a visão equivocada dos praticantes em relação ao dinamismo do jogo em si fazendo uma conexão direta com o basquete convencional, é respeitar os degraus necessários da aprendizagem; 4. Ter em conta componentes como a faixa etária heterogênea do grupo, o nível e o ritmo de aprendizagem, o acervo motor e cognitivo do deficiente, podem preencher hiato estabelecido entre ouvir e executar; 5. Ampliar as experiências motoras dos deficientes físicos durante o processo através do conhecimento de novas possibilidades, nos sugere uma atenção individualizada. Perante essas considerações, o melhor dos resultados esperados foi inevitável: maior aderência e objetividade no desenvolvimento da modalidade. Concluímos que a veracidade de nossas ansiedades e expectativas para com as possibilidades do deficiente deixaria de ter como direção de mão única a busca de talentos, pois isso nos impediria de encarar o indivíduo como único e dessa forma evitaria colocá-lo em uma cadeira de rodas e esperar que ele “efetivamente” jogue basquete.

Basquete Sobre Rodas: Uma Experiência Universitária no Estado do Amazonas

Graziela Dutra Caleffi, Kathya Augusta Thomé

Lopes, Margareth de Vasconcelos Monteiro e Lima

Universidade Federal do Amazonas – Manaus – Brasil

E-mail: graziela_caleffi@hotmail.com

Introdução: Após a Segunda Guerra Mundial, os soldados voltavam para casa com lesões medulares e, pela falta de atividade física e de maiores conhecimentos dos médicos sobre esse trauma, os soldados acabavam morrendo. Então, o Sir Lidwig Guttmann iniciou o esporte como forma de reabilitação. Uma das modalidades surgidas nesta época foi o basquete em cadeira de rodas que inicialmente era praticado apenas por lesados medulares e atualmente é praticado por pessoas com outros tipos de deficiência física. Esta modalidade foi introduzida no Brasil em 1958. Atualmente o basquete em cadeira de rodas é uma modalidade paraolímpica e muito praticada. Suas regras e treinamentos se assemelham muito com o do basquete convencional, com certas adaptações. Objetivo: O Programa de Atividades Motoras para Deficientes (PROAMDE) é um projeto de extensão da Universidade Federal do Amazonas e tem como um dos objetivos o desenvolvimento das potencialidades de pessoas com deficiências através do aprimoramento de

habilidades motoras básicas. Participando do programa, o aluno tem a possibilidade de vivenciar várias atividades motoras incluindo o manejo de cadeira de rodas e a iniciação em desportos individuais e coletivos. Experiência: O aprendizado de habilidades do basquete sobre rodas durante as aulas do programa e o interesse em aprimorar os conhecimentos nesta modalidade culminou com a abertura de uma turma de treinamento. As atividades foram iniciadas em 2001. Elaboramos um programa de atividades que tem como objetivo oportunizar a aprendizagem e especialização do basquete em cadeira de rodas, enfatizando a qualidade do esporte, aprimoramento da técnica e tática deste desporto. Atualmente o grupo é composto por nove alunos, de ambos os sexos. São realizados dois encontros semanais, de duas horas cada, com atividades de manejo de cadeira de rodas, desenvolvimento das capacidades físicas, habilidades com bola, fundamentos específicos do basquete e o jogo. Resultados: Cada aluno possui uma ficha de acompanhamento diário e individual, onde é descrito o seu desempenho nas atividades, possibilitando comparar o desempenho inicial e o que ele realiza após alguns meses de treino. Os resultados mais evidentes são: a aprendizagem dos fundamentos específicos do basquete, um aumento significativo no placar dos coletivos. Conclusão: A equipe de basquete sobre rodas do PROAMDE ainda apresenta características de uma experiência que está em processo de implantação e, apesar de sofrer solução de continuidade por razões institucionais, o grupo continua desenvolvendo as atividades com pretensões de associar-se a Confederação Brasileira de Basquete em Cadeira de Rodas e participar de campeonatos.

Projeto Basquetebol Sobre Rodas da FCT/UNESP

Paulo Roberto Brancatti, Eliane Ferrari Chagas, Edelvira de Castro Q. Mastroiani, Marcos Roberto Lipphaus Alves, Carolina Macarena Diaz Osório, Everton Luiz de Oliveira, Alan Giuseppe da Cunha
UNESP - Presidente Prudente – SP - Brasil
E-mail: paulobrancatti@uol.com.br;
malipphaus@yahoo.com.br

As atividades do basquetebol sobre rodas começaram em março de 1999 na FCT/UNESP, em Presidente Prudente/SP, com um grupo de pessoas portadoras de lesão medular com o propósito de execução de atividade lúdico-esportiva. Para dar atendimento a esta demanda, elaboramos um programa de atividades que tem como objetivos desenvolver as diversas habilidades do basquetebol, incluindo o condicionamento físico, a força muscular, a agilidade, o domínio da bola, o aprendizado e manobra da cadeira esportiva, além de outras capacidades motoras. O trabalho busca também tratar de temas, atitudes, comportamentos, articulando o esporte como meio de integração/inclusão e

socialização destas pessoas. Atualmente o grupo é composto de onze pessoas todos do sexo masculino, com idade variando entre vinte e dois e quarenta anos. Realizamos três encontros semanais de duas horas cada. O programa é composto por: condicionamento físico geral—incluindo as modalidades já descritas anteriormente—, exercícios de passes, domínio, condução e arremessos com a bola, sistemas de ataque e defesa e estratégias de jogo. Desde 2002 a equipe participa do campeonato paulista da 2ª divisão promovida pela Federação Paulista de Basquetebol sobre Rodas e conta com o apoio institucional da PROEX desde 2001. O projeto conta com a participação de quatro alunos que tem uma única bolsa para os mesmos e que ministram os treinos e participam com a equipe dos jogos que disputa. As atividades do projeto estão trazendo vários benefícios a essas pessoas principalmente no que diz respeito: a melhoria de vida, a auto-estima, a independência e autonomia e também com disposição e companheirismo entre todos. Os atletas superam barreiras arquitetônicas e corporais que aparecem no dia-a-dia quando a equipe tem que deslocar para ônibus, hotéis, ginásios, etc. Enfim, o esporte quando bem orientado pode auxiliar na conquista de objetivos com qualidade e responsabilidade.

Paraolimpíadas e Deficiência Mental

Maria Teresa K. Leitão, José Júlio Gavião de Almeida, Graciele M. Rodrigues
ESEF/UNICAMP – Jundiá - SP – Brasil
E-mail: teleitao@terra.com.br

As pessoas com deficiência mental participaram pela primeira vez de uma competição paraolímpica em 1992, na Espanha, nas modalidades basquete, atletismo, natação, tênis de mesa e futebol de salão e, depois disso, também nas paraolimpíadas de Atlanta, EUA, em 1996 e em 2000 em Sidney, Austrália. Para poderem representar seus países, os atletas devem ser filiados à *International Sports Federation for Persons with Intellectual Disability* (INAS-FID) que é a organização vinculada ao *International Paralympic Committee* (IPC). A INAS-FID acredita que as pessoas com deficiência intelectual têm o direito de participar no esporte de sua escolha e no nível de habilidade que desejam. Essas pessoas, até recentemente, somente participavam de competições promovidas por instituições locais (no caso do Brasil, pela Federação Nacional das APAEs) ou das Olimpíadas Especiais, que têm uma forma de competição diferenciada e não apenas voltada para o rendimento dos atletas. Porém, após a constatação de uma fraude por uma equipe na Paraolimpíada de Sidney e pela falta de critérios claros da INAS-FID na avaliação dos atletas com deficiência mental, o IPC declarou a não participação desses atletas no próximo evento que será realizado na Grécia. Podemos concluir que, mesmo as organizações pregando a igualdade de todos no acesso às atividades desportivas e a liberdade da prática sem qualquer tipo de discriminação, ainda parece

estar muito longe a possibilidade das pessoas com deficiência mental poderem exercer seu direito de cidadania de participar de competições de rendimento.

Voleibol Sentado: Treinando para o Sucesso

Ana Paula Vieira dos Reis, Junara Paiva Pereira,
Alberto Martins da Costa, Sergio Pepato
UFU - Uniaraxá - Uberlândia - MG - Brasil
E-mail: anapaula.edfis@bol.com.br;
junarapereira@bol.com.br

O presente trabalho tem por objetivo relatar as experiências vivenciadas com a equipe masculina adulto de voleibol sentado da Associação de Paraplégicos de Uberlândia (APARU). O trabalho vem sendo desenvolvido desde junho de 2003 com atletas de 21 a 40 anos, portadores de deficiência física, com seqüelas de poliomielite, amputação e acidente vascular cerebral, os quais se enquadram nas regras oficiais da Confederação Mundial de Voleibol Sentado (WOVD). As atividades são realizadas com uma carga horária de 4 horas semanais, divididos em dois dias, na Universidade Federal de Uberlândia. O objetivo consiste na formação da primeira equipe de voleibol sentado de Uberlândia almejando a participação em competições regionais e nacionais e formação de jogadores de elevado nível técnico. As atividades foram iniciadas com um cadastro pessoal de cada atleta e posteriormente foi realizado uma avaliação física através de tomada de medidas antropométricas e testes físicos. Os treinamentos se iniciaram com o ensino dos fundamentos básicos e aprendizagem das adaptações das regras para esta modalidade. Tendo em vista que a equipe era de iniciantes, a preocupação consistiu em dar maior ênfase no volume de atividades do que propriamente na intensidade. Ressaltamos também, nessa fase, a importância dos fatores cognitivos, afetivos e psicomotores como: percepção, raciocínio, motivação, incentivo e respostas complexas manifestadas. A partir da automatização dos gestos técnicos, passamos a um período preparatório específico onde se enfatizou o treinamento tático, preparando-se para um período competitivo. Os treinamentos serão voltados especificamente para os jogos a serem disputados. Quanto aos resultados, podemos considerar satisfatórios, tendo em vista que apesar do pouco tempo de trabalho, dois atletas do grupo já foram convocados para a seleção brasileira treinando para o sul-americano e Parapanamericano.

Atletismo e Deficiência: Relato de Experiência

Amado de Paula da Silva,
Weverton Lima dos Santos
Associação dos Paraplégicos de Uberlândia (APARU)
Uberlândia - MG - Brasil
E-mail: amadSlv@aol.com

O presente trabalho visa relatar a experiência com o treinamento de pessoas com dificuldades motoras da Associação dos Deficientes Físicos de Uberlândia (APARU) sob o apoio da Faculdade de Educação Física UFU. O treinamento é realizado de segunda a sexta-feira, das 13:00 às 16:00 horas, sendo dividido em duas horas para os iniciantes e três horas para os atletas de performance. Os treinamentos são feitos respeitando a individualidade biológica (biomecânica, fisiológica, psicológica) de cada atleta. Na iniciação, a técnica é trabalhada com educativos, ficando a critério da comissão técnica avaliar as condições de desenvolvimento dos mesmos para um avanço subsequente de treinamento. Já nos atletas de performance, a preocupação é com a periodização do treinamento dos mesmos, com atenção aos reflexos de sobrecarga de treinamento. Os treinamentos envolvem os fundamentos do atletismo (corrida, arremesso de peso, lançamento de dardo e disco) assim como complemento de musculação e relaxamento na piscina aquecida. O trabalho tem como objetivo, não só a melhora da prática desportiva citada, mas também as melhorias no desenvolvimento: da auto-estima, da auto-imagem, da independência, da qualidade da interação com outros grupos. Ainda, permite uma experiência intensa com seu próprio corpo: cansaço, relaxamento, tensão, preparação física, etc. A atividade física e a participação em atividade esportiva são importantes componentes da vida diária de indivíduos corporalmente capazes, bem como para pessoas portadoras de deficiência física, as quais têm vários motivos para praticar uma atividade esportiva, especialmente porque podem desenvolver um grau de sedentarismo elevado e rápido. Os atletas são orientados a participar da atividade esportiva para melhorar a postura, o desenvolvimento físico, o condicionamento físico, a saúde, além de ser uma oportunidade para a recreação e a diversão. A participação no atletismo levou os indivíduos a funcionarem mais independentemente e integrados corporalmente aos companheiros. É importante alertar que, para aqueles com deficiência física, a limitação da atividade física resulta numa progressiva deterioração do desempenho e eficiência cardiovascular, músculo-esquelético, distúrbios metabólicos e dificuldade em manter o peso corporal normal. Sem dúvida, os benefícios fisiológicos da atividade física regular melhoram a qualidade de vida.

Halterofilismo para Portadores de Deficiência Física

Wéverton Lima dos Santos,
Alberto Martins da Costa

Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia - Uberlândia - MG – Brasil
E-mail: weverton@edf.ufu.br

O presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência com o treinamento de halterofilismo adaptado (*powerlifting*) para pessoas portadoras de deficiência física com comprometimento em membros inferiores. Os atletas participantes são associados da Associação dos paraplegicos de Uberlândia (APARU), as atividades são realizadas quatro vezes por semana com duração média de 80 minutos, sendo três vezes na sala de musculação, e uma vez por semana em piscina aquecida. O treinamento é todo realizado na Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia. As atividades são baseadas na aquisição de hipertrofia muscular e força pura, levando em consideração a individualidade biológica de cada atleta e a estrutura biomecânica, fisiológica, psicológica e nutricional. Além da melhora da capacidade física e atlética, os treinamentos têm como objetivo a promoção da auto-estima, auto-imagem e também interação social no ambiente com qual estão inseridos. Desta forma, este trabalho possibilita aos atletas a busca de índices para participarem em campeonatos nacionais e até mesmo internacionais. O halterofilismo é uma modalidade Paraolímpica, na qual podem participar atletas masculino e feminino, paralisados cerebrais, amputados, lesados medulares e *Les Autres* com deficiência em membros inferiores, os quais são divididos por categoria de peso (massa corporal). A prova realizada é o estilo supino reto com um banco adaptado e as regras utilizadas são as do Comitê Paraolímpico Internacional (IPC). Os resultados obtidos até o momento são considerados satisfatórios, atendendo aos objetivos propostos no que diz respeito à melhoria da carga levantada e segundo aos índices nacionais, os quais são suficientes para participar de um campeonato brasileiro. Em relação aos outros aspectos, melhorias significativas foram observadas quanto à auto-estima e à auto-imagem em todos os integrantes da equipe.

Um Programa com Exercícios Resistidos para Pessoas com Esclerose Múltipla

Otávio Luis P. C. Furtado,
Maria da Consolação G. C. F. Tavares
UNICAMP - Campinas - SP - Brasil
E-mail: otaviofurtado@hotmail.com

A prática regular de exercícios resistidos por idosos e pessoas com necessidades especiais tem demonstrado ser importante para manter ou melhorar o condicionamento físico, repercutindo de forma positiva na mobilidade, na

realização de atividades de vida diária, dentre outras e levando a melhora de aspectos da qualidade de vida. A literatura internacional (MEDLINE) apresenta escassos trabalhos que abordem a prática de exercícios de fortalecimento muscular para pessoas com esclerose múltipla (EM). Entretanto, alguns trabalhos indicam que este grupo de indivíduos é capaz de realizar, de forma segura e com intensidade suficiente, exercícios em meio aquático e em ergômetros de braços e pernas que proporcionaram ganhos, dentre outras capacidades, de força muscular. A EM é uma doença neurológica crônica que acomete aproximadamente 25.000 de pessoas no Brasil. Esta doença pode afetar a forma de vida de seus portadores, apresentando sintomatologia variada que inclui frequentemente a diminuição da força muscular e a fadiga. Após proferir uma palestra para pessoas do Grupo de EM de Campinas, intitulada exercícios físicos na EM, alguns portadores da doença se interessaram em participar de um programa que envolvesse atividades de fortalecimento muscular. Formamos um grupo com cinco indivíduos com objetivo de observar a viabilidade de um programa de fortalecimento muscular para pessoas com EM. Realizamos durante dez semanas às terças e quintas feiras, com duração aproximada de uma hora e meia, atividades de alongamento, ao início e final da sessão, jogos com bola e outros materiais, além de atividades de fortalecimento muscular com exercícios resistidos com pesos, elásticos ou com o próprio peso corporal contra a ação da gravidade. Executamos as atividades em período de inverno o que, segundo os praticantes, auxiliou a tolerar a fadiga. Como medidas para evitar o aumento da temperatura corporal que pode levar ao surgimento de sintomas da doença, são indicadas salas climatizadas, uso de ventiladores, realizar atividades em horas do dia com temperaturas mais amenas ou mesmo indicar que a pessoa com EM refresque-se com banhos frios, antes e após cada sessão. Segundo o relato dos participantes, este tipo de programa proporcionou ganhos de força muscular, aumento da disposição para realizar atividades de vida diária, valorização corporal, ganhos em agilidade, consciência sobre a possibilidade de fazer qualquer tipo de exercícios, dentre outros. Concluímos que um programa de fortalecimento muscular que respeite as individualidades, apresente caráter progressivo de cargas e seja realizado em períodos de não ocorrência de surtos da doença, seja capaz de proporcionar ganhos tais que repercutam em fatores funcionais e de qualidade de vida de pessoas com EM.

Adaptação de Teste de Agilidade para Pessoas com Deficiência Mental (DM)

Cristiane Silva Amorim, Maria Teresa da Silva,
Marcio Silva Mesquita, Rosineide Soares Rogério
Unicastelo – São Paulo - SP – Brasil
E-mail: mariateresasil@uol.com.br

Um dos grandes desafios na nossa área é avaliar os resultados de trabalhos com pessoas com deficiências, visto

as múltiplas características que apresentam. Em nossa atuação com pessoas com DM observamos suas dificuldades em muitas variáveis entre elas a agilidade, necessária tanto para a prática esportiva como para as necessidades de vida diária. Isto determinou nosso objetivo inicial que foi mensurar a agilidade de alunos com DM para desenvolvermos um programa de exercícios físicos adequado. Participaram deste estudo 11 alunos com DM, de ambos os sexos e com idade entre 17 e 34 anos, participantes do projeto Dinda na Unicastelo/SP. Utilizamos a padronização Celafiscs do teste *Shuttle Run* e durante sua aplicação verificamos serem necessárias algumas adaptações em virtude das dificuldades de compreensão das instruções pelos alunos. Nos preocupamos então em como adaptar o teste para que os alunos pudessem realizá-lo e os resultados quantitativos do mesmo passaram a ser secundários neste momento, não sendo considerados neste trabalho. A maior dificuldade foi em relação a transpor um dos pés a linha de demarcação para retirada e colocação dos tacos no solo. Desenhamos um pé no local onde os avaliados deveriam pisar, mas esta passou a ser a principal preocupação dos alunos nos levando a abandonar esta alternativa. Passamos, então a tentar outras estratégias: 1) utilizamos um retângulo pintado de branco no solo com 150cm x 100cm como referência para a retirada e colocação dos tacos no solo; 2) utilizamos apenas uma linha divisória demarcando o solo com fita crepe nos locais de saída e chegada, para que o aluno ultrapassasse o pé para a retirada e colocação dos tacos no solo. Ainda, construímos 2 quadrados em cada lado de 30cm x 30cm, afastados 35cm da linha divisória, também com fita crepe que indicavam onde deveriam ser colocados os tacos; 3) retornamos, então, ao teste padronizado. Foram realizadas duas tentativas em cada estratégia sendo que havia a necessidade de renovarmos as instruções a cada execução com todos os alunos. Resultados: Na primeira estratégia tivemos 6 alunos que não cometeram nenhum erro contra 7 na segunda e 5 na terceira; verificamos também os alunos que cometeram apenas 1 erro na execução dos testes constatando que na primeira estratégia apenas 1 aluno cometeu 1 erro, na segunda 3 alunos e na terceira 2 alunos. Conclusão: 1) para este grupo a estratégia de número 2 se mostrou mais eficiente, uma vez que nesta situação ocorreram menos erros do que nas outras; 2) é possível mensurar a agilidade de pessoas com DM a partir de adaptações simples construídas no próprio local de aula.

Atividade Motora Adaptada para Pessoas Portadoras de Deficiência Visual

Ana Mara Gomes da Cunha, Carolina Macarena Diaz Osorio, Eliane Ferrari Chagas
FCT/UNESP - Presidente Prudente - SP - Brasil
E-mail: anamara.cunha@bol.com.br

O Projeto de Atividade Motora Adaptada teve início no ano de 1998 com a iniciativa de professores dos departamentos de fisioterapia e educação e atualmente com o departamento

de educação física. Um dos trabalhos realizados é o com pessoas portadoras de deficiência visual que envolve um grupo de crianças entre 4 e 12 anos da Associação Filantrópica de Cegos/Centro de trabalho, Reabilitação e Integração do Deficiente Visual (Cetri). Os objetivos principais do projeto são trabalhar os aspectos motores como equilíbrio, coordenação, habilidades motoras gerais e recreativas, incluindo jogos e atividades direcionadas a proporcionar orientação espacial, desenvolvimento sensoriomotor, percepção e outros elementos psicomotores, visando também as relações sociais. Muitas vezes, estas atividades não são executadas por esta população na vida cotidiana, já que a perda parcial ou total da visão pode dificultar a efetivação de tais atividades. Desta forma, a concepção do projeto permite trabalhar não só aspectos físicos, mas estas habilidades em um contexto social, facilitando sua inserção na comunidade, incluindo a escola, a família e o lazer. Cabe ressaltar que a vivência no projeto é de tal importância na formação do graduando de educação física, pois proporciona compreender as diversas habilidades existentes nas diferentes pessoas, assim como os mecanismos adaptativos existentes para suas atividades do dia-a-dia.

Adaptação do Teste de *Shuttle Run* para Pessoas com Deficiência Visual (DV)

Cristiane Silva Amorim, José Cláudio Alves de Melo,
Maria Teresa da Silva, Marcio Silva Mesquita,
Rosineide Soares Rogério
Unicastelo – São Paulo - SP – Brasil
E-mail: mariateresasil@uol.com.br

No final de 2002, iniciamos um trabalho de karatê adaptado para pessoas com deficiências e distúrbios de comportamento. No início de 2003, foram realizados testes antropométricos e de aptidão física para este grupo sendo que, dentre estes, o de agilidade (*Shuttle Run*, padronização Celafiscs) mostrou-se o mais complexo para os alunos com DV, o que nos levou a buscar estratégias que permitissem sua realização. Este trabalho teve, portanto, o objetivo de desenvolver adaptações do teste citado para os alunos com DV. Participaram do estudo 2 alunos com classificação esportiva B1, 4 B2 e 2 B3, todos adultos e de ambos os sexos. Primeiramente utilizamos 2 chamadores, um em cada local de retirada e colocação dos tacos e guia para todos os alunos, depois sem guia para nenhum deles e fomos alternando sucessivas tentativas até conseguirmos uma forma que nos permitiu avaliar a agilidade dos alunos. Local: foram pintados no solo 2 retângulos brancos de 150cm de comprimento x 100cm de largura onde os tacos deveriam ser retirados e colocados; Tacos: 2 blocos de madeira encapados com contact azul marinho; Chamadores: 2 chamadores agachados atrás do local onde deveriam ser colocados e retirados os tacos (um de cada lado) dando estímulos sonoros oralmente e batendo o taco no solo para indicar o

local correto; Guia: utilizamos um guia para os avaliados durante a corrida e que também ajudava a avisá-los quando chegava no local indicado. Para os alunos B1 as marcações no solo e nos tacos não são necessárias, apenas o guia e os chamadores. Os alunos B2 e B3 dispensaram o guia e estas marcações foram fundamentais para eles se localizarem, além dos chamadores. Os chamadores também se mostraram indispensáveis, pois além de orientarem na corrida, indicavam o local onde os tacos estavam, pois, mesmo estando eles encapados de uma forma a dar contraste com o solo pintado, alguns alunos demoravam a localizá-los, acreditamos que devido à rapidez exigida. Frisamos ser de suma importância que o avaliador trabalhe em conjunto com o avaliado sempre que possível. Durante todo o processo, contamos com o auxílio dos próprios avaliados que sugeriam modificações ou criavam novas estratégias que mais se adequassem a eles, fator este que contribuiu muito, inclusive para uma maior motivação.

Body Pump em Deficientes Visuais (DV)

Márcia Maria de Azeredo Coutinho, Paulo Henrique
Azuaga Braga, Márcia Ragalci Galdino,
Ana Cláudia Fernandez*
UGF - Faculdade Estácio de Sá*
Campo Grande - MS - Brasil
E-mail: mac.cou@terra.com.br

Hoje mais do que nunca a importância da inclusão do portador de necessidades educacionais especiais é condição básica para o desenvolvimento e inserção do mesmo na sociedade. Incluí-lo em academias de ginástica é um dos caminhos para proporcionar aos mesmos o desenvolvimento de suas capacidades físicas e buscar a melhoria de sua qualidade de vida. Para o DV, por ter uma perda sensorial muito importante, acaba sendo muito difícil a sua socialização em atividades físicas e de lazer onde predomina a presença dos normovisuais. *Body pump* é um programa de treinamento com barras originais com exercícios coreografados com muitas repetições que desenvolve a resistência muscular, força, flexibilidade e contribui para diminuição do percentual de gordura corporal. O objetivo deste estudo foi o de verificar se o DV é capaz de se inserir em aulas de ginástica com levantamento de pesos (*Body pump*) em academias representando um grande papel na socialização do indivíduo. Utilizando-se uma metodologia adaptada, durante 5 meses foi desenvolvido um trabalho, com 3 aulas por semana de *Body pump*, com 20 alunos do Instituto Sul-Mato-Grossense para Cegos “Florivaldo Vargas” em Campo Grande. Ao término deste prazo os alunos estariam aptos a freqüentar academias de ginástica da cidade, ampliando assim suas oportunidades de acesso a novas formas de lazer e principalmente sua inclusão social. Inicialmente foram desenvolvidas clínicas onde foram ensinadas às técnicas de execução dos exercícios básicos, familiarização com o material, postura e alinhamento

adequado. Nesta fase foram utilizados bastões de madeira, barra ou qualquer outro material que se assemelha-se ao *Kit* básico do *Body pump*. Não se incorporou inicialmente ritmo musical, apenas informações auditivas que foram basicamente a voz do professor. O ritmo foi colocado aos poucos junto com a música e optou-se em fazer coreografias simples no início, e mais desafiadoras conforme o desenvolvimento do trabalho, finalmente aulas em academia de ginástica com alunos normovisuais. Respeitando-se a individualidade dos DV é perfeitamente possível inserí-lo com qualidade em uma atividade predominantemente visual, com turmas constituídas basicamente por normovisuais, como uma aula de *Body pump* em academias de ginástica. Mais do que uma atividade física para as mudanças fisiológicas do corpo, *Body pump* provou ser um meio de integração da pessoa com necessidades educacionais especiais em ambientes sociais que podem ser de difícil acesso, como o de uma academia de ginástica.

Atividade Motora para Pessoas Portadoras de Deficiência Visual

Ubiratan Franco de Godoy, Marli Nabeiro,
Ana Flora Zaniratto Zonta
LAPEF - Departamento de Educação Física - UNESP
Bauru - SP - Brasil
E-mail: ubiratangodoy@ig.com.br

Este é um relato de experiência do trabalho desenvolvido dentro de um programa de extensão do departamento de Educação Física da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista – UNESP/Bauru, compartilhado com o “Lar Escola Santa Luzia,” da cidade de Bauru, São Paulo. O objetivo deste trabalho é apresentar o processo de intervenção através de um programa de atividade motora, desenvolvido em uma instituição destinada a adultos portadores de deficiência visual. As pessoas que usufruíram desse programa não praticavam nenhum tipo de atividade motora dentro ou fora da instituição. Assim, não eram estimulados pela família e pela sociedade em que se inserem, talvez por pouca informação e até mesmo medo do desconhecido. O tipo de trabalho desenvolvido pelos alunos dentro da instituição, empalhamento de cadeiras, provoca desconforto, dores musculares e monotonia, uma vez que trabalham por horas na mesma posição durante toda a semana. O programa buscou aprimorar suas potencialidades motoras, favorecer as condições de trabalho e melhorar a qualidade de vida dos participantes. As atividades propostas inicialmente consistiam em alongamentos e atividades posturais, observando que a má postura para realização de suas atividades era uma das principais causas do desconforto. Aos poucos algumas atividades que envolviam a locomoção dos alunos foi introduzida de maneira a estimulá-los e tornar as aulas mais dinâmicas. Junto a isso algumas atividades recreativas foram desenvolvidas, como brincar de roda, dança da bexiga e até mesmo o pega-pega.

O programa também incluiu exercícios de força para melhorar a tonicidade muscular dos alunos. Através das atividades descritas, observou-se que os alunos tinham dificuldades de executar seus movimentos e, com o uso de uma análise qualitativa de seus movimentos (andar, correr, saltar, equilibrar) confirmou-se a existência de padrões imaturos do movimento básico do ser humano. Esta informação foi utilizada para adequação do programa de atividade motora. A proposta realizada provocou uma mudança no cotidiano dos alunos, despertando interesse e motivação dos mesmos. Além disso, o sucesso do programa fez com que a direção da instituição incorporasse as aulas de atividade motora no regimento interno da instituição “Lar Escola Santa Luzia.”

Ação Educativa e Cidadania como Noções Desenvolvidas em Campeonatos de Goalball

Wagner Xavier de Camargo

*Faculdades Integradas de Amparo e Associação Brasileira de Desportos para Cegos
Campinas - SP - Brasil
E-mail: coord_goalb@msn.com*

Partindo-se do pressuposto de que o paradesporto é uma manifestação coletiva que capta influências dos espetáculos desportivos convencionais e das condutas pessoais de seus atores neles envolvidos, o presente estudo elegeu o *goalball*—uma modalidade específica que é praticada por atletas portadores de cegueira total e de visão subnormal—como fenômeno desportivo a ser analisado, no que diz respeito aos processos de interferência cultural, e conseqüentes comportamentos sociais no âmbito de seus campeonatos nacionais. Percebeu-se que as condutas e práticas sociais durante os campeonatos são reflexos de um comportamento estimulado por outros espetáculos desportivos convencionais. Nesse sentido, nos jogos de *goalball* reproduzia-se, em escala menor, gestos e atitudes de intolerância, impaciência e desrespeito para com a coletividade. Com o objetivo de melhor entender tais comportamentos e propor transformações nos mesmos, com vistas ao usufruto coletivo, esta pesquisa objetivou desenvolver ações educativas que visassem concretizar o respeito mútuo, a convivência pacífica e a construção de limites por parte dos próprios praticantes da modalidade. Para tanto, foram feitas observações (participantes) prévias destas atitudes e comportamentos em campeonatos de *goalball* da Associação Brasileira de Desportos para Cegos (ABDC) e, ao longo de 5 anos, ações concretas foram estimuladas no sentido de desenvolver a auto-conscientização (educativa e não reprodutiva) por parte dos envolvidos. Os resultados obtidos foram: desenvolvimento de comportamentos de ajuda mútua e respeito para com o coletivo, maior identificação com o referido esporte e aumento exponencial do número de equipes participantes em âmbito nacional. Tomando-se a educação da coletividade como obrigação social da coordenação nacional de *goalball*

e, no limite, da própria entidade nacional de organização e fomento do desporto de cegos, além da responsabilidade de não estimularmos os comportamentos degradantes exaltados pela mídia de massa, concluímos nosso estudo propondo um protocolo de ações educativas a ser aplicado nos espetáculos desportivos adaptados, de modo a transformar comportamentos e a desenvolver noções como a cidadania e o respeito mútuo.

Benefícios da Música e da Dança para o Portador de Epilepsia

Carolina Cunha Monteiro, Luana Oliveira Barbosa,
Talyta Leão, Leandro Silva Nunes Garcia
*UFU - Uberlândia - MG - Brasil
E-mail: cacamagrela@zipmail.com.br*

Este trabalho relata a experiência adquirida na disciplina “Estágio prático em Educação Física e Esportes Adaptados,” através do programa de atendimento à pessoa portadora de deficiência (NIAFS) da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia/MG, no período de setembro a dezembro de 2002. A epilepsia se apresenta como um fenômeno neurológico caracterizado por convulsões ou ataques decorrentes de descargas excessivas dos neurônios que acabam por afetar o funcionamento orgânico e mental de uma pessoa. Essa manifestação pode afetar todo o corpo ou somente a parte motora, vegetativa e psíquica. O objetivo geral deste trabalho foi desenvolver a socialização com uma aluna portadora de epilepsia: buscando um conhecimento de si mesmo, promovendo a descoberta do outro e do meio, trabalhando diretamente com sua expressão individual, e conseqüentemente desenvolvendo um conceito de auto-estima. Como objetivo específico, buscamos desenvolver o equilíbrio e a coordenação motora global, evidenciando suas habilidades interpretativas e emocionais na melhoria do seu relacionamento interpessoal. Para atingir tais objetivos foram desenvolvidos trabalhos de psicomotricidade quatro horas semanais, por meio de atividades recreativas envolvendo música, dança, teatro e grandes circuitos. Além disso, foram realizadas atividades aquáticas trabalhando a iniciação da natação por meio de dinâmicas ritmadas/musicadas, como brinquedos cantados, coreografias aquáticas (baseadas nos movimentos da natação). A linguagem, a criatividade e a corporeidade foram os aspectos principais para o desenvolvimento de tais atividades, conduzindo a aluna de maneira motivante durante a execução de todo processo. Como resultado a aluna apresentou um aumento na amplitude de seus movimentos, enriquecimento do repertório gestual, desenvolvimento da coordenação motora e equilíbrio, e melhoria no aspecto social, emocional e interpretativo. Concluímos que este trabalho superou as expectativas em relação aos nossos objetivos iniciais, e constatamos a necessidade de se desenvolver atividades que envolvam ritmo e música, como a dança, na reabilitação de pessoas portadoras de epilepsia. Desta forma, pode-se trabalhar de

maneira mais específica as necessidades destes alunos, respeitando suas limitações físicas e intelectuais, e oferecendo-os estratégias para superarem estas barreiras pelo movimento em busca da felicidade.

Programa de Dança para Portadores de Deficiência Mental Leve

Sabrina Aline Giacon, Marli Nabeiro
LAPEF - Depto Educação Física - FC - UNESP
Bauru - SP - Brasil
E-mail: mnabeiro@fc.unesp.br

Através da linguagem corporal da dança permite-se utilizar o corpo para significar sentimentos, não só desenvolver a técnica e a boa performance. Buscam-se os gestos corporais para que hajam, na vivência da dança, os valores presentes. Segundo Laban (1978), a dança usa o movimento como linguagem poética onde os sentimentos, sensações e estados de espírito são desvelados pelas ações corporais. É com este entendimento que desenvolvemos um programa de aulas de dança, no Lar Escola Rafael Maurício, instituição que funciona como internato e escola para pessoas com deficiência mental, localizado na cidade de Bauru. O objetivo deste relato foi analisar os aspectos positivos e negativos deste programa. A metodologia utilizada foi à análise qualitativa, com a observação sistemática dos registros feitos nas aulas. O programa foi desenvolvido em 17 aulas de dança, para 11 alunos, de ambos os sexos, portadores de deficiência mental leve com idade entre 12 a 20 anos. Durante as aulas, foi claro observar uma melhora significativa nos alunos porque os aspectos positivos se sobressaíram dos negativos. O fator motivação estava sempre presente, notamos que a vontade era grande do aluno em participar das aulas e, a cada atividade, notamos uma expectativa para uma próxima aula. Por causa destes aspectos, o professor também se sentia motivado, buscando um maior contato com os alunos. A estrutura da escola favoreceu a aplicação da proposta, colaborando para que as aulas fossem realizadas. No desenvolvimento motor os alunos obtiveram melhorias na coordenação, flexibilidade, lateralidade, na consciência e expressão corporal. Outro fator positivo foi em relação às apresentações em público no decorrer do programa, as quais, para os alunos, foram de total importância devido à melhora da auto-estima. As aulas propiciaram algumas discussões sobre temas como higiene e drogas, superando a constatada falta de informação dos alunos, e melhorando a conscientização. Os fatores negativos pela falta de estímulos e oportunidades anteriores (como por exemplo, pouca musicalidade e consciência corporal), e que apareceram no início do programa, foram superados no decorrer das aulas. Podemos concluir que a proposta do programa de dança foi de suma importância para os alunos, auxiliando sobremaneira no desenvolvimento global dos mesmos.

Dança Expressão Down-Up

Fabiane Pereira Povoá,
Rosilene Moraes Diehl
Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), Centro de
Estudos da Atividade Motora Adaptada (CEAMA) -
Canoas - RS - Brasil
E-mail: fabianepovoá@bol.com.br

A atividade física adaptada proporciona ao portador de síndrome de Down o desenvolvimento da sua consciência corporal, proporcionando a troca de experiências através do contato com outras pessoas. O Centro de Estudos da Atividade Motora Adaptada (CEAMA) desenvolve o programa de dança para jovens com síndrome de Down. O objetivo desse trabalho é descrever e analisar o uso da cinesfera de 17 alunos do grupo Expressão Down-Up, de 16 a 30 anos de idade, que freqüentam as aulas de dança duas vezes por semana. Esse estudo é baseado em observações participantes que são descritas em memoriais realizados a cada aula. A metodologia adotada é constituída de três tempos distintos: atividades iniciais, quando são feitos exercícios, coletivos ou individuais, preparando o corpo para as atividades seguintes; atividades elementares, movimentos em que são realizadas as tarefas de uso das diferentes qualidades de movimento (tempo, espaço, direção e fluência) e de exploração da cinesfera (mono, di e tri dimensões). Além de trabalhar as seqüências coreográficas, estimulando o potencial criativo e imaginativo dos participantes; na atividade final, na fase volta à calma, são executados exercícios que visam proporcionar relaxamento. Os alunos exploram todas as direções espaciais da cinesfera, quando o professor é o modelo de referência. Nas atividades livres possuem dificuldade em realizar figuras na periferia do corpo (movimentos dimensionais) e também nos movimentos diagonais. Quando em combinações coreográficas apresentam dificuldades em percorrer as direções globais da cinesfera (lugar de origem); se o aluno perde uma aula, ele esquece facilmente a movimentação das direções espaciais, tendo que retomar várias vezes os mesmos movimento; os alunos possuem dificuldades nos movimentos diagonais por serem esses desestabilizantes. Os movimentos monodimensionais são os mais explorados pelo grupo, embora quando estimulados visualmente consigam repetir satisfatoriamente todos os movimentos possíveis da cinesfera.

Semana Nacional do Excepcional: Relato de Experiência sobre a Aceitabilidade da Capoeira por Alunos da APAE de Nova Iguaçu-RJ

Marcia Abreu¹, Daiana Rocha da Silva¹,
Leonardo Mataruna^{1,2}
UNIABEU - CAMPUS7- Grupo de Pesquisa em Educação Física Hospitalar¹, Belford Roxo - RJ, UNICAMP-FEF² -
Campinas - SP - Brasil

E-mail: mataruna@ufrj.br

Este evento ocorreu no período de 20 à 28 agosto do corrente ano, no município de Nova Iguaçu (RJ), envolvendo pessoas portadoras de necessidades especiais (PPNE). Entre elas, autistas, deficientes físicos e mentais, com faixa etária dos 8-46 anos (n=30). Foi realizado um treinamento prévio da equipe organizadora, coordenado pela APAE de Nova Iguaçu que teve apoio das prefeituras das cidades de Nova Iguaçu e Belford Roxo. Ainda, contou com a participação de discentes da graduação em educação física da UNIABEU. Importante ressaltar que a equipe que desenvolveu as atividades físicas, não teve nenhum contato anterior com os alunos participantes do evento. O objetivo do trabalho foi a criação de atividades capazes de envolver os participantes através da expressão do movimento, cultura e educação. Foram realizadas: visita ao Museu-Navio da Marinha, sessões de cinema, gincana, estafetas, jantar de gala, maratona, apresentação de capoeira, entre outras. Esta última, teve maior destaque pois todos os alunos se envolveram com a mesma. Apesar de momentos prazerosos, na concepção dos envolvidos com o planejamento, as demais atividades não congregaram a mesma efetividade que a capoeira. Observou-se que este resultado está inserido na proposta de interação dos elementos música e movimento, diante do trabalho de capacidades coordenativas, em destaque a ritmicidade. A dinâmica utilizada com a capoeira permitiu através do simbolismo da roda e suas cantigas uma integração maior dos participantes e, ao mesmo tempo, permitiu a expressão singular do gesto motor construído no jogo desta arte-luta. Utilizou-se a metodologia construtivista para todas práticas físicas. Conclui-se que os exercícios motores orientados para a população especial, quando aplicados com ritmo, proporcionando uma participação mútua do grupo, tornam-se mais atraentes. Deve-se destacar neste sentido, a importância de cada participante na construção do movimento corporal e cultural. Outra conclusão foi que, a partir da participação dos PPNE que desejavam mostrar suas capacidades e potencialidades, a teoria de que “tudo é possível” acontece desde que haja a oportunidade. Recomenda-se que estudos sejam desenvolvidos aprofundando a hipótese de que a ritmicidade facilita a interação entre os participantes PPNE e as atividades propostas. Portanto, a utilização da capoeira deve ser adotada como um recurso de ensino.

Circuito Aventura: O Esporte de Aventura ao Alcance de Todos

Ivan Teixeira Cardoso¹, Fernanda Hipólito Haddad²,
Murilo Caccioli de Oliveira², Márcia Cristina
Aparecida de Oliveira², Flávio Gomes Fraga¹,
Caio Ferraz Cruz^{2,3}

¹ Prefeitura de Santo André

² Adapta Atividade Física Orientada

³ UniABC

Santo André - São Paulo – Brasil

E-mail: itcardoso@hotmail.com

A Prefeitura de Santo André (PSA) em parceria com o Pólo Petroquímico do Grande ABC e com o apoio da Universidade do Grande ABC (UniABC) e da Associação pela Cidadania do Deficiente (ACIDE), realiza anualmente o Circuito Aventura, um evento de lazer destinado à população em geral, que tem como objetivo incentivar a participação da pessoa com deficiência em atividades desafiadoras que proporcionem prazer, interação social, auto-superação e valorização da auto-estima, promovendo uma reflexão por parte da sociedade de que as desvantagens podem ser superadas com conhecimento, criatividade e força de vontade. O local utilizado é o Parque Regional da Criança, uma área arborizada de aproximadamente 60.000m², localizada na cidade de Santo André, SP. Neste evento, são montados por uma equipe especializada os seguintes aparelhos: rapel, tirolesa, falsa baiana, parede de escalada, cama elástica, ponte de cordas e teia de aranha, além de atividades complementares, tais como: danças, artes plásticas e aulas abertas de ginástica. Os aparelhos possuem equipamentos de segurança, equipes de apoio e variados níveis de dificuldade. Os usuários são orientados e o acesso aos aparelhos é facilitado por uma equipe de profissionais de educação física e voluntários. Com a realização regular do Circuito Aventura e de outros eventos promovidos por esta parceria, espera-se que a comunidade passe a reconhecer a pessoa com deficiência como um cidadão participante e atuante na sociedade, além de possuir potencialidades a serem desenvolvidas. Percebe-se que a cada ano aumenta o número de pessoas com deficiência participando no evento. Foram realizadas três edições do Circuito Aventura e utilizou-se os dados do último evento para a elaboração desta pesquisa. O quarto Circuito Aventura será realizado dia 20 de setembro de 2003.

Acampamento Diversidade: O lazer Visto como uma Possibilidade de Desenvolvimento da Independência e Autonomia

Vinicius Savioli*, Vagner Martins dos Santos Jr.*,
Verena Junghähnel Pedrinelli**

Associação de Pais e Amigos de Pessoas Portadoras de
Deficiência dos Funcionários do Banco do Brasil
(APABB)* - Universidade São Judas Tadeu**

São Paulo - SP - Brasil

E-mail: esportelazer@apabb.com.br;

vpedrinelli@uol.com.br

O Acampamento Diversidade, entendido como uma forma de lazer, constitui um espaço de relações humanas intensas entre pessoas com características diversificadas no que diz respeito à idade, condições sócio-econômicas e deficiências

com graus variados de comprometimentos. Realizado em julho de 2003, com 68 participantes, o Acampamento Diversidade (financiado pela Fundação Banco do Brasil e APABB) integrou pessoas com diferentes deficiências por meio de atividades lúdicas de lazer. Durante os sete dias, houveram momentos de diversão, alegria, descanso com o objetivo de desenvolver a autonomia e a independência. Visto sob essa perspectiva, o lazer, enquanto tempo liberado das obrigações sociais, pode se constituir num espaço de emergência de valores e concepções, permitindo a sobrevivência dos valores humanos. No lazer, deve ser almejado um equilíbrio entre sua função (tempo de diversão, mas também de desenvolvimento), e sua forma (extrapolando do conformista ao criativo). A programação recreativa educacional utilizou atividades de turismo ecológico e esportes radicais. Estas atividades contêm elementos com qualidades inerentes ao ser humano voltadas para o lado introspectivo das emoções, das sensações, das satisfações pessoais, e que provocam um estado de êxtase, fortalecendo os laços das relações com o espaço e ambiente em que os sujeitos estão situados. Através da adoção de procedimentos embasados no modelo de empoderamento foram definidas ações que permitiram aos participantes 1. vivenciar desafios e, ao superá-los, perceber a importância emocional destes acontecimentos, 2. realizar passeios que promovessem aprendizagem cognitiva, 3. demonstrar vontade em fazer e decidir o que fazer quando algo difícil se impusesse. Os registros de relatos dos participantes foram submetidos a uma análise de indução analítica (Gil, 1999), a qual permitiu identificar importantes conquistas (a) na eficiência motora e independência funcional, (b) em valores emocionais e cognitivos frente à realização de atividades, (c) na auto-confiança, (d) no auto-conceito, (e) no controle sobre a própria vida, e (f) na aceitação social. Sem dúvida, os participantes com deficiência, familiares e profissionais envolvidos nas ações lúdicas programadas e organizadas pelo Acampamento Diversidade beneficiaram-se com os momentos e transformações, consolidando ideais voltados para um estilo de vida ativo e saudável, envolvendo autonomia e independência.

O Clube do Otimismo no atual Cenário Nacional

Flávia Figueiredo Torres, Nínive Rainho Mendonça
dos Santos, Taís Aline Siebra Padotzke,
Tania Werner
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro - RJ - Brasil
E-mail: fig.torres@ig.com.br

O Clube do Otimismo (CO) que, no Brasil, foi pioneiro no desporto para pessoas com necessidades educativas especiais (PNEE), foi nosso objeto de estudo. Teve grande importância não só na implantação do desporto para PNEE,

mas também, e principalmente, para a auto-estima desses. O esporte para portadores de deficiência nasceu no Brasil em 1958 quando o paraplégico Robson de Almeida Sampaio retornou dos Estados Unidos, onde estivera em tratamento, e fundou, na cidade do Rio de Janeiro, o Clube do Otimismo. Desde então, vem sendo desenvolvido um trabalho para proporcionar aos seus associados pleno direito a cidadania e uma melhoria na qualidade de vida. O CO sempre conviveu com várias dificuldades. Como consequência do agravamento da atual crise financeira houve a paralisação de algumas oficinas e a diminuição no número de atendimentos e serviços oferecidos. Os objetivos do nosso trabalho foram: confirmar as contribuições pioneiras do CO para a população com necessidades especiais e analisar a sua atual importância para este público-alvo, bem como verificar as atuais dificuldades encontradas pelo CO. Para a realização e o desenvolvimento do mesmo foram feitas visitas às dependências do clube, bem como, colhidas informações junto aos profissionais que trabalham na instituição voluntariamente, associados praticantes de desportos (freqüentadores ou residentes), e ainda, entrevista com o presidente do CO, Aldo Miccolis também “vice-presidente administrativo e Cônsul Paraolímpico do Brasil.” O Brasil é detentor de várias medalhas nos Jogos Paraolímpicos. Em 2004 teremos a realização de mais uma Paraolimpíada e, em 2007, acontecerão os “Jogos Paraolímpicos das Américas” no Rio de Janeiro. Vários esforços estão sendo feitos para uma boa participação dos nossos atletas. Tendo em vista a importância do clube citado acima para o seu público-alvo que atualmente é composto por 15 atletas residentes na instituição. Apenas 5 são atletas que participam de competição nas modalidades natação e maratona e, a partir das respostas do informante da pesquisa, Aldo Miccolis, pudemos inserir que a contribuição do CO para a população PNEE foi: a importância dos aspectos históricos, pois foi a primeira instituição de desporto adaptado e há 40 anos promove e incentiva o esporte Paraolímpico; o esporte como fator de inclusão social; e, além disso, o fato de proporcionar pleno direito à cidadania e uma melhoria na qualidade de vida dos atletas residentes em sua sede.

O Uso de um Sistema “Âncora” em Atividades Físicas Adaptadas para Facilitar o Controle Postural de Indivíduos com Deficiência Mental

Eliane Mauerberg-deCastro, Tatiane Calve,
Fernanda Fernandez
UNESP, Rio Claro, São Paulo
E-mail: mauerber@rc.unesp.br

O contato com o mundo exterior depende de um controle postural coordenado com a ação exploratória. O papel de sistemas como o visual, vestibular e somatossensório, por exemplo, são amplamente conhecidos no controle postural.

Outros sistemas como o háptico são menos enfatizados nas funções posturais. Como o contato com o mundo exterior pode não se dar necessariamente através de elementos biológicos, a percepção háptica torna-se fundamental na exploração. A percepção háptica refere-se a uma coordenação entre esforços táteis cinestésicos, tanto sob controle visual como não-visual, e que caracteriza essencialmente a exploração. Assim, a forma como o indivíduo explora o ambiente através da percepção háptica, sugere uma espécie de ancoragem entre organismo e ambiente onde o mecanismo exploratório é restrito pelo objetivo da tarefa. O objetivo do presente relato de experiência é, através do uso de um sistema de âncoras, ilustrar o papel da exploração háptica em várias atividades de controle postural dentro de um programa de atividade física adaptada na UNESP de Rio Claro. A utilização do sistema âncora consiste em segurar com as mãos dois cabos flexíveis com cargas nas extremidades, as quais ficam mantidas em contato com o solo durante tarefas de equilíbrio e de exploração de superfícies. O sistema âncora foi incorporado em atividades de equilíbrio estático e dinâmico durante um programa de atividade física adaptada. As atividades consistiram em deslocamentos sobre superfícies estreitas e instáveis, transposição de obstáculos, passagens por diferentes aberturas, e controle de outros objetos (e.g., bolas, sacos de areia). O sistema âncora foi ora ajustado aos movimentos como auxiliar do equilíbrio e do controle postural, ora foi incorporado como um anexo do corpo criando restrições com diferentes graus de dificuldade. Todos os participantes reduziram a oscilação corporal nas tarefas de equilíbrio, especialmente estático. Com o uso do sistema âncora, os participantes realizaram sozinhos tarefas que antes eram realizadas com a ajuda de auxiliares. Além disso, o sistema âncora impôs desafios aos participantes em torno da percepção das dimensões corporais e espaciais, desafios que foram resolvidos com criatividade e, em geral, sucesso. O sistema âncora parece ser uma ferramenta e um método de treinamento do equilíbrio corporal através de estratégias exploratórias.

“Pondo as Patas” na Educação Física Adaptada

Eliane Mauerberg-deCastro, Debra F. Campbell,
Suelen Polanczyk, Fernanda Fernandez
UNESP, Rio Claro, São Paulo
E-mail:mauerber@rc.unesp.br

A terapia com animais de estimação é uma alternativa metodológica onde o prestador de serviços não é um ser humano, e o recipiente da intervenção é qualquer pessoa com necessidades especiais. Boris Levinson, um psiquiatra americano cunhou o termo “pet therapy” em 1964 a partir da introdução de seu cachorro nas sessões terapêuticas com crianças com distúrbios psiquiátricos. Animais de estimação que são treinados na chamada “Pet” terapia geralmente são gatos e cachorros. O argumento central sobre a vantagem

de tal estratégia é o fato de que a interação física, emocional, social e cognitiva manifestada pelo animal é destituída dos apegos típicos de nós seres humanos. “Pet” terapia é uma atividade que encoraja sentimentos profundos de amizade e confiança desprezenciosa, sem cobranças, culpa ou mesmo expectativas de ambas as partes. O objetivo deste estudo é relatar a dinâmica de contato inicial entre duas fêmeas caninas (uma Akita e uma SRD predominante Pastor Belga) e um grupo de deficientes mentais participantes de um programa de atividade física adaptada. As fêmeas, que têm treinamento básico em obediência e temperamento dócil, vêm sendo inseridas ocasionalmente em sessões específicas de um programa de atividade física adaptada na UNESP de Rio Claro. A inserção das mesmas faz parte de uma proposta de organização da “pet” terapia em ambiente de educação física adaptada. Quando o grupo com deficiência mental moderada e leve foi apresentado aos cachorros e vice-versa, o contato foi de animação e curiosidade extrema de ambas as partes. Após a adaptação inicial, as cachorras foram inseridas nas atividades físicas e, nesta fase, os participantes tiveram total responsabilidade na condução dos cachorros. Os cachorros participaram junto com o grupo nas atividades de corrida, jogos em formação (fileiras e círculos), e atividades de equilíbrio estático e dinâmico. Os cachorros permitiram o contato físico incondicional, inclusive servindo de apoio (com as mãos no dorso do animal) àqueles participantes com maiores problemas de equilíbrio. Os participantes que declararam ter “medo de cachorro” participaram e tocaram os animais da mesma forma que os pares que não tinham medo. Não houve nenhum procedimento especial de dessensibilização por conta de relatos de “medo de cachorro.” Os cachorros demonstraram interesse em serem inseridos em todas as atividades, embora sempre com o uso da guia. A “pet” terapia parece ser uma alternativa para incrementar a motivação do grupo com as atividades, e é uma forma de inclusão (por parte dos participantes com deficiência) de outro indivíduo (o cachorro) com necessidades especiais (dada as características da espécie canina).

Relação entre o Grau de Desconforto Respiratório e a Medida de Pico de Fluxo Expiratório

Sylvia Lúcia de Freitas*, Andréia Lopes Stecher*,
Fabiane Villa**, Luzimar Teixeira***
EEFEUSP* - CEPEUSP** - INSPIRA***
São Paulo - SP - Brasil
E-mail: adaptada@usp.br

Muitos pais não reconhecem em seus filhos possíveis alterações respiratórias que muitas vezes são subavaliadas por médicos, familiares, professores e pacientes. Objetivo: Avaliar se o desconforto respiratório (DR) relatado pela criança está relacionado à medida de pico de fluxo expiratório (PFE) obtido. A coleta de dados foi realizada durante uma

campanha de divulgação sobre controle e prevenção da asma e de alergias, em um parque de diversões, abrangendo 264 crianças de 7 a 12 anos, sendo 108 do sexo masculino. As crianças foram inquiridas sobre a sensação de DR (variando de nenhum a intenso), presença de doenças respiratórias e tratamento, medida da estatura e do PFE. Das 264 crianças, apenas 2 crianças relataram algum DR e ambas apresentaram PFE acima de 80% do valor predito. Dentre 99% das crianças que disseram não apresentar nenhum DR, 69% apresentaram PFE abaixo de 80% do valor predito esperado, sendo que 172 crianças estavam entre 50 e 80% e 8 crianças estavam com PFE abaixo de 50%. Com um total de 64 crianças que admitiam ter algum problema respiratório, apenas 21 crianças (33%) seguiam tratamento. As doenças mais relatadas foram: rinite (25 casos), asma (20 casos), alergias em geral (13 casos) e outras (6 casos). Conclusão: Os dados obtidos demonstram que, em relação aos problemas respiratórios, tanto as crianças como pais desconhecem a presença de doenças, mas apresentam valores baixos de PFE, demonstrando indícios de obstruções, e associam a presença de problemas respiratórios ao período de gripes e resfriados. Quanto às crianças que sabem possuir problemas respiratórios, poucas fazem tratamento e controle. Desta forma a sensação de DR relatada pela criança não pode ser utilizada pelos pais para avaliação da presença ou não de alterações respiratórias.

Importância das Atividades Físicas e Recreativas na Promoção da Qualidade de Vida para os Idosos Pertencentes ao Projeto AFRID

Luiz Humberto Rodrigues Souza, Luciana das Mercês Carvalho Lima, Geni de Araújo Costa, Sílvia Soares dos Santos
UFU - Uberlândia - MG - Brasil
E-mail: luizhrsouza21@yahoo.com.br

Este trabalho consiste num relato de experiência desenvolvido com idosos uberlandenses, na faixa etária superior a 50 anos, pertencentes ao projeto Vida Ativa AFRID (Atividades Físicas e Recreativas para a Terceira Idade) na Faculdade de Educação Física/Universidade Federal de Uberlândia (FAEFI/UFU). As atividades são realizadas três vezes por semana com duração de uma hora, e têm a finalidade de melhorar a qualidade de vida e o bem estar físico e mental dos participantes, além de promover integração e socialização entre o grupo. Neste sentido, trabalha-se capacidades físicas como força, equilíbrio, flexibilidade, resistência e coordenação motora, além de dinâmicas recreativas que proporcionam momentos de descontração e interação das pessoas. Durante os quinze minutos iniciais, realiza-se atividade de aquecimento fora da água, com a finalidade de aumentar a temperatura do corpo adaptando-o a um esforço maior. Estes exercícios têm a influência da ação da gravidade melhorando os aspectos

ósteo-musculares. Em seguida, é iniciada a parte essencial que corresponde a quarenta minutos de aula, e se desenvolve o objetivo principal: aplicar exercícios de força e resistência muscular, amplitude articular, equilíbrio e coordenação motora. Nos cinco minutos finais, acontece o relaxamento e/ou alongamento para restabelecer a homeostase após o esforço, e aliviar possíveis tensões musculares. Através de testes e observações, constatou-se que os alunos apresentaram uma melhora significativa baseando nos objetivos listados, pois conseguem coordenar movimentos sem perder o equilíbrio, e diminuíram o número de quedas devido ao fortalecimento muscular. Quanto ao aspecto social, uma variável importante, verificou-se expressivo progresso, pois os idosos são herméticos para relacionamento com pessoas diferentes. Assim, a atividade física tem assumido grande importância para os idosos no sentido de promover saúde e qualidade de vida, porque os torna mais dispostos, independentes e reintegrados, além de permitir que compartilhem momentos com pessoas da própria geração, facilitando a emergência de significados comuns e singulares.

Treinamento de Força na Terceira Idade: Um Relato de Experiência

Simone dos Santos Lula, João Danilo B. Oliveira, Sandra Regina Rosa Farias, Admilson Santos
Universidade Aberta à Terceira Idade - Núcleo de Educação Física e Esporte Adaptado - UEFS
Bahia - BA - Brasil
E-mail: jdanilobo@yahoo.com.br

Através desse trabalho venho pensar/refletir acerca das impressões levantadas no cotidiano da oficina de treinamento de força para terceira idade, onde exerço a função de bolsista de extensão no programa da Universidade Aberta a Terceira Idade – UATI. O objetivo dessa oficina é, através do trabalho de força, endurance e alongamento, permitir aos idosos uma melhora no seu bem estar físico-social, contribuindo na realização de suas atividades de vida diária. Este trabalho está dividido em três etapas: no primeiro momento existe o contato inicial que permite avaliar através do diálogo, seu bem estar físico e emocional. Em seguida, são explicitadas as atividades que serão realizadas; no segundo momento, são realizados exercícios de alongamento, endurance e treinamento de força planejados sempre para permitir a integração do grupo; na última etapa é feita uma análise/reflexão das experiências vivenciadas. As aulas acontecem duas vezes por semana com duração de uma hora e meia. A partir da análise feita sobre o grupo, nesta terceira parte da aula levantamos algumas impressões que emergem dos depoimentos dos idosos que têm levantado a relevância do trabalho desenvolvido. Constatou-se até o momento, através desta análise subjetiva, melhoras na disposição dos alunos para a realização de suas atividades de vida prática (caminhar,

realizar atividades domésticas e outras), melhoras no estado emocional e habilidades motoras. Este relato, abre espaço para discutirmos a relevância deste trabalho desenvolvido na Universidade Estadual de Feira de Santana, o qual vem possibilitar aos idosos participarem de atividades de vivência corporal. Estas vivências também vêm atender a uma necessidade social, ampliar as discussões e estudos da educação física acerca da práticas de atividades motoras, físicas e esportivas para esta população.

Programa

Apresentação Oral

Cada trabalho terá 10 minutos para apresentação e cinco minutos para discussão. Somente retroprojetores estarão disponíveis para apresentação de trabalhos

Dia 26/10 (domingo)

Sala 1

8:15-8:30h

Perfil antropométrico de atletas do atletismo portadores de deficiência física

Leandro Silva Nunes Garcia, Humberto de Carvalho

FAEFI-UFU – Uberlândia - MG – Brasil

E-mail: leandrogarcia@edf.ufu.br

Código do trabalho: 96TLo

8:30-8:45h

Adaptação do teste de *shuttle run* para pessoas com deficiência visual (DV)

Cristiane Silva Amorim, José Cláudio Alves de Melo, Maria Teresa da Silva, Marcio Silva Mesquita, Rosineide Soares Rogério

Unicastelo – São Paulo - SP – Brasil

E-mail: mariateresasil@uol.com.br

Código do trabalho: 53TLo

8:45-9:00h

Adaptação de teste de agilidade para pessoas com deficiência Mental (DM)

Cristiane Silva Amorim, Maria Teresa da Silva, Marcio Silva Mesquita, Rosineide Soares Rogério

Unicastelo – São Paulo - SP – Brasil

E-mail: mariateresasil@uol.com.br

Código do trabalho: 54TLo

9:00-9:15h

Relação existente entre o teste de caminhada de 6 minutos e atividade física de hidroginástica para terceira idade

Patrícia Vieira do Nascimento, Erica Gomes Silva, Luciana das Mercês Carvalho Lima, Geni Araújo Costa, Silvio Soares dos Santos

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia – MG - Brasil

E-mail: patteduca2@yahoo.com.br

Código do trabalho: 109TLo

9:15-9:30h

Natação e a pessoa portadora de deficiência: Motivação e aprendizagem

Milton Vieira do Prado Junior, Mellina Maria Do Lago Manso, Giseli Fregolente, Érica Roberta Joaquim, Jéssica Osmondes

Travassos, Luanda Contin, Joice Mayumi Nozaki, Fernando Eiji Ono

UNESP - Bauru- SP – Brasil

E-mail: miltonjr@fc.unesp.br

Código do trabalho: 55REo

9:30-9:45h

A Natação para jovens com deficiência mental

Carolina Ohlweiler Lessa, Ursula Flach da Rocha, Rosilene Moraes Dihl, Doralice Orrigo Cunha Pol

ULBRA Canoas Gravataí, RS , Brasil

E-mail: niynalessa@bol.com.br

Código do trabalho: 59REo

9:45-10:00h

Programa de intervenção motora: Influência no desenvolvimento de bebês típicos e com atraso

Carla Skilham de Almeida, Nádia Valentini, Caroline X. Guerreiro de Lemos

UFGRS – Porto Alegre–RS–Brasil

E-mail:carolonline@terra.com.br

Código do trabalho: 13TLo

10:00-10:15h

Goalball: Possibilidades de percepções da diversidade numa esfera inclusiva

Graciele Massoli Rodrigues, Caroline Maltoni, Paula Paulini

ESEFJ – Jundiaí – SP - Brasil

E-mail: masgra@terra.com.br

Código do trabalho: 33TLo

Sala 2

8:15-8:30h

Acampamento Diversidade: o lazer visto como uma possibilidade de desenvolvimento da independência e autonomia

Vinicius Savioli*, Vagner Martins dos Santos Jr.*, Verena Junghähnel Pedrinelli**

Associação de Pais e Amigos de Pessoas Portadoras de Deficiência dos Funcionários do Banco do Brasil (APABB)* –

Universidade São Judas Tadeu** - São Paulo – Brasil

E-mail: esportelazer@apabb.com.br; vpedrinelli@uol.com.br

Código do trabalho: 72REo

8:30-8:45h

Rapel e Síndrome de Down

Aline Miranda Strapasson, Ludmila Jayme Borges, Alekssandro Haman Fogagnoli

Faculdade Educacional do Sudoeste do Paraná – FADEP

E-mail: alinestrapasson@bol.com.br

Código do trabalho: 81TLo

8:45-9:00h

Perseveração motora de crianças pequenas com deficiência mental em tarefas de alcançar objetos. Um estudo preliminar do “Erro A não B” de Piaget

Eliane Mauerberg-deCastro, Marcia Cozzani, Marina de Carvalho Cavicchia, Suelen Polanczyk

UNESP, Rio Claro, São Paulo

E-mail:mauerber@rc.unesp.br

Código do trabalho: 26TLo

9:00-9:15h

O uso de um sistema “âncora” em atividades físicas adaptadas para facilitar o controle postural de indivíduos com deficiência mental

Eliane Mauerberg-deCastro, Calve, T.; Fernandez, F.

UNESP, Rio Claro, São Paulo

E-mail:mauerber@rc.unesp.br

Código do trabalho: 27REo

9:15-9:30h

“Pondo as patas” na educação física adaptada

Eliane Mauerberg-deCastro, Debra F. Campbell; Suelen Polanczyk; Fernanda Fernandez

UNESP, Rio Claro, São Paulo

E-mail:mauerber@rc.unesp.br

Código do trabalho: 28Reo

9:30-9:45h

Reflexões sobre imagem corporal e experiências corporais: Um estudo preliminar

Cláudia Vaz Pupo de Mello, Maria da Consolação G. Cunha F. Tavares UNICAMP – São Paulo – Brasil

E-mail: Zoclaudia@hotmail.com
Código do trabalho: 88TLo

9:45-10:00h
Dança, deficiência e qualidade de vida: Um estudo de caso
Rubiane Burim, Mey de Abreu van Munster
UNICASTELO – Descalvado/SP – Brasil
E-mail: munster@terra.com.br
Código do trabalho: 127TLo

Sala 3

8:15-8:30h
Interferência da prática de atividade física no estado de ânimo de pessoas da terceira idade
Marcelo Jamil Humsi, Adriana Inês de Paula, Valter Luiz da Silva Felix
UNIRP - São José do Rio Preto – São Paulo
E-mail: depaula@rc.unesp.br
Código do trabalho: 120TLo

8:30-8:45h
Depressão em idosos institucionalizados
Marcela Parreira Tannús, Geni Araújo Costa, Stela Ramos de Moura, Mônica Cristiana Barbosa
UFU – Uberlândia - MG – Brasil
E-mail: marcelatannus@bol.com.br
Código do trabalho: 105TLo

8:45-9:00h
Os benefícios do treinamento de força nas AVDs e na qualidade de vida de idosos praticantes de atividade física do projeto AFRID
Luciana Mendonça Arantes, Geni Araújo Costa, Janaine Ramos, Lucélia Justino Borges
FAEFI – UFU – Uberlândia – MG – Brasil
E-mail: luluarantes@yahoo.com
Código do trabalho: 100TLo

9:00-9:15h
Qualidade de vida e bem-estar subjetivo percebido pelos idosos praticantes de hidroginástica por mais de sete anos
Eliane Rosa dos Santos, Érica Gomes Silva, Geni Araújo Costa
UFU – Uberlândia – MG – Brasil
E-mail: lilikapink@yahoo.com.br
Código do trabalho: 91TLo

9:15-9:30h
Influência de um programa de dança e hidroginástica na composição corporal de idosas
Francini Vilela Novais, Geni Araújo Costa, Lucélia Justino Borges, Joice Luiza Appelt
FAEFI – UFU – Uberlândia – MG – Brasil
E-mail: frannovais@yahoo.com.br
Código do trabalho: 92TLo

9:30-9:45h
Um programa com exercícios resistidos para pessoas com esclerose múltipla
Otávio Luis P. C. Furtado, Maria da Consolação G. C. F. Tavares UNICAMP - São Paulo – Brasil
E-mail: otaviofurtado@hotmail.com
Código do trabalho: 60REo

9:45-10:00h
O conhecimento de tecnologia “assistiva” pelo professor de educação física adaptada
Alda Sônia Peres Brasileiro, Maria da Consolação G. Cunha F. Tavares

UNICAMP – Campinas – SP – Brasil

E-mail: alda.s@uol.com.br

Código do trabalho: 77TLo

10:00-10:15h

Atividade motora para hemiplégicos adultos num programa de extensão universitária no estado do Amazonas

Minerva Leopoldina de Castro Amorim, Margareth de Vasconcelos Monteiro e Lima, Kathya Augusta Thomé Lopes, Ronaldo Yassaki, Déborah Mendonça, Viviane Dilma Figueiredo Perreira, Graziela Dutra Caleffi, Kim Haoni, Rosângela Santos, Talita Miranda, Ana Paula Santana, Eva Vilma, Leonardo Chaves, Érika Ferreira

Universidade Federal do Amazonas – Manaus – Brasil

E-mail: mimicastro@ig.com.br

Código do trabalho: 35REo

Dia 27/10 (segunda-feira)

Sala 1

8:15-8:30h

O profissional de educação física e a educação inclusiva nas escolas estaduais da cidade de Bauru

Ubiratan Franco de Godoy, Chimenia X. C. da Silva, Lívia M. C. Rolim, Sabrina A. Giacon, Shirley R. Perissinoto, Marli Nabeiro
LAPEF/Departamento de Educação Física UNESP – Bauru – SP – Brasil

E-mail: ubiratangodoy@ig.com.br

Código do trabalho: 69TLo

8:30-8:45h

Políticas educacionais inclusivas para criança deficiente: Concepções e veiculações no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte 1978-1999

Cristina Borges de Oliveira

E-mail: cristinborges@bol.com.br

Código do trabalho: 89TLo

8:45-9:00h

CIAD: Uma vivência interdisciplinar de extensão universitária como meio de inclusão

Renata Costa de Toledo Russo

PUC – Campinas – SP – Brasil

E-mail: ciad@puc-campinas.edu.br

Código do trabalho: 110REo

9:00-9:15h

Auto-avaliação dos aspectos físicos, psicossociais e cognitivos dos alunos com deficiência física do Núcleo de Apoio à Natação Adaptada de Santo André

Elaine Aparecida Vieira Baltazar Silva, Tânia Clarice Silva de Souza, Caio Ferraz Cruz

UniABC - Santo André - São Paulo - Brasil

E-mail: elainebaltazar222@hotmail.com

Código do trabalho: 11REo

9:15-9:30h

A interdisciplinaridade nas instituições especializadas de Taubaté, Tremembé e Pindamonhangaba - SP: Uma questão também da educação física

Cíntia Campos Pierotti, José Luiz Rodrigues

UNICAMP - São Paulo - Brasil

E-mail: cipierotti@universiabrasil.net

Código do trabalho: 14TLo

9:30-9:45:00h

(Re)construindo a história das pessoas com deficiência na educação física: Um estudo a partir dos alunos (as) do Núcleo de Educação Física e Esporte Adaptado (NEFEA)

João Danilo B. de Oliveira, Admilson Santos(AD)

Núcleo de Educação Física e Esporte Adaptado (NEFEA) - UEFS – Bahia – Brasil
E-mail: jdanilobo@yahoo.com.br
Código do trabalho: 44TLo

9:45-10:00h

A disciplina de psicologia no curso de licenciatura em educação física: Uma proposta de formação na área da inclusão
Renata Maria Coimbra Libório
Departamento de Educação - FCT - UNESP - Campus de Presidente Prudente - SP
E-mail: coimbralibor@uol.com.br
Código do trabalho: 48Reo

10:00-10:15h

Perspectivas de atuação profissional: Um estudo de caso das Olimpíadas Especiais
Maria Teresa K. Leitão, José Júlio Gavião de Almeida
ESEF/UNICAMP – Jundiá - SP – Brasil
E-mail: teleitao@terra.com.br
Código do trabalho: 51TLo

Sala 2

8:15-8:30h

Interpretação em língua brasileira de sinais (LIBRAS) no curso de educação física: O olhar do intérprete e do acadêmico surdo
Paula Streb Nogueira, Fabrício Mähler Ramos
Universidade Luterana do Brasil - ULBRA – RS – Brasil
E-mail: paula.sn@ig.com.br
Código do trabalho: 125TLo

8:30-8:45h

O professor de educação física: Opinião das pessoas com deficiência
Sonia Maria Toyoshima Lima, Josiane Fujisawa Filus, Edison Duarte, Ane Beatriz Dalquano, Raphael Lourenço Lang Dias, Karenn Patrícia Nakada
UEM – UNICAMP – Paraná – Brasil
E-mail: toyolima@wnet.com.br
Código do trabalho: 65TLo

8:45-9:00h

As crenças dos profissionais de saúde com relação a pacientes com lesão medular
Rosângela Santos da Silva, Kathya Augusta Thomé Lopes, Margareth de Vasconcelos Monteiro e Lima, Maria Carolina da Costa Monteiro Universidade Federal do Amazonas – Manaus – Brasil
E-mail: rosafef@hotmail.com
Código do trabalho: 34REo

9:00-9:15h

Considerações da pessoa com deficiência sobre a atividade física
Ane Beatriz Dalquano, Raphael Lourenço Lang Dias, Karenn Patrícia Nakada, Sonia Maria Toyoshima Lima, Josiane Fujisawa Filus, Edison Duarte
UEM – Maringá – PR - UNICAMP – Campinas – SP – Brasil
E-mail: raphalang@ig.com.br
Código do trabalho: 66TLo

9:15-9:30h

Benefícios da atividade física com o portador de autismo: Relato de experiência dos alunos
Maxmiliano Gonzaga, Talyta Marielle Sanches Leão, Leandro Garcia Silva Nunes, Aberto Martins da Costa, Sergio Pepato
UFU – Uberlândia – MG – Brasil
E-mail: Talytaleao@yahoo.com.br
Código do trabalho: 108REo

9:30-9:45h

Associação entre a prática de atividades motora e o comportamento social de um autista
Cristiani de França*, Angela T. Zuchetto, John Peter Nasser
UFSC – Florianópolis – SC - Brasil
*Pibic/CNPq - AMA/CDS/UFSC
E-mail:cristianidefranca@yahoo.com.br
Código do trabalho: 18TLo

9:45-10:00h

O comportamento motor de um autista durante três anos de atividade motora adaptada
Cristiani de França*, Amanda Cardoso Jacob, Angela T. Zuchetto
*PIBIC/CNPq – AMA/CDS/UFSC
E-mail:cristianidefranca@yahoo.com.br
Código do trabalho: 19TLo

10:00-10:15h

Atividades esportivas: Uma opção para melhorar o desempenho social de portadores da síndrome de autismo
Angela T. Zuchetto, Cristiani de França* e John Peter Nasser
*PIBIC/CNPq – AMA/ CDS/UFSC – Florianópolis – SC - Brasil
E-mail:zuchetto@cds.ufsc.br
Código do trabalho: 20TLo

Sala 3

8:15-8:30h

Ação educativa e cidadania como noções desenvolvidas em campeonatos de *goalball*
Wagner Xavier de Camargo
Faculdades Integradas de Amparo e Associação Brasileira de Desportos para Cegos - Campinas - São Paulo – Brasil
E-mail: coord_goalb@msn.com
Código do trabalho: 121REo

8:30-8:45h

Participações internacionais e rendimento desportivo: Um relato de experiência sobre o *goalball*
Wagner Xavier de Camargo
Faculdades Integradas de Amparo e Associação Brasileira de Desportos para Cegos - Campinas - São Paulo – Brasil
E-mail: coord_goalb@msn.com
Código do trabalho: 122TLo

8:45-9:00h

Body pump em deficientes visuais (DV)
Márcia Maria de Azeredo Coutinho, Paulo Henrique Azuaga Braga, Márcia Ragalci Galdino, Ana Cláudia Fernandez*
UGF - Faculdade Estácio de Sá* – Campo Grande – MS – Brasil
E-mail: mac.cou@terra.com.br
Código do trabalho: 106TLo

9:00-9:15h

Basquete sobre rodas: Uma experiência universitária no estado do Amazonas
Graziela Dutra Caleffi, Kathya Augusta Thomé Lopes, Margareth de Vasconcelos Monteiro e Lima
Universidade Federal do Amazonas – Manaus – Brasil
E-mail: graziela_caleffi@hotmail.com
Código do trabalho: 36REo

9:15-9:30h

Basquete sobre rodas: Expectativas para uma reflexão
Elaine Mara da Silva
UNICAMP – Campinas – São Paulo – Brasil
E-mail: elainemsilva@hotmail.com

Código do trabalho: 24REo

9:30-9:45h

Sistema de *biofeedback* para otimização de movimento de membros superiores de corredores com paralisia cerebral

Caio Ferraz Cruz, Antônio Augusto Fasolo Quevedo

Unicamp - Campinas - São Paulo - Brasil

E-mail: caiofcruz@ig.com.br

Código do trabalho: 12TLo

9:45-10:00h

A percepção de pessoas com lesão medular sobre as mudanças ocorridas em suas vidas por meio da estimulação elétrica neuromuscular

Renata Borges Manhães¹, Eliane Aparecida Campanha Araújo², Alberto Cliquet Júnior^{1,3,4}

¹Programa de Pós-Graduação Interunidades Bioengenharia – EESC – FMRP - IQSC/USP; ²DEE/UFSCar; ³SEL–EESC/USP;

⁴DOT–FCM/UNICAMP - EESC/USP - São Carlos – Brasil

E-mail: renatabm@sc.usp.br

Código do trabalho: 61TLo

10:00-10:15h

A educação física adaptada para pessoas com paralisia cerebral espástica na prevenção de contraturas e deformidades

Aline Miranda Strapasson, Alekssandro Haman Fogagnoli, Sandra Mara Faria de Carvalho Martins

Faculdade Educacional do Sudoeste do Paraná – FADEP

E-mail: alinestrapasson@bol.com.br

Código do trabalho: 79TLo

Programa

Apresentação de posters

Todos os posters deverão ser afixados no dia designado junto à comissão de apoio do congresso Às 8:00 horas e seus autores deverão estar presentes a partir das 10:30 até as 12:00 hs. Os mesmos deverão ser retirados a partir das 18:00 hs do mesmo dia de exibição.

Dia 26/10 (domingo)

Poster # 1

Atividade Motora Adaptada para portadores de paralisia cerebral na FCT/UNESP de Presidente Prudente
Cássia Aparecida do Carmo Brants, Mariana Porto, Paulo Roberto Brancatti, Eliane Ferrari Chagas UNESP - Presidente Prudente - São Paulo - Brasil E-mail:abrants@bol.com.br
Código do trabalho: 01REp

Poster # 2

Atividade física e qualidade de vida para pacientes e funcionários da clínica psiquiátrica “Luís Sayão”
Luciene Conte Kube, Alessandro Tosim, Alaercio Perotti Junior, Paulo Canciglieri, Válber Nazaretti
UNIARARAS – Araras – SP – Brasil
E-mail: lckube@linkway.com.br
Código do trabalho: 02REp

Poster # 3

Programa de Esportes e Atividades Motoras Adaptadas (PEAMA): possibilidades de participação
Rita de Cássia Orsi, Alessandro Tosin, Maria Teresa K. Leitão, Denise S. Neves, Romilda M. Roncoletta, César M. de Almeida, Ana Lúcia Pavão
SMECE – Jundiaí – SP - Brasil
E-mail: orsrita@uol.com.br
Código do trabalho: 03REp

Poster # 4

Atividade motora adaptada para pessoas portadoras de deficiência visual
Ana Mara Gomes da Cunha, Carolina Macarena Diaz Osorio e Eliane Ferrari Chagas
FCT/UNESP - Presidente Prudente – SP - Brasil
E-mail: anamara.cunha@bol.com.br
Código do trabalho: 06REp

Poster # 5

Efeitos de um programa de intervenção motora no desenvolvimento do comportamento da criança no terceiro trimestre de vida em creches de Porto Alegre
Bárbara coiro Spessato; Nádia Cristina Valentini
Ufrgs, RS, Brasil
Email:spessato@terra.com.br
Código do trabalho: 08TLp

Poster # 6

Motivação para assistência das atividades esportivas e recreacionais de portadores de deficiência
Elisabeth de Mattos, Simone Padilha Cavalcante Matteoni e Sulamita Emy
Grupo de Estudos em Esporte e Deficiência, Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (EFEUSP) - São Paulo - Brasil

E-mail: inicia@usp.br
Código do trabalho: 09TLp

Poster # 7

Estudo da situação das pessoas portadoras de deficiência em Presidente Prudente/SP utilizando um sistema de informação geográfica: Subsídios para a discussão de políticas públicas
Carolina Macarena Diaz Osorio, Eliane Ferrari Chagas
FCT/UNESP - Presidente Prudente – SP - Brasil
E-mail: caroldiaz_unesp@hotmail.com
Código do trabalho: 10Rep

Poster # 8

Acessibilidade para cadeirantes e cegos em clubes e academias do município de São Leopoldo: Um estudo descritivo-exploratório
Rangel Ricardo Garcia Maciel, Cláudio Marques Mandarino
UNISINOS – São Leopoldo - RS – Brasil
E-mail: cmandari@terra.com.br
Código do trabalho: 15TLp

Poster # 9

Condições de acessibilidade dos cadeirantes no município de Minas do Leão: Um estudo descritivo-exploratório
Élida Marisa Flöres Luiz, Cláudio Marques Mandarino
ULBRA – Canoas RS – Brasil
E-mail: cmandari@terra.com.br
Código do trabalho: 16TLp

Poster # 10

Análise das condições de lazer desportivo da população com necessidades especiais no município de São Leopoldo – RS: Um estudo descritivo exploratório
Cláudio Marques Mandarino, Maria Aparecida Marques da Rocha, Maura Corcini Lopes, Euclides Redin, Andréa Fricke Duarte, Célia Maria Teixeira, Cínara dos Reis Barbosa, Paulo Ricardo Oliveira Dias
UNISINOS – São Leopoldo - RS – Brasil
E-mail: cmandari@terra.com.br
Código do trabalho: 17TLp

Poster # 11

Estilo de vida de crianças e jovens surdos
UNICAMP – Campinas – São Paulo – Brasil
E-mail: fabiafreire@uol.com.br
Código do trabalho: 30REp

Poster # 17

Dança expressão Down–Up
Fabiane Pereira Povoá; Rosilene Moraes Diehl
Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), Centro de Estudos da Atividade Motora Adaptada (CEAMA) - Canoas – RS - Brasil
E-mail: fabianeppovoá@bol.com.br
Código do trabalho: 31REp

Poster # 18

A educação física atuando na inclusão de deficientes auditivos
Fabio Alves Xavier, Paulo Roberto Brancatti
UNESP – Presidente Prudente - São Paulo – Brasil
E-mail: fabinhofax@hotmail.com
Código do trabalho: 32REp

Poster # 19

Circuito Aventura: o esporte de aventura ao alcance de todos

Ivan Teixeira Cardoso¹, Fernanda Hipólito Haddad², Murilo Caccioli de Oliveira², Márcia Cristina Aparecida de Oliveira², Flávio Gomes Fraga¹, Caio Ferraz Cruz^{2,3}

¹ Prefeitura de Santo André

² Adapta Atividade Física Orientada

³ UniABC

Santo André - São Paulo- Brasil

E-mail: itcardoso@hotmail.com

Código do trabalho: 37REp

Poster # 20

Programa de educação física adaptada: poder público e iniciativa privada em uma parceria de incentivo à inclusão social da pessoa com deficiência

Ivan Teixeira Cardoso¹, Márcia Cristina Aparecida de Oliveira², Fernanda Hipólito Haddad², Murilo Caccioli de Oliveira², Flávio Gomes Fraga¹, Caio Ferraz Cruz^{2,3}

¹ Prefeitura de Santo André

² Adapta Atividade Física Orientada

³ UniABC

Santo André - São Paulo - Brasil. E-mail: itcardoso@hotmail.com

Código do trabalho: 38TLp

Poster # 21

O estágio em educação física adaptada na formação do profissional de educação física: Um juízo discente

Ivan Teixeira Cardoso¹, Caio Ferraz Cruz^{2,3}, Murilo Caccioli de Oliveira², Flávio Gomes Fraga¹, Márcia Cristina Aparecida de Oliveira², Fernanda Hipólito Haddad²

¹ Prefeitura de Santo André

² Adapta Atividade Física Orientada

³ UniABC

Santo André - São Paulo - Brasil

E-mail: itcardoso@hotmail.com

Código do trabalho: 39TLp

Poster # 22

A família no processo de inclusão social da pessoa com deficiência

Ivan Teixeira Cardoso¹, Murilo Caccioli de Oliveira², Márcia Cristina Aparecida de Oliveira², Fernanda Hipólito Haddad², Flávio Gomes Fraga¹, Caio Ferraz Cruz^{2,3}

¹ Prefeitura de Santo André

² Adapta Atividade Física Orientada

³ UniABC

Santo André - São Paulo - Brasil. E-mail: itcardoso@hotmail.com

Código do trabalho: 40TLp

Poster # 23

Treinamento de força na terceira idade: Um relato de experiência

Simone dos Santos Lula, João Danilo B. Oliveira, Sandra Regina Rosa Farias, Admilson Santos

Universidade Aberta à Terceira Idade - Núcleo de Educação Física e Esporte Adaptado - UEFS - Bahia – Brasil

E-mail: jdanilobo@yahoo.com.br

Código do trabalho: 41REp

Poster # 24

Projeto de extensão e pesquisa: Núcleo de Educação Física e Esporte Adaptado (NEFEA)

João Danilo B. de Oliveira, Admilson Santos, Débora Elaine Ulla, Pauline Cerqueira Santana, Obimário Miranda de Jesus

Núcleo de Educação Física e Esporte Adaptado - Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS - Bahia – Brasil

E-mail: jdanilobo@yahoo.com.br

Código do trabalho: 43REp

Poster # 25

Representação social do Núcleo de Educação Física e Esporte Adaptado no olhar das pessoas portadoras de deficiência
João Danilo B. de Oliveira, Admilson Sanos
Núcleo de Educação Física e Esporte Adaptado (NEFEA) – UEFS – Bahia
E-mail: jdanilobo@yahoo.com.br
Código do trabalho: 45TLp

Poster # 26

Representação de saúde-doença por mulheres portadoras de cegueira congênita
Sandra Regina Rosa Farias, Admilson Santos, Maria Lúcia Silva Servo
UEFS – Bahia - Brasil
E-mail: ad-sandra@uol.com.br
Código do trabalho: 46TLp

Poster # 27

Semana nacional do excepcional: Relato de experiência sobre a aceitabilidade da capoeira por alunos da APAE de Nova Iguaçu-RJ
Marcia Abreu¹, Daiana Rocha da Silva¹, Leonardo Mataruna^{1,2}
UNIABEU - CAMPUS7- Grupo de Pesquisa em Educação Física Hospitalar¹, Belford Roxo – RJ, UNICAMP-FEF² - Campinas - SP - Brasil
E-mail: mataruna@ufrj.br
Código do trabalho: 47REp

Poster # 28

Atividades de educação física para pessoas com paralisia cerebral: Um programa universitário no estado do Amazonas
Erika morgana Felix do Nascimento, Talita Barbosa Miranda, Kathya Augusta Tomé Lopes, Margareth Monteiro Vasconcelos e Lima, Minerva Leopoldina de Castro Amorim, Viviane Dilma Figueiredo Pereira, Ana Paula Valente Santana, Eva Vilma da Silva, Graziela Dutra Caleffi, Kim Raone Martins e Silva, Leonardo Chaves da Silva, Débora Moura, Ronaldo Yassaki, Rosângela Santos
UFAM – Manaus – AM – Brasil
E-mail: maoerik@hotmail.com
Código do trabalho: 49REp

Poster # 29

Paraolimpíadas e deficiência mental
Maria Teresa K. Leitão, José Júlio Gavião de Almeida, Graciele M. Rodrigues
ESEF/UNICAMP – Jundiaí - SP – Brasil
E-mail: teleitao@terra.com.br
Código do trabalho: 52REp

Poster # 30

O lazer de jovens com deficiência mental
Márcia Nogueira, Tatiana Calado, Laura Vieira, Suzana Coelho, Neiza L. F. Fumes
Grupo de Estudos e Extensão em Atividade Motora Adaptada – Universidade Federal de Alagoas – Maceió/AL
E-mail: neizaf@yahoo.com
Código do trabalho: 56TLp

Poster # 31

Diabetes mellitus tipo II, nível de atividade e qualidade de vida
Shirley Ferraz do Nascimento, Neiza de L. F. Fumes
Grupo de Estudos e Extensão em Atividade Motora Adaptada – Universidade Federal de Alagoas – Maceió/AL
E-mail: neizaf@yahoo.com
Código do trabalho: 57TLp

Poster # 32

O Clube do Otimismo no atual Cenário Nacional

Flávia Figueiredo Torres, Nínive Rainho Mendonça dos Santos, Taís Aline Siebra Padotzke, Tania Werner
Universidade Federal do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro – Brasil
E-mail: fig.torres@ig.com.br
Código do trabalho: 58REp

Poster # 33

A influência da instrução no desenvolvimento do arremesso em crianças portadores e não portadores de necessidade especiais, com atrasos motores
Miguel Jorge Rodrigues Junior, Nadia Cristina Valentini, Rosiane Karine Pick
ESEF/UFRGS - Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: nadiacv@esef.ufrgs.com
Código do trabalho: 62TLp

Dia 27/10 (segunda-feira)

Todos os posters deverão ser afixados no dia designado junto à comissão de apoio do congresso
Às 8:00 horas e seus autores deverão estar presentes a partir das 10:30 até as 12:00 hs. Os mesmos deverão ser retirados a partir das 18:00 hs do mesmo dia de exibição.

Poster # 34

Natação para jovens cegos e de baixa visão
Luciana Lima da Costa, Rosilene Moraes Diehl, Carolina Ohlweider Lessa, Úrsula Flach da Rosa
Centro de Estudos da Atividade Motora Adaptada (CEAMA) - ULBRA – Canoas - RS – Brasil
E-mail: lenediehl@hotmail.com
Código do trabalho: 63REp

Poster # 35

Programa de dança para portadores de deficiência mental leve Sabrina Aline Giacon, Marli Nabeiro
LAPEF – Depto Educação Física – FC – UNESP – Bauru – SP – Brasil
E-mail: mnabeiro@fc.unesp.br
Código do trabalho: 64REp

Poster # 36

Relação entre o grau de desconforto respiratório e a medida de pico de fluxo expiratório
Sylvia Lúcia de Freitas*, Andréia Lopes Stecher*, Fabiane Villa**, Luzimar Teixeira***
EEFEUSP* - CEPEUSP** - INSPIRA*** – São Paulo – Brasil
E-mail: adaptada@usp.br
Código do trabalho: 67REp

Poster # 37

Atividades de educação física para crianças com deficiência física e mental: Um programa universitário no estado do Amazonas
Talita Barbosa Miranda, Kathya Augusta Tomé Lopes, Margareth Monteiro Vasconcelos e Lima, Minerva Leopoldina de Castro Amorim, Viviane Dilma Figueiredo Pereira, Erika Morgana Felix do Nascimento, Ana Paula Valente Santana, Eva Vilma da Silva, Graziela Dutra Caleffi, Kim Raone Martins e Silva, Leonardo Chaves da Silva, Déborah Mendonça, Ronaldo Yassaki, Rosângela Santos
Universidade Federal do Amazonas – Manaus – Brasil
E-mail: talitafef@hotmail.com
Código do trabalho: 68REp

Poster # 38

Atividade motora para pessoas portadoras de deficiência visual
Ubiratan Franco de Godoy, Marli Nabeiro, Ana Flora Zaniratto Zonta
LAPEF - Departamento de Educação Física – UNESP Bauru – SP – Brasil
E-mail: ubiratangodoy@ig.com.br
Código do trabalho: 70REp

Poster # 39

Atletismo e deficiência: Relato de experiência
Amado de Paula da Silva, Weverton Lima dos Santos
Associação dos Paraplégicos de Uberlândia (APARU) – Uberlândia –MG – Brasil
E-mail: amadSlv@aol.com
Código do trabalho: 73TLp

Poster # 40

Halterofilismo para portadores de deficiência física
Wéverton Lima dos Santos, Alberto Martins da Costa
Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia –Uberlândia - MG – Brasil
E-mail: weverton@edf.ufu.br
Código do trabalho: 74TLp

Poster # 41

O conhecimento da classificação funcional de natação para deficientes físicos e sua aplicabilidade nos programas de treinamento de natação
Adriana Maria Soares da Silva, Tânia Werner
UFRJ- Rio de Janeiro – RJ - Brasil
E-mail: dri.prof@bol.com.br; taniawerner@ig.com.br.
Código do trabalho: 75REp

Poster # 42

Os benefícios da natação para portadores da síndrome de Willians
Aline da Fonseca Barros, Tania Werner
UFRJ – Rio de Janeiro – Brasil
E-mail:alinefbarros@hotmail.com; taniawerner@ig.com
Código do trabalho:78REp

Poster # 43

Atividades de Alongamento para Pessoas com Traumatismo Cranioencefálico
Neriane dos Santos, Aline Miranda Strapasson, Alekssandro Haman Fogagnoli
Faculdade Educacional do Sudoeste do Paraná – FADEP, Pato Branco –PR - Brasil
E-mail: neryane@hotmail.com; alinestrapasson@bol.com.br
Código do trabalho: 80TLp

Poster # 44

Musculação e natação para portadores de seqüelas de AVC
Ana Paula Vieira dos Reis, Junara Paiva Pereira, Luana Oliveira Barbosa, Rosana Mendes Maciel, Alberto Martins da Costa
UFU – Uniaraxá – Uberlândia – MG – Brasil
E-mail: anapaula.edfis@bol.com.br
Código do trabalho: 83REp

Poster # 45

Voleibol sentado: Treinando para o sucesso
Ana Paula Vieira dos Reis, Junara Paiva Pereira, Alberto Martins da Costa, Sergio Pepato
UFU - Uniaraxá – Uberlândia – MG – Brasil
E-mail: anapaula.edfis@bol.com.br; junarapereira@bol.com.br
Código do trabalho: 84REp

Poster # 46

Portador de neuropatia periférica: Reabilitação através de atividades aquáticas
Carolina Cunha Monteiro, Luana Oliveira Barbosa, Talyta Leão, Leandro Silva Nunes Garcia
UFU – Uberlândia – Brasil
E-mail: cacamagrela@zipmail.com.br
Código do trabalho: 86REp

Poster # 47

Benefícios da música e da dança para o portador de epilepsia
Carolina Cunha Monteiro, Luana Oliveira Barbosa, Talyta Leão, Leandro Silva Nunes Garcia
UFU – Uberlândia – Brasil
E-mail: cacamagrela@zipmail.com.br
Código do trabalho: 87REp

Poster # 48

Perfil psicossocial dos idosos institucionalizados do asilo São Lucas o município de Uberlândia/MG
Joice Luiza Appelt, Francine Vilela Novais, Geni Araújo Costa
FAEFI – UFU - Uberlândia – MG – Brasil
E-mail: joiceluiza@yahoo.com
Código do trabalho: 93TLp

Poster # 49

Os benefícios da psicomotricidade e atividades aquáticas no desenvolvimento de crianças portadoras de necessidades especiais
Carla Mariana Pereira, Junara Paiva Pereira, Luana Oliveira Barbosa
UFU – Uberlândia - MG – Brasil
E-mail: junarapereira@bol.com.br
Código do trabalho: 95REp

Poster # 50

Os benefícios da atividade física para o portador de acidente vascular cerebral
Luana Oliveira Barbosa, Carolina Cunha Monteiro, Leandro Silva Nunes Garcia, Rosana Mendes Maciel, Junara Paiva Pereira, Ana Paula Vieira dos Reis, Talyta Leão, Alberto Martins da Costa
UFU - UNIARAXÁ – Uberlândia – MG – Brasil
E-mail: Luluzinha60@hotmail.com
Código do trabalho: 97REp

Poster # 51

Os benefícios da natação e da psicomotricidade para crianças portadoras de deficiência
Luana Oliveira Barbosa, Carolina Cunha Monteiro, Leandro Silva Nunes Garcia, Rosana Mendes Maciel, Junara Paiva Pereira, Ana Paula Vieira dos Reis, Talyta Leão
UFU – Uberlândia – Brasil
E-mail: luluzinha60@hotmail.com
Código do trabalho: 98REp

Poster # 52

Análise do perfil sócio-demográfico, do sentido de auto-eficácia física e do nível de satisfação de vida de idosos praticantes de atividade física no Projeto Vida Ativa AFRID
Lucélia Justino Borges, Geni De Araújo Costa, Luciana Mendonça Arantes, Francini Vilela Novais
Faculdade de Educação Física - Universidade Federal de Uberlândia - Uberlândia – MG - Brasil
E-mail:luceliajb@yahoo.com.br
Código do trabalho: 99TLp

Poster # 53

Análise comparativa das capacidades físicas e coordenativas de idosas praticantes de hidroginástica
Luciana das Mercês Carvalho Lima, Luiz Humberto Rodrigues Souza, Geni A. Costa
Faculdade de Educação Física – UFU - Uberlândia – MG - Brasil
E-Mail: lueduca@yahoo.com.br
Código do trabalho: 101TLp

Poster # 54

Análise da força muscular dos membros superiores em idosos pertencentes ao projeto AFRID praticantes de hidroginástica
Luiz Humberto Rodrigues Souza, Patrícia Vieira do Nascimento, Geni de Araújo Costa, Sílvio Soares dos Santos
UFU – Uberlândia – MG – Brasil

E-mail: luizhrsouza21@yahoo.com.br
Código do trabalho: 102TLp

Poster # 55

Importância das atividades físicas e recreativas na promoção da qualidade de vida para os idosos pertencentes ao projeto AFRID

Luiz Humberto Rodrigues Souza, Luciana das Mercês Carvalho Lima, Geni de Araújo Costa, Sílvio Soares dos Santos
UFU – Uberlândia – MG – Brasil
E-mail: luizhrsouza21@yahoo.com.br
Código do trabalho: 103REp

Poster # 56

Nível de satisfação de vida percebido por idosos institucionalizados

Marcela Parreira Tannús, Geni de Araújo Costa Stela Ramos de Moura, Cecília Faustino Santos
UFU – Uberlândia - MG – Brasil
E-mail: marcelatannus@bol.com.br
Código do trabalho: 104TLp

Poster # 57

A atividade física e a melhoria na qualidade de vida de crianças portadoras de paralisia cerebral

Solange Rodovalho Lima
Maria Isabel Matos
Luciana Mendonça Arantes
E-mail: mariaisabelmatos@yahoo.com.br
Código do trabalho: 107REp

Poster # 58

A criança portadora de distrofia muscular progressiva do tipo Duchenne nas aulas de educação física em uma instituição especial: Algumas considerações

Rodrigo Campos Rodrigues, Ana Isabel de Figueiredo Ferreira
UNICAMP – Campinas – SP – Brasil
E-mail: rodcampos2@zipmail.com.br
Código do trabalho: 112REp

Poster # 59

A natação proporcionando qualidade de vida para o portador de síndrome de Parkinson

Rosana Mendes Maciel, Carla Mariana Pereira, Alberto Martins da Costa
UFU – UNIARAXÁ - Uberlândia – MG – Brasil
E-mail: macielrosana@bol.com.br
Código do trabalho: 113REp

Poster # 60

A natação e o portador de paralisia cerebral

Rosana Mendes Maciel, Ana Paula Vieira dos Reis, Junara Paiva Pereira, Luana Oliveira Barbosa, Alberto Martins da Costa
UFU – UNIARAXÁ - Uberlândia – MG – Brasil
E-mail: macielrosana@bol.com.br
Código do trabalho: 114REp

Poster # 61

Desenvolvimento de metodologia de avaliação das competências e desempenho dos profissionais da equipe de saúde da família e sua relação com as causas do abandono da caminhada pelos hipertensos

Roselane da conceição Lomeo, Alberto Hatim Ricardo, Ivana Cristina de H.C. Barreto
Escola de Saúde da Família Visconde de Sabóia - Sobral – Ceará –Brasil
E-mail: roselanelomeo@yahoo.com.br
Código do trabalho: 115TLp

Poster # 62

Projeto brincar: Práticas recreativas com crianças portadoras da síndrome do autismo

Thyciane Baía de Barros Lima, Neiza L. F. Fumes

Grupo de Estudos e Extensão em Atividade Motora Adaptada – Universidade Federal de Alagoas – Maceió – Al

E-mail: neizaf@yahoo.com

Código do trabalho: 119REp

Poster # 63

A prática da educação física através de estratégias do método *Teacch*, como meio de comunicação e linguagem para e com a criança autista¹

Ana Paula Oliveira de Andrades², Fernanda Panzenhagen Borges³, Luciana Erina Palma⁴

Universidade Federal de Santa Maria – RS – Brasil

E-mail: anapaula.andrades@bol.com.br

Código do trabalho: 123REp

Poster # 64

A natação como meio potencializador da acessibilidade comunicacional para o autista

Catiana Sales de Souza, Raquel Sara Machado Dias, Viviane Lira Campos, Tânia Werner

UFRJ - Rio de Janeiro – Brasil

E-mail: taniawerner@ig.com.br

Código do trabalho: 124REp

Poster # 65

Projeto basquetebol sobre rodas da FCT/UNESP

Paulo Roberto Brancatti, Eliane Ferrari Chagas, Edelvira de Castro Q. Mastroiani, Marcos Roberto Lipp haus Alves, Carolina

Macarena Diaz Osório, Everton Luiz de Oliveira, Alan Giuseppe da Cunha

UNESP - Presidente Prudente – SP - Brasil

E-mail: paulobrancatti@uol.com.br; malipphaus@yahoo.com.br

Código do trabalho: 126REp

Poster # 66

Educação física escolar para alunos de classes especiais: Deficientes auditivos e visuais

Giselle de Arruda Barreiros da Motta, Gracielle Santiago Barbosa, Paulo Roberto Brancatti

UNESP Campus de Presidente Prudente SP

E-mail: paulobrancatti@uol.com.br

Código do trabalho: 128TLp

Poster # 67

A iniciação da natação para o portador de paralisia cerebral

Talyta Marielle Sanches Leão, Maxmiliano Gonzaga, Carolina Cunha Monteiro, Leandro Garcia Silva Nunes, Luana Oliveira,

Aberto Martins da Costa, Sergio Pepato

UFU – Uberlândia - Minas Gerais – Brasil

E-mail: Talytaleao@yahoo.com.br

Código do trabalho: 118REo

Normas para Publicação da Revista da Sobama

Apresentação

A revista da Sobama é um órgão de divulgação da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada. A revista da Sobama foi criada para atender às necessidades de divulgação e discussão da produção científica e de assuntos da área de atividade motora adaptada. A revista da Sobama aceita a submissão de manuscritos de profissionais e pesquisadores de diferentes áreas como educação física e esportes, fisioterapia, educação especial, psicologia e outras cujos manuscritos tenham perfis direcionados à área de atividade motora adaptada ou pertinentes aos interesses dos leitores da revista da Sobama. Cabe ao Conselho Editorial da revista da Sobama decidir sobre a pertinência da colaboração.

I. Tipos de colaboração aceitos pela revista da Sobama

Trabalhos originais relacionados à área de atividade motora adaptada que se enquadrem nas seguintes categorias:

1. *Relato de pesquisa*: investigação baseada em dados empíricos, utilizando metodologia científica. Limitado a 10 páginas impressas na publicação, incluindo resumo, abstract, figuras, tabelas e referências
2. *Estudo teórico*: análise de construtos teóricos, levando ao questionamento de modelos existentes e à elaboração de hipóteses para futuras pesquisas. Limitado a 10 páginas impressas na publicação, conforme especificado no item 1.
3. *Relato de experiência profissional*: estudo de caso, contendo análise de implicações conceituais, ou descrição de procedimentos ou estratégias de intervenção, contendo evidência metodologicamente apropriada de avaliação de eficácia, de interesse para a atuação de profissionais em áreas afins. Limitado a 7 páginas impressas na publicação, conforme especificado no item 1.
4. *Revisão crítica da literatura*: análise de um corpo abrangente de investigação, relativa a assuntos de interesse para o desenvolvimento da área de atividade motora adaptada. Limitada a 10 páginas impressas na publicação, conforme especificado no item 1.
5. *Comunicação breve*: relato de pesquisa sucinto, mas completo, de uma investigação específica. Limitada a 4 páginas impressas na publicação, conforme especificado no item 1.
6. *Ponto de Vista*: Temas de relevância para o conhecimento pedagógico, científico, universitário ou profissional, apresentados na forma de comentários que favoreçam novas idéias ou perspectivas sobre o assunto. Limitado a 5 páginas impressas na publicação.

7. *Carta ao Editor*: avaliação crítica de artigo publicado na revista da Sobama ou resposta de autores à crítica formulada a artigo de sua autoria. Limitada a 2 páginas impressas na publicação.

8. *Nota técnica*: descrição de instrumentos e técnicas originais de pesquisa. Limitada a 3 páginas impressas na publicação.

9. *Resenha*: revisão crítica de obra recém publicada, orientando o leitor quanto a suas características e usos potenciais. Limitada a 2 páginas impressas na publicação.

Poderá também ser publicada, a critério do Editor:

10. *Notícia*: divulgação de fato ou evento de conteúdo relacionado à área de atividade motora adaptada, não sendo exigidas originalidade e exclusividade na publicação. Limitada a 2 páginas impressas na publicação.

II. Apreciação pelo Conselho Editorial

O manuscrito—nas categorias 1 a 8—é aceito para análise pressupondo-se que: (a) o mesmo não foi publicado e nem está sendo submetido para publicação em outro periódico; (b) todas as pessoas listadas como autores aprovaram o seu encaminhamento à revista da Sobama; (c) qualquer pessoa citada como fonte de comunicação pessoal aprovou a citação.

Os trabalhos enviados serão apreciados pelo Conselho Editorial, que poderá fazer uso de Consultores ad hoc, a seu critério. Os autores serão notificados da aceitação ou recusa de seus manuscritos. Os manuscritos, mesmo quando rejeitados, não serão devolvidos.

Pequenas modificações no texto poderão ser feitas pelo Editor ou pelo Conselho Editorial da Revista. Quando este julgar necessárias modificações substanciais, o(s) autor(es) será(ão) notificado(s) e encarregado(s) de fazê-las, devolvendo o trabalho reformulado no prazo máximo de duas semanas.

III. Forma de Apresentação dos Manuscritos

A revista da Sobama adota as normas de publicação da APA (American Psychological Association), exceto em situações específicas onde há conflito com a necessidade de se assegurar o cumprimento da revisão cega por pares, regras do uso da língua portuguesa, normas gerais da ABNT, procedimentos internos da revista, inclusive características de infra-estrutura operacional. A omissão de informação no detalhamento que se segue implica em que prevalece a orientação do manual da APA. Os manuscritos devem ser redigidos em português. Excepcionalmente, o inglês, o francês, o espanhol e o alemão poderão ser aceitos, a critério do

Conselho Editorial.

Os manuscritos originais deverão ser encaminhados em quatro cópias—sendo uma cópia com identificação completa dos autores e três cópias sem identificação—digitados em espaço duplo, fonte tipo Courier, tamanho 12, não excedendo o número de páginas apropriado de cada categoria em que o manuscrito se insere. A página deverá ser tamanho carta, com formatação de margens superior e inferior no mínimo de 2,5 cm, esquerda e direita no mínimo de 3 cm. Para estimar a equivalência considere que uma página impressa da publicação corresponde a 3 páginas do manuscrito.

A versão final revisada deverá ser encaminhada em duas cópias impressas no mesmo formato da versão inicial. Ainda, deverá incluir uma cópia em disquete, em processador de texto formato IBM Microsoft Word ou formato texto.

Todo e qualquer encaminhamento à revista deve ser acompanhado de carta assinada pelo autor principal, onde esteja explicitado a intenção de submissão ou re-submissão do trabalho para publicação. Em caso de aceite do trabalho uma carta de acordo de publicação deverá ser preenchida e assinada pelo autor principal para encaminhamento do trabalho para prelo.

A apresentação dos trabalhos deve seguir a seguinte ordem:

1. Folha de rosto despersonalizada contendo apenas:
 - 1.1. Título sem abreviações, em português, não devendo exceder 10 palavras.
 - 1.2. Sugestão de título abreviado para cabeçalho, não devendo exceder 4 palavras.
 - 1.3. Título sem abreviações, em inglês, compatível com o título em português.
2. Folha de rosto personalizada contendo:
 - 2.1. Mesma informação dos itens 1.1; 1.2 e 1.3. acima.
 - 2.2. Nome de cada autor, seguido por uma afiliação institucional apenas por ocasião da submissão do trabalho.
 - 2.3. Indicação do autor a quem o leitor do artigo deve enviar correspondência, seguido de endereço completo, de acordo com as normas do correio. Se disponível, o endereço eletrônico deve também ser indicado.
 - 2.4. Indicação de endereço para correspondência com o editor sobre a tramitação do manuscrito, incluindo fax, telefone e, se disponível, endereço eletrônico.
 - 2.5. Se necessário, indicação de atualização de afiliação institucional.
 - 2.6. Se apropriado, parágrafo reconhecendo apoio financeiro, colaboração de colegas e técnicos, origem do trabalho (por exemplo, anteriormente apresentado em evento, derivado de tese ou dissertação, coleta de dados efetuada em instituição distinta daquela informada no item 2.4), e outros fatos de divulgação eticamente necessária.
3. Folha contendo o Resumo, em português.

O resumo deve ter no máximo 150 palavras para manuscritos na categoria 1, e 100 palavras para manuscritos nas

categorias 2, 3, 4 e 5. As demais categorias não admitem resumo. Ao resumo devem-se seguir 3 a 5 palavras-chave para fins de indexação do trabalho.

No caso de relato de pesquisa, o resumo deve incluir: descrição sumária do problema investigado, características pertinentes da amostra, método utilizado para a coleta de dados, resultados e conclusões, suas implicações ou aplicações.

O resumo de uma revisão crítica ou de um estudo teórico deve incluir: assunto tratado em uma frase, objetivo, tese ou construto sob análise, fontes usadas (p. ex. observação feita pelo autor, literatura publicada) e conclusões.

4. Folha contendo o Abstract, em inglês, compatível com o texto do resumo.

O Abstract deve obedecer as mesmas especificações para a versão em português, seguido de key words, compatíveis com as palavras-chave.

5. Texto propriamente dito.

Em todas as categorias de trabalho original, o texto deve ter uma organização de reconhecimento fácil, sinalizada por um sistema de títulos e subtítulos que reflitam esta organização. No caso de relatos de pesquisa o texto deverá, obrigatoriamente, apresentar: introdução, metodologia, resultados e discussão. As notas não bibliográficas deverão ser reduzidas a um mínimo e colocadas ao pé das páginas, ordenadas por algarismos arábicos que deverão aparecer imediatamente após o segmento de texto ao qual se refere a nota. Os locais sugeridos para inserção de figuras e tabelas deverão ser indicados no texto. As citações de autores deverão ser feitas de acordo com as normas da APA, exemplificadas no item IV. No caso de transcrição na íntegra de um texto, a transcrição deve ser delimitada por aspas e a citação do autor seguida do número da página citada. Uma citação literal com 40 ou mais palavras deve ser apresentada em bloco próprio, começando em nova linha, com recuo de 5 espaços da margem, na mesma posição de um novo parágrafo. O tamanho da fonte deve ser 12, como no restante do texto.

6. Referências, ordenadas de acordo com as regras gerais que se seguem. Trabalhos de autoria única e do mesmo autor são ordenados por ano de publicação, o mais antigo primeiro. Trabalhos de autoria única precedem trabalhos de autoria múltipla, quando o sobrenome é o mesmo. Trabalhos em que o primeiro autor é o mesmo, mas co-autores diferem serão ordenados por sobrenome dos co-autores. Trabalhos com a mesma autoria múltipla serão ordenados por data, o mais antigo primeiro. Trabalhos com a mesma autoria e a mesma data serão ordenados alfabeticamente pelo título, desconsiderando a primeira palavra se for artigo ou pronome, exceto quando o próprio título contiver indicativo de ordem; o ano é imediatamente seguido de letras minúsculas. Quando repetido, o nome do autor não deve ser substituído por travessões ou outros sinais. A formatação da lista de referências deve ser apropriada à tarefa de revisão e de editoração além de espaço duplo e tamanho de fonte 12,

parágrafo normal com recuo apenas na primeira linha, sem deslocamento das margens (cf. exemplificado no item V); Os grifos deverão ser indicados por um traço sob a palavra (p. ex., sublinha). A formatação dos parágrafos com recuo e dos grifos em itálico é reservada para a fase final de editoração do artigo.

7. Anexos, apenas quando contiverem informação original importante, ou destacamento indispensável para a compreensão de alguma seção do trabalho. Recomenda-se evitar anexos.

8. Folha contendo título de todas as figuras, numeradas conforme indicado no texto.

9. Figuras, incluindo legenda, uma por página em papel e por arquivo de computador, quando preparadas eletronicamente. Para assegurar qualidade de reprodução as figuras contendo desenhos deverão ser encaminhadas em qualidade para fotografia; as figuras contendo gráficos não poderão estar impressas em impressora matricial. Como a versão publicada não poderá exceder a largura de 8,3 cm para figuras simples, e de 17,5 cm para figuras complexas, o autor deverá cuidar para que as legendas mantenham qualidade de leitura, caso redução seja necessária. O encaminhamento de arquivos eletrônicos das figuras em formato JPG ou inseridos em documento MSWord ou Excell é recomendado aos autores.

10. Tabelas, incluindo título e notas, uma por página em papel e por arquivo de computador. Na publicação impressa a tabela não poderá exceder 17,5 cm de largura x 23,7 cm de comprimento. Ao prepará-las, o autor deverá limitar sua largura a 60 caracteres, para tabelas simples de modo a ocupar uma coluna impressa, incluindo 3 caracteres de espaço entre colunas da tabela, e limitar a 125 caracteres para tabelas complexas de modo a ocupar duas colunas impressas. O comprimento da tabela não deve exceder 55 linhas, incluindo título e rodapé(s). Para outros detalhamentos, especialmente em casos omissos, o manual da APA deverá ser consultado.

IV. Tipos Comuns de Citação no Texto

Citação de artigo de autoria múltipla

1. Dois autores

O sobrenome dos autores é explicitado em todas as citações, usando e ou & conforme abaixo:

“O método proposto por Ulrich e Thelen (1979)” ou “Este método foi inicialmente proposto para o estudo da marcha automática (Ulrich & Thelen, 1979)”

2. De três a cinco autores

O sobrenome de todos os autores é explicitado na primeira citação, como acima. Da segunda citação em diante só o sobrenome do primeiro autor é explicitado, seguido de “et

al.” e o ano, se for a primeira citação de uma referência dentro de um mesmo parágrafo:

Mattos, Lima e Teixeira (1994) verificaram que [primeira citação no texto]

Mattos et al. (1994) verificaram que [citação subsequente, primeira no parágrafo]

Mattos et al. verificaram [omite o ano em citações subsequentes dentro de um mesmo parágrafo]

Exceção: Se a forma abreviada gerar aparente identidade de dois trabalhos em que os co-autores diferem, os co-autores são explicitados até que a ambigüidade seja eliminada. Os trabalhos de Hayes, S.C., Brownstein, A.J. Haas, J.R. & Greenway, D.E. (1986) e Hayes, S.C. Brownstein, A.J., Zettle, R.D., Rosenfarb, I. & Korn, Z. (1986) são assim citados:

“Hayes, Brownstein, Haas et al. (1986) e Hayes, Brownstein, Zettle et al. (1986) verificaram que...”

Na seção de Referências todos os nomes são relacionados.

3. Seis ou mais autores

No texto, desde a primeira citação, só o sobrenome do primeiro autor é mencionado, seguido de “et al”, exceto se este formato gerar ambigüidade, caso em que a mesma solução indicada no item anterior deve ser utilizada:

Rodrigues et al. (1988).

Na seção de referências todos os nomes são relacionados.

Citações de trabalho discutido em uma fonte secundária

O trabalho usa como fonte um trabalho discutido em outro, sem que o trabalho original tenha sido lido (por exemplo, um estudo de Lima, citado por Silva, 1982). No texto, use a seguinte citação:

“Lima (conforme citado por Silva, 1982) acrescenta que estes estudantes...”

Na seção de Referências informe apenas a fonte secundária, no caso Silva, usando o formato apropriado.

Citações de obras antigas reeditadas

Autor (data da publicação original / data da edição consultada). Ex.: Campbell (1790/1946).

Citação de comunicação pessoal

Este tipo de citação deve ser evitada, por não oferecer informação recuperável por meios convencionais. Se inevitável, deve aparecer no texto, mas não na seção de Referências.

B. D. Ulrich (comunicação pessoal, 05 de maio de 1995)

V. Exemplos de Tipos Comuns de Referência

1. Relatório técnico.

Birney, A.J. & Hall, M.M. (1981). Early identification of children with written language disabilities (relatório n. 81-1502). Washington, DC: National Education Association.

2. Trabalho apresentado em congresso, mas não publicado.

Haidt, J., Dias, M.G. & Koller, S. (1991, fevereiro). Disgust, disrespect and culture: Moral judgement of victimless violations in the USA and Brazil. Trabalho apresentado em Reunião Anual (Annual Meeting) da Society for Cross-Cultural Research, Isla Verde, Puerto Rico.

3. Trabalho apresentado em congresso com resumo publicado em publicação seriada regular.

Tratar como publicação em periódico, acrescentando logo após o título a indicação de que se trata de resumo.

Silva, A.A. & Engelmann, A. (1988). Teste de eficácia de um curso para melhorar a capacidade de julgamentos corretos de expressões faciais de emoções [Resumo]. *Ciência e Cultura*. 40 (7, Suplemento), 927.

4. Trabalho apresentado em congresso com resumo publicado em publicação especial.

Tratar como publicação em livro, informando sobre o evento de acordo com as informações disponíveis em capa.

Mauerberg-deCastro, E. & Moraes, R. (1962). Psicofísica do esforço: Impacto no Esporte [Resumo]. Em Sociedade Brasileira de Psicologia (Org.), Resumos de comunicações científicas. XXII Reunião Anual de Psicologia (p.666). Rio de Janeiro: SBP.

5. Teses ou dissertações não publicadas.

Castro, L. (1889). A família atleta: interação entre competência e competição. Estudo de caso. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Carlos.

6. Livros.

Sherrill, C. (1983). Educação Física Adaptada. Rio de Janeiro: Zahar.

7. Capítulo de livro.

Block, S.S. & Borg, P. (1677). Early psychophysics. Em A.T. Moore & J.E. Stadium (Eds.), *Handbook of human behavior* (pp.500-550). Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall.

Hoffman, L.W. (1979). Experiência da primeira infância e realizações femininas. Em H. Bee (Ed.), *Psicologia do desenvolvimento: questões sociais* (pp.45-65). Rio de Janeiro: Interamericana.

8. Livro traduzido, em língua portuguesa.

Magill, C.C. (1900). Aprendizagem motora. (E.J. Costa, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1800)

Se a tradução em língua portuguesa de um trabalho em outra língua é usada como fonte, citar a tradução em português e indicar ano de publicação do trabalho original.

No texto, citar o ano da publicação original e o ano da tradução: (Magill, 1800/1900).

9. Artigo em periódico científico.

Moore, J. M., Thompson, G. & Thompson, M. (1975). Auditory localization of infants as a function of reinforcement conditions. *Journal of Speech and Hearing Disorders*. 40, 29-34.

Informar número, em parêntesis e em seguida o volume, apenas quando a paginação reinicia a cada número (e não a cada volume, como a regra geral)

Affonso, D. M. (1887). Sobre o surgimento do voleibol radical. *Educação*. 3 (3), 1-19.

Obras antigas com reedição em data muito posterior

Cabral, P.A. (1946). Tratado sobre o Brasil. Rio de Janeiro: Colombo (Originalmente publicado em 1500).

1. Obra no prelo.

Não forneça ano, volume ou número de páginas até que o artigo esteja publicado. Respeitada a ordem de nomes, é a última referência do autor.

Moraes, R. M., Mauerberg-deCastro, E. & Schuller, J. (no prelo). Nada sobre nada em esporte. *Motriz*.

2. Autoria institucional.

American Psychiatric Association (1988). *DSM-III-R.) Diagnostic and statistical manual of mental disorder* (3 ed. revisada). Washington, DC: Autor.

Obras publicadas na Internet

Sobrenome do autor, primeira inicial. (data da publicação ou "sem data" se não disponível). Título do artigo ou seção utilizada [Número de parágrafos]. Título do trabalho completo. [Forma, tal como HTTP, CD-ROM, E-MAIL]. Disponível: URL completo [data de acesso].

Exemplo típico:

Distance Education and Technology (1999). Tools for online learning. [HTTP]. Available at: <http://demo.cstudies.ubc.ca/>

Fox Valley Technical College. [HTTP]. Available at: <http://its.foxvalley.tec.wi.us/techround/lnresourc.htm>

Hara, N. & Kling, R. (March 30, 2000). Students' Distress with a Web-based Distance Education Course. Indiana University, Bloomington, Department of Instructional Systems Technology (IST). [HTTP]. Available at: <http://www.slis.indiana.edu/CSI/wp00-01.html>

Citação no texto:

A chamada "limpeza étnica" não está especificamente associada com conflitos armados, mas pode ocorrer em países onde a política está em crise (Bruce, 1996).

Outros exemplos:

Gilberti, A. (2000, February). ITE 679. Online Lessons for ITE 679, Lesson 2. [E-mail]. Available: <http://isu.indstate.edu/gilberti/ite679folder/gettingstartedite679.htm> [2000, Feb. 3]

VI. Direitos Autorais

Artigos publicados na revista da Sobama

Os direitos autorais dos artigos publicados pertencem à Revista da Sobama. A reprodução total dos artigos desta Revista em outras publicações, ou para qualquer outra utilidade, está condicionada à autorização escrita do Editor da revista da Sobama. Pessoas interessadas em reproduzir parcialmente os artigos desta Revista (partes do texto que excederem 500 palavras, tabelas, figuras e outras ilustrações) deverão ter permissão escrita do(s) autor(es). O autor principal de cada artigo receberá uma revista contendo o seu artigo.

Reprodução parcial de outras publicações

Manuscritos submetidos que contiverem partes de texto extraídas de outras publicações deverão obedecer aos limites especificados para garantir originalidade do trabalho submetido. Recomenda-se evitar a reprodução de figuras, tabelas e desenhos extraídos de outras publicações.

O manuscrito que contiver reprodução de uma ou mais figuras, tabelas e desenhos extraídos de outras publicações só será encaminhado para análise se vier acompanhado de permissão escrita do detentor do direito autoral do trabalho original para a reprodução especificada na revista da Sobama. A permissão deve ser endereçada ao autor do trabalho submetido. Em nenhuma circunstância a revista da Sobama e os autores dos trabalhos publicados nesta Revista repassarão direitos assim obtidos.

Mitos sobre direitos autorais na internet

Algumas considerações feitas do trabalho de Templeton, B. (no date).

Templeton, B. (no date). 10 Big Myths about copyright explained. [URL]. Available: <http://www.templetons.com/brad/copymyths.html> [2000, May 11]

- “Se não tem um aviso sobre direitos autorais ou copyright, não está protegido.”

Era verdade no passado, mas hoje a maioria das nações segue a convenção de Berne copyright. Nos EUA quase tudo criado em caráter privado após 1 de Abril de 1989 está protegido por lei tenha ou não aviso sobre direitos autorais. Isto inclui figuras. “Scanear” figura da Internet é ilegal a menos que esteja explicitamente anunciado “domínio público” ou “sem reservas autorais” ou “pode copiar à vontade.”

- “Se eu não usar com fins lucrativos ou usar com finalidades acadêmicas ou educacionais, não é crime”

Errado. Fatos e idéias não podem se limitados nos direitos autorais, mas sua expressão escrita e estrutura podem. Você sempre pode escrever sobre fatos com suas próprias palavras.

- “Se eu criar minha própria história baseada em outro trabalho, meu novo trabalho me pertence.”

Errado. Leis de direitos autorais são bem explícitas quanto aos “trabalhos derivativos” — Você precisa de permissão autoral.

- “Se eu não causar danos a ninguém, tudo bem-- na verdade é até propaganda de graça.”

Errado. É decisão do autor se ele quer ou não propaganda de graça.

Para mais informações visite:

<http://www.templetons.com/brad/copymyths.html>

<http://www.tjc.com/copyright>

<http://lcweb.loc.gov/copyright/>

http://www.austlii.edu.au/au/legis/cth/consol_act/ca1968133/index.html

<http://cipo.gc.ca/>

<http://www.benedict.com/>

<http://www.eff.org/pub/CAF/law/ip-primer>

No Brasil:

<http://www.persocom.com.br/brasil/plagio1.htm>

VII. Endereço para Encaminhamento

A remessa de manuscritos para publicação, bem como toda a correspondência que se fizer necessária, deve ser endereçada para:

Editores da

Revista da Sobama

Profa. Dra. Eliane Mauerberg-deCastro

E-mail: mauerber@rc.unesp.br

Endereço para encaminhamento:

Profa. Dra. Eliane Mauerberg-deCastro

Departamento de Educação Física da UNESP

Av. 24-A, 1515, Bela Vista

Rio Claro 13506-900, SP

E-mail: mauerber@rc.unesp.br

Revista da SOBAMA - ISSN 1413-9006

Comunicações rápidas podem também ser feitas através do fax: (0x) 19-534-0009 e do endereço eletrônico: mauerber@rc.unesp.br

SOBAMA

Informações sobre a Sociedade

O que é SOBAMA?

A SOBAMA, Sociedade Brasileira de Atividade Motora, fundada em 9 de dezembro de 1994, na cidade de São Paulo, é uma sociedade civil de caráter científico e educacional sem fins lucrativos, com personalidade jurídica própria que visa o progresso dos estudos da atividade motora adaptada em todas as suas áreas.

A idéia da criação da SOBAMA nasceu de vários profissionais que atuando na área por vários anos, sentiram a necessidade de se aglutinarem em uma sociedade de caráter científico, facilitando, desta forma, o intercâmbio e a troca de experiência.

Quais os Objetivos da SOBAMA?

Congregar estudiosos da área de atividade motora adaptada; Apoiar e incentivar o desenvolvimento técnico-científico dos seus associados; Promover congressos, cursos, simpósios sobre assuntos relacionados à área; Manter intercâmbio cultural, técnico, científico e associativo com entidades congêneres do país e exterior; Conferir títulos, certificados e prêmios; Promover a divulgação do conhecimento produzido na área.

Por que Atividade Motora e não Educação Física?

Em muitos lugares utiliza-se tanto os termos educação física adaptada como atividade motora adaptada. Na SOBAMA considera-se que a palavra ATIVIDADE MOTORA enfatiza as necessidades de vivências relacionadas ao movimento corporal em todo tipo de ambiente. A palavra educação, por outro lado, é freqüentemente usada para focar indivíduos na idade escolar em ambientes de instrução. A atividade motora adaptada corresponde a um conjunto de atos intencionais que visam melhorar e promover a capacidade para o movimento considerando-se as diferenças individuais e as incapacidades em contextos inclusivos ou não.

Como Associar-se à SOBAMA?

Se você é...

... uma pessoa estudiosa e profissional comprometida com a atividade motora adaptada,

Se você quer..

... assinar a revista da SOBAMA, publicada anualmente,

Se você pretende...

... aproveitar os descontos no Congresso Brasileiro de Atividade Motora Adaptada e outros eventos na área,

... então associe-se e compartilhe investigações, teorias, modelos, e práticas.

Ajude a fortalecer o futuro da Atividade Motora Adaptada para pessoas portadoras de deficiências/discapacidades.

Poderão fazer parte da SOBAMA todos os profissionais acadêmicos que exerçam funções ou atividades na área da atividade motora adaptada.

SÓCIO TITULAR EFETIVO:

O profissional com título universitário.

SÓCIO TITULAR COLABORADOR:
Aquele que não tem o título universitário.

Estatuto

CAPÍTULO I

Da Constituição, Denominação, Sede, Duração e Fins.

Art.1º - A Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada (SOBAMA), fundada em 09 de dezembro de 1994, na cidade de São Paulo, é uma sociedade civil, de caráter científico e educacional sem fins lucrativos, com personalidade Jurídica e patrimônio próprios que visa o progresso dos estudos da Atividade Motora Adaptada em todos os seus ramos.

Art.2º - A SOBAMA tem sede permanente na cidade de Campinas, Estado de São Paulo, é de duração indeterminada e passa a reger-se por estes estatutos.

Parágrafo único - A SOBAMA, terá sempre sede administrativa e foro na cidade e estado onde residir o Presidente e Tesoureiro, podendo abrir sub-sedes em qualquer unidade da Federação.

Art.3º - O Patrimônio da entidade será constituído de móveis e utensílios, imóveis, veículos, contribuições dos sócios e outros donativos em dinheiro ou em espécie, auxílios oficiais ou subvenções e de qualquer tipo de aplicação financeira de quaisquer espécie entre ativos da sociedade.

Art.4º - A SOBAMA tem por finalidade:

- a) Congregar os estudiosos da área de Atividade Motora Adaptada;
- b) Apoiar e incentivar o desenvolvimento técnico-científico dos seus sócios;
- c) Promover congressos, cursos, simpósios sobre assuntos relacionados a área;
- d) Manter intercâmbio cultural, técnico, científico e associativo com entidades congêneres do País e do Exterior;
- e) Conferir títulos, certificados e prêmios;
- f) Outras ações que não colidam com este Estatuto;
- g) Promover a divulgação do conhecimento produzido na área.

CAPÍTULO II

Dos Sócios

SEÇÃO I

Da Admissão

Art.5º - Poderão fazer parte da SOBAMA todos os profissionais e acadêmicos que exerçam funções ou atividades na área de Atividade Motora Adaptada.

SEÇÃO II

Da Classificação

Art.6º - O quadro social da SOBAMA é composta de sócios, cujo número é ilimitado e que são divididos nas seguintes categorias:

- a) Fundador;
- b) Titular Efetivo;
- c) Colaborador;
- d) Honorário;
- e) Beneméritos.

Art.7º - Entende-se por sócio Fundador o profissional e/ou acadêmico que participaram da Primeira Reunião da SOBAMA e assinaram a respectiva ata de fundação.

Art.8º - Entende-se por sócio Titular Efetivo o profissional portador de título Universitário que exerça atividades no referido campo de conhecimento.

Parágrafo único - O sócio Titular Efetivo será admitido mediante proposta do Delegado Estadual a que pertença o interessado ou sócio fundador acompanhada de curriculum vitae e encaminhada à Diretoria Executiva da SOBAMA.

Art.9º - Entende-se por sócio Colaborador o profissional ainda não portador de título universitário, que desejar integrar o quadro social da SOBAMA.

Parágrafo único - O sócio Colaborador será admitido mediante proposta do Delegado

Nosso Endereço:

Secretaria Geral
Mey de Abreu van Munster
Secretária Geral da Sobama
Rua Guilherme Orlando Sabino, 111
Residencial Samambaia - São Carlos - SP CEP: 13565-555
e-mail: sobama@terra.com.br

Revista da SOBAMA

ISSN 1413-9006

Informações

Para submeter manuscritos

Informações gerais sobre normas e assuntos relativos à revista, contate os editores:

Profa. Dra. Eliane Mauerberg-deCastro

E-mail: mauerber@rc.unesp.br

A remessa de manuscritos para publicação, bem como toda a correspondência que se fizer necessária, deve ser endereçada para:

Profa. Dra. Eliane Mauerberg-deCastro

Departamento de Educação Física da UNESP

Av. 24-A, 1515, Bela Vista

Rio Claro 13506-900, SP

E-mail: mauerber@rc.unesp.br

Comunicações rápidas podem também ser feitas através do fax: (0x) 19-534-0009 e do endereço eletrônico:

mauerber@rc.unesp.br

Para obter assinaturas e números anteriores, contate:

Mey de Abreu van Munster

Secretária Geral da Sobama

Rua Guilherme Orlando Sabino, 111

Residencial Samambaia - São Carlos - SP CEP: 13565-555

E-mail: sobama@terra.com.br

Índice de autores

- Abreu, Marcia p. 49
Almeida, Carla Skilham de p. 11
Almeida, César M. de p. 28
Almeida, José Júlio Gavião de p. 16, p. 43
Alves, Marcos Roberto Lipphaus p. 43
Amorim, Cristiane Silva p. 45, p. 46
Amorim, Minerva Leopoldina de Castro p. 28, p. 31, p. 32
Andrades, Ana Paula Oliveira de p. 35
Appelt, Joice Luiza p. 21, p. 22
Arantes, Luciana Mendonça p. 22, p. 23, p. 31
Araújo, Eliane Aparecida Campanha p. 19
Barbosa, Cínara dos Reis p. 9
Pierotti, Cíntia Campos p. 8
Barbosa, Gracielle Santiago p. 4
Barbosa, Luana Oliveira p. 33, p. 36, p. 37, p. 38, p. 39, p. 48
Barbosa, Mônica Cristiana p. 24
Barreto, Ivana Cristina de H.C. p. 2, p. 7
Barros, Aline da Fonseca p. 39
Basegio, Ivan Antonio p. 13
Bastos, Emiliano Martins da Rocha Diniz p. 41
Borges, Fernanda Panzenhagen p. 35
Borges, Lucélia Justino p. 21, p. 22, p. 23
Borges, Ludmila Jayme p. 11
Braga, Paulo Henrique Azuaga p. 47
Brancatti, Paulo Roberto p. 4, p. 27, p. 28, p. 32, p. 43
Brants, Cássia Aparecida do Carmo p. 32
Brasileiro, Alda Sônia Peres p. 3
Burim, Rubiane p. 15
Calado, Tatiana p. 10
Caleffi, Graziela Dutra p. 28, p. 31, p. 32, p. 42
Calve, Tatiane p. 51
Camargo, Wagner Xavier de p. 17, p. 48
Campbell, Debra F. p. 52
Campos, Viviane Lira p. 35
Canciglieri, Paulo p. 34
Cardoso, Ivan Teixeira p. 1, p. 2, p.6, p. 50
Carvalho, Humberto de p. 18
Cavicchia, Marina de Carvalho p. 12
Chagas, Eliane Ferrari p. 29, p. 32, p. 43, p. 46
Chaves, Leonardo p. 31
Cliquet Júnior, Alberto p. 19
Coelho, Suzana p. 10
Costa, Alberto Martins da p. 33, p.34, p. 36, p. 37, p. 39, p.41, p. 44, p. 45
Costa, Geni Araújo p. 17, p. 21, p. 22, p. 23, p. 24, p. 53
Costa, Luciana Lima da p. 40
Coutinho, Márcia Maria de Azeredo p. 47
Cozzani, Marcia p. 12
Cristofolini, Eliete p. 13
Cruz, Caio Ferraz p. 1, p.2, p.6, p. 19, p. 41, p. 50
Cunha, Alan Giuseppe da p. 43
Cunha, Ana Mara Gomes da p. 46
Dalquano, Ane Beatriz p. 3, p. 5
Dias, Paulo Ricardo Oliveira p. 9
Dias, Raquel Sara Machado p. 35
Dias, Raphael Lourenço Lang p. 3, p. 5
Diehl, Rosilene Moraes p. 10, p. P. 39, 40, p. 49
Duarte, Andréa Fricke p. 9
Duarte, Edison p. 3, p. 5
Emy, Sulamita p. 15
Farias, Sandra Regina Rosa p.7, p. 53
Felix, Valter Luiz da Silva p. 2
Fernandez, Ana Cláudia p. 47
Fernandez, Fernanda p. 51, p. 52
Ferreira, Érika p. 31
Ferreira, Ana Isabel de Figueiredo p. 33
Filus, Josiane Fujisawa p. 3, p. 5
Fogagnoli, Alekssandro Haman p. 11, p. 20
Fraga, Flávio Gomes p. 1, p. 2, p.6, p. 50
França, Cristiani de p. 12, p. 13, p. 14
Fregolente, Giseli p. 41
Freitas, Sylvia Lúcia de p. 52
Fumes, Neiza L. F. p. 10, p. 18, p. 35
Furtado, Otávio Luis P. C. p. 45
Galdino, Márcia Ragalci p. 47
Garcia, Leandro Silva Nunes p. 18, p. 33, p. 36, p. 38, p. 48
Giacon, Sabrina A. p. 5
Giacon, Sabrina Aline p. 49
Godoy, Ubiratan Franco de p. 5, p. 47
Gonzaga, Maxmiliano p. 34, p. 36
Haddad, Fernanda Hipólito p. 1, p. 2, p.6, p. 50
Humsi, Marcelo Jamil p. 2
Jacob, Amanda Cardoso p. 13
Jesus, Obimário Miranda de p. 30
Joaquim, Érica Roberta p. 41
Kube, Luciene Conte p. 34
Leão, Talyta Marielle Sanches p. 34, p. 36
Leão, Talyta p. 33, p. 36, p. 38, p. 48
Leitão, Maria Teresa K. p. 16, p. 28, p. 43
Lemos, Caroline X. Guerreiro de p. 11
Lessa, Carolina Ohlweider p. 39, p. 40
Libório, Renata Maria Coimbra p. 30
Lima, Luciana das Mercês Carvalho p. 17, p. 23, p. 53
Lima, Margareth de Vasconcelos Monteiro e p. p.28, 29, p. 31, p. 32, p. 42
Lima, Solange Rodovalho p. 31
Lima, Sonia Maria Toyoshima p. 3, p. 5

- Lima, Thyciane Baía de Barros p. 35
 Lomeo, Roselane da conceição p. 2, p. 7
 Lopes, Kathya Augusta Thomé p.28, p. 29, p. 31, p.32, p. 42
 Lopes, Maura Corcini p. 9
 Luiz, Élide Marisa Flôres p. 9
 Lula, Simone dos Santos p. 53
 Machado, Mara Lúcia Salazar p. 13
 Maciel, Rangel Ricardo Garcia p. 8
 Maciel, Rosana Mendes p. 33, p. 37, p. 38, p. 39
 Maia, Raquel p. 34
 Maltoni, Caroline p. 16
 Manhães, Renata Borges p. 19
 Manso, Mellina Maria Do Lago p. 41
 Martins, Sandra Mara Faria de Carvalho p. 20
 Mastroiani, Edelvira de Castro Q. p. 43
 Mataruna, Leonardo p. 49
 Matos, Maria Isabel p. 31
 Mattos, Elisabeth de p. 15
 Matteoni, Simone Padilha Cavalcante p. 15
 Mauerberg-deCastro, Eliane p. 12, p. 51, p. 52
 Melgares, Jane p. 13
 Mello, Cláudia Vaz Pupo de p. 14
 Mandarino, Cláudio Marques p. 8, p. 9
 Melo, José Cláudio Alves de p. 46
 Mendonça, Déborah p. 28, p. 31
 Mesquita, Marcio Silva p. 45, p. 46
 Miranda, Talita Barbosa p. 28, p. 32
 Miranda, Talita p. 31
 Monteiro, Carolina Cunha p. 33, p. 36, p. 38, p. 48
 Monteiro, Maria Carolina da Costa p. 29
 Motta, Giselle de Arruda Barreiros da p. 4
 Moura, Débora p. 32
 Moura, Stela Ramos de p. 24
 Nabeiro, Marli p. 5, p. 47, p. 49
 Nakada, Karenn Patrícia p. 3, p. 5
 Nascimento, Erika Morgana Felix do p. 28, p. 32
 Nascimento, Patrícia Vieira do p. 17, p. 24
 Nascimento, Shirley Ferraz do p. 18
 Nasser, John Peter p. 12, p. 14
 Nazaretti, Válber p. 34
 Neves, Denise S. p. 28
 Nogueira, Márcia p. 10
 Nogueira, Paula Streb p. 4
 Novais, Francine Vilela p. 21, p. 22
 Nozaki, Joice Mayumi p. 41
 Nunes, Leandro Garcia Silva p. 34, p. 36
 Oliveira, Cristina Borges de p. 1
 Oliveira, Everton Luiz de p. 28, p. 43
 Oliveira, João Danilo B. de p. 6, p. 7, p. 30, p. 53
 Oliveira, Luana p. 36
 Contin, Luanda p. 41
 Oliveira, Márcia Cristina Aparecida de p. 1, p. 2, p. 6, p. 50
 Oliveira, Murilo Caccioli de p. 1, p. 2, p. 6, p. 50
 Ono, Fernando Eiji p. 41
 Orsi, Rita de Cássia p. 28
 Osorio, Carolina Macarena Diaz p. 29, p. 43, p. 46
 Padotzke, Taís Aline Siebra p. 51
 Palma, Luciana Erina p. 35
 Paula, Adriana Inês de p. 2
 Paulini, Paula p. 16
 Pavão, Ana Lúcia p. 28
 Pedrinelli, Verena Junghähnel p. 50
 Pepato, Sérgio p. 18, p. 34, p. 36, p. 44
 Pereira, Carla Mariana p. 37
 Pereira, Junara Paiva p. 33, p. 37, p. 38, p. 39, p. 44
 Pereira, Viviane Dilma Figueiredo p. 28, p. 31, p. 32
 Perissinoto, Shirley R. p. 5
 Perotti Junior, Alaercio p. 34
 Pick, Rosiane Karine p. 17
 Pol, Doralice Orrigo Cunha p. 39
 Polanczyk, Suelen p. 12, p. 52
 Porto, Mariana p. 32
 Povia, Fabiane Pereira p. 49
 Prado Junior, Milton Vieira do p. 41
 Quevedo, Antônio Augusto Fasolo p. 19
 Ramos, Fabrício Mähler p. 4
 Ramos, Janaine p. 23
 Redin, Euclides p. 9
 Reis, Ana Paula Vieira dos p. 33, p. 37, p. 38, p. 39, p. 44
 Ricardo, Alberto Hatim p. 2, p. 7
 Rocha, Maria Aparecida Marques da p. 9
 Rocha, Ursula Flach da p. 39, p. 40
 Rodrigues Junior, Miguel Jorge p. 17
 Rodrigues, Graciele M. p. 43
 Rodrigues, Graciele Massoli p. 16
 Rodrigues, José Luiz p. 8, p.27
 Rodrigues, Rodrigo Campos p. 33
 Rogério, Rosineide Soares p. 45, p. 46
 Rolim, Livia M. C. p. 5
 Roncoletta, Romilda M. p. 28
 Russo, Renata Costa de Toledo p. 27
 Sampaio, Roberto Oliveira p. 13
 Santana, Ana Paula p. 31
 Santana, Ana Paula Valente p. 28, p. 32
 Santana, Pauline Cerqueira p. 30
 Santos Jr., Vagner Martins dos p. 50
 Santos, Admilson p. 6, p. 7, p. 30, p. 53
 Santos, Cecília Faustino p. 24
 Santos, Eliane Rosa dos p. 21
 Santos, Neriane dos p. 20
 Santos, Nínive Rainho Mendonça dos p. 51
 Santos, Rosângela p. 28, p. 32
 Santos, Silvio Soares dos p. 17, p. P. 24, p. 53
 Santos, Wéverton Lima dos p. 44, p. 45
 Savioli, Vinicius p. 50
 Servo, Maria Lúcia Silva p. 7
 Silva, Adriana Maria Soares da p. 38
 Silva, Amado de Paula da p. 44
 Silva, Erica Gomes p. 17, p. 21
 Silva, Chimenia X. C. da p. 5
 Silva, Daiana Rocha da p. 49
 Silva, Elaine Aparecida da p. 34
 Silva, Elaine Aparecida Vieira Baltazar p. 41
 Silva, Elaine Mara da p. 42

Silva, Eva Vilma da p. 28, p. 32
Silva, Fábila Freire da p. 27
Silva, Kim Raone Martins e p. 28, p. 31, p. 32
Silva, Leonardo Chaves da p. 28, p. 32
Silva, Maria Teresa da p. 45, p. 46
Silva, Rosângela Santos da p. 29
Souza, Catiana Sales de p. 35
Souza, Luiz Humberto Rodrigues p. 23, p. 24, p. 53
Souza, Tânia Clarice Silva de p. 41
Spessato, Bárbara Coiro p. 11
Stecher, Andréia Lopes p. 52
Strapasson, Aline Miranda p. 11, p. 20
Tannús, Marcela Parreira p. 24
Tavares, Maria da Consolação G. C. F. p.3, p. 14, p. 42, p. 45
Teixeira, Célia Maria p. 9
Teixeira, Luzimar p. 52
Torres, Flávia Figueiredo p. 51
Tosim, Alessandro p. 28, p. 34
Travassos, Jéssica Osmondes p. 41
Ulla, Débora Elaine p. 30
Valentini, Nádia Cristina p. 11, p. 17
Vallone, Sílvia Baptista p. 28
van Munster, Mey de Abreu p. 15
Vieira, Laura p. 10
Villa, Fabiane p. 52
Vilma, Eva p. 31
Vitório, Ricardo p. 5
Wagner, Olga Denise Oliveira p. 10
Werner, Tânia p. 35, p. 38, p. 39, p. 51
Xavier, Fabio Alves p. 27
Yassaki, Ronaldo p. 28, p. 31, p. 32
Zonta, Ana Flora Zaniratto p. 47
Zuchetto, Angela T. p. 12, p. 13, p.14

